

Profeta Miqueias: um grito contra as injustiças sociais



03 Introdução ao livro
do profeta Miqueias
Defesa da família: casa e terra
Maria Antônia Marques

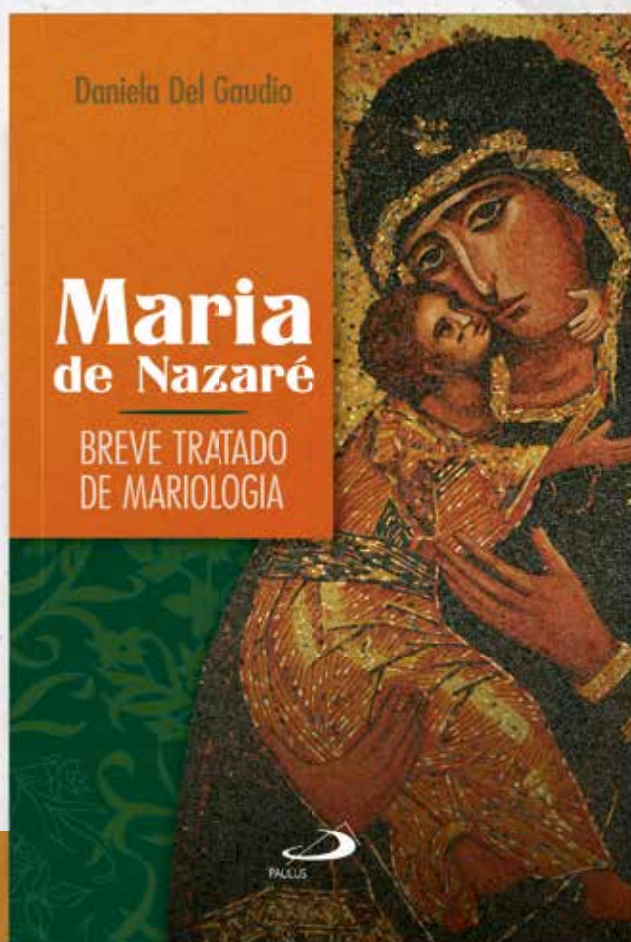
21 A profecia está a serviço de quem?
Uma leitura de Miqueias 3,5-8
Shigeyuki Nakanose

11 Defesa da família: casa e terra
Uma leitura de Miqueias 2,1-3.6-11
Equipe do Centro Bíblico Verbo

31 Jesus: a misericórdia
em movimento
Celso Loraschi

39 Roteiros homiléticos
Pe. Johan Konings

Maria Imaculada, modelo a imitar



Maria de Nazaré Breve tratado de mariologia

Daniela del Gaudio

Este livro foi escrito na intenção de oferecer uma primeira aproximação à pessoa de Maria de Nazaré, seguindo a orientação histórico-salvífica que o Concílio Vaticano II ofereceu aos cultores de mariologia; um estudo sobre Maria segundo as Escrituras, a tradição, a história. A intenção é apresentar a figura da Virgem Maria inserida no mistério de Deus, da Igreja e da humanidade.

184 páginas

Prezados irmãos e irmãs,

Graça e Paz!

A palavra profeta significa aquele que anuncia, que proclama a mensagem de outrem. Não no sentido comum de predizer o futuro, e sim como um artesão, ministro e artista da palavra a serviço do mandato divino. O profeta, por vocação, é o homem da palavra. Ele é um comunicador eloquente.

Na Bíblia o profeta é um arauto, um porta-voz a quem Deus confia uma mensagem, lhe autoriza a comunicação e garante sua veracidade. No entanto, não se trata de mero repetidor. Os profetas precisavam se empenhar para elaborar os oráculos com o suor da frente, assim como faz todo artesão quando lapida a madeira para elaborar a obra de arte. Aos profetas é imprescindível o domínio da língua, daí a mensagem profética ser permeada de poesia. Deste modo, os profetas são também poetas.

Não há dúvidas de que, na história da humanidade, houve poucas linguagens tão fecundas quanto a linguagem dos profetas bíblicos. Veja-se, por exemplo, a força transformadora da expressão do profeta Miqueias, denunciando os poderosos de seu tempo que oprimiam os indefesos: “Vocês são gente que devora a carne do meu povo e arranca suas peles; quebra seus ossos e os faz em pedaços, como um cozido no caldeirão” (Mq 3,3). O profeta não tem medo de dizer a verdade, mas a sabe dizer com palavras acertadas.

O profeta não fala por si mesmo; se o fizer, é falso. Ele entrega todo o seu ser a serviço do alto, mas com os pés no chão da vida. Os olhos voltados para Deus e também para o mundo. O mundo com tudo que há de mais contraditório e de mais belo.

Mesmo diante de situações que pareciam não ter saída, o profeta vê sinal de es-

perança. Seus olhos têm a luminosidade do alto. É um olhar de ternura, de misericórdia e de acolhida. Toda ação profética é banhada de contemplação, o que significa dizer que é um agir com discernimento. Uma ação iluminada pela oração. O profeta tem consciência de sua condição física: em seu corpo há dois ouvidos e uma boca. Por isso, antes da palavra, ele considera o silêncio. Seu ouvido afinado ouve o que Deus fala. Seus pés, sempre prontos para partir, ainda quando cansados, têm pressa em semear a Palavra consoladora.

Ao profeta importa que a vida seja mais. E sua palavra é um alerta para que ninguém se perca; ao contrário, encontre-se e viva feliz. O profeta denuncia o que não é de Deus. E anuncia o que é de Deus. Seus lábios pronunciam a doçura divina e acusam corajosamente tudo o que diminui a vida: “Ai daqueles que, deitados na cama, ficam planejando a injustiça e tramando o mal!” (Mq 2,1). Seu olhar irradia a paz, a concórdia, o amor sem medida. Suas mãos estão sempre prontas para abençoar, tocar e curar. Seus braços, sempre abertos para abraçar e proteger.

Que este número de *Vida Pastoral* contribua para que a comunidade cristã, a exemplo do profeta Miqueias, seja autenticamente profética, não meça esforços para clamar por justiça em nome dos que são jogados na lama, das crianças famintas, dos jovens sem oportunidades, dos idosos humilhados, de todos os discriminados por causa da sua condição econômica, cor ou origem. A Trindade nos inspire neste empenho.

Pe. Antonio Iraildo Alves de Brito, ssp
Editor

Editora PIA SOCIEDADE DE SÃO PAULO
Diretor Pe. Claudiano Avelino dos Santos
Editor Pe. Antonio Iraldo Alves de Brito
MTB 11096/MG
Conselho editorial Pe. Antonio Iraldo Alves de Brito,
Pe. Claudiano Avelino dos Santos,
Pe. Darci Marin e Pe. Paulo Bazaglia
Ilustrações internas Luís Henrique Alves Pinto
Editoração Fernando Tangi

Revisão Jennifer Almeida, Alexandre Santana e Caio Pereira
Assinaturas assinaturas@paulus.com.br
(11) 3789-4000 • FAX: 3789-4011
Rua Francisco Cruz, 229
Depto. Financeiro • CEP 04117-091 • São Paulo/SP
Redação © PAULUS – São Paulo (Brasil) • ISSN 0507-7184
vidapastoral@paulus.com.br
paulus.com.br / paulinos.org.br
vidapastoral.com.br

Vida Pastoral – Assinaturas

A revista *Vida Pastoral* é distribuída gratuitamente pela Paulus. A editora aceita contribuições espontâneas para as despesas postais e de produção da revista.

Para as pessoas que moram em cidades onde não há livraria Paulus e desejam receber a revista, as assinaturas podem ser efetuadas mediante envio dos dados para cadastro de assinante (nome completo, endereço, telefone, CPF ou CNPJ) e de contribuição espontânea para a manutenção da revista. Para os que já são assinantes e desejam renovar a assinatura, pede-se acrescentar aos dados também o código de assinante.

Para contato:

E-mail: assinaturas@paulus.com.br

Tel.: (11) 3789-4000

Fax: (11) 3789-4004

Para a efetuação de assinaturas, enviar dados e cópia de comprovante de depósito da contribuição para despesas postais para:

Revista *Vida Pastoral* – assinaturas

Rua Francisco Cruz, 229 – Depto. Financeiro

04117-091 – São Paulo – SP

Contas para depósito de contribuição para despesas postais:

Banco do Brasil: agência 0646-7, conta 5555-7

Bradesco: agência 3450-9, conta 1139-8

Livrarias Paulus

APARECIDA – SP

Centro de Apoio aos Romeiros
Lojas 44,45,78,79
(12) 3104-1145
aparecida@paulus.com.br

ARACAJU – SE

Rua Laranjeiras, 319
(79) 3211-2927
aracaju@paulus.com.br

BELÉM – PA

Rua 28 de setembro, 61 –
Campina – (91) 3212-1195
belem@paulus.com.br

BELO HORIZONTE – MG

Rua da Bahia, 1136
Ed. Arcângelo Maleta
(31) 3274-3299
bh@paulus.com.br

BRÁSILIA – DF

SCS – Q.1 – Bloco I – Edifício
Central – Loja 15 – Asa Sul
(61) 3225-9847
brasilia@paulus.com.br

CAMPINAS – SP

Rua Barão de Jaguara, 1163
(19) 3231-5866
campinas@paulus.com.br

CAMPO GRANDE – MS

Av. Calógeras, 2405 – Centro
(67) 3382-3251
campogrande@paulus.com.br

CAXIAS DO SUL – RS

Av. Júlio de Castilho, 2029
(54) 3221-7797
caxias@paulus.com.br

CUIABÁ – MT

Rua Antônio Maria Coelho, 180
(65) 3623-0207
cuiaba@paulus.com.br

CURITIBA – PR

Pça. Rui Barbosa, 599
(41) 3223-6652
curitiba@paulus.com.br

FLORIANÓPOLIS – SC

Rua Jerônimo Coelho, 119
(48) 3223-6567
florianopolis@paulus.com.br

FORTALEZA – CE

Rua Floriano Peixoto, 523
(85) 3252-4201
fortaleza@paulus.com.br

GOIÂNIA – GO

Rua Seis, 201 – Centro
(62) 3223-6860
goiania@paulus.com.br

JOÃO PESSOA – PB

Praça Dom Adauto, S/N
Junto à Cúria – Centro
(83) 3221-5108
joao Pessoa@paulus.com.br

JUIZ DE FORA – MG

Av. Barão do Rio Branco, 2590
(32) 3215-2160
juizdefora@paulus.com.br

MANAUS – AM

Rua Itamaracá, 21, Centro
(92) 3622-7110
manaus@paulus.com.br

NATAL – RN

Rua Cel. Cascudo, 333
Cidade Alta – (84) 3211-7514
natal@paulus.com.br

PORTO ALEGRE – RS

Rua Dr. José Montaury, 155
Centro – (51) 3227-7313
portoalegre@paulus.com.br

RECIFE – PE

Av. Dantas Barreto, 1000 B
(81) 3224-9637
recife@paulus.com.br

RIBEIRÃO PRETO – SP

Rua São Sebastião, 621
(16) 3610-9203
ribeiraopreto@paulus.com.br

RIO DE JANEIRO – RJ

Rua México, 111-B
(21) 2240-1303
riodejaneiro@paulus.com.br

SALVADOR – BA

Rua Direita da Piedade, 75
Barris (71) 3321-4446
salvador@paulus.com.br

SANTO ANDRÉ – SP

Rua Campos Sales, 255
(11) 4992-0623
stoandre@paulus.com.br

SÃO LUÍS – MA

Rua do Passeio, 229 – Centro
(98) 3231-2665
saoluis@paulus.com.br

SÃO JOSÉ DO RIO PRETO – SP

Rua XV de Novembro, 2826
(17) 3233-5188
riopreto@paulus.com.br

SÃO PAULO – PRAÇA DA SÉ

Praça da Sé, 180
(11) 3105-0030
pracase@paulus.com.br

SÃO PAULO – RAPOSO TAVARES

Via Raposo Tavares, Km 18,5
(11) 3789-4005
raposotavares@paulus.com.br

SÃO PAULO – VILA MARIANA

Rua Dr. Pinto Ferraz, 207
Metrô Vila Mariana
(11) 5549-1582
vilamariana@paulus.com.br

VITÓRIA – ES

Rua Duque de Caxias, 121
(27) 3323-0116
vitoria@paulus.com.br



Introdução ao livro do profeta Miqueias

Defesa da família: casa e terra

Maria Antônia Marques*

Miqueias, termo hebraico que pode ser traduzido por “quem como Javé?”, uma espécie de aclamação litúrgica, nasceu em Morasti – aldeia situada no interior de Judá, perto da cidade de Gat, cerca de 30 km a sudoeste da capital Jerusalém –, em meio à realidade conflitiva e sofrida dos camponeses, vítimas dos grandes proprietários de terra e do exército.

*Assessora do Centro Bíblico Verbo e professora na Faculdade Dehoniana, em Taubaté, na Faculdade Católica de São José dos Campos e no Itesp, em São Paulo. Juntamente com o Centro Bíblico Verbo, tem publicado todos os anos pela Paulus um subsídio para reflexão e círculos bíblicos para o mês da Bíblia. O do ano de 2016 é *Defesa da família: casa e terra – entendendo o livro de Miqueias*. E-mail: ma.antoniacbv@yahoo.com.br

Ao abrimos o livro do profeta Miqueias, deparamo-nos com fortes denúncias e julgamentos severos contra as autoridades do seu tempo. À luz de seu sofrimento e de sua mística, o profeta acredita que Javé, o Deus da vida, não compactua com a realidade de injustiça. No século VIII a.C., Judá passou por momentos muito difíceis, como guerras constantes, expropriação de produtos e de terras dos camponeses, recrutamento para os exércitos e para as obras públicas.

A situação em que vivemos não mudou muito. Os conflitos em torno da posse da terra continuam, e muitas pessoas são assassinadas por defenderem o direito à terra. Enfrentamos altas tributações no campo e na cidade, e as autoridades políticas defendem seus próprios interesses. Crescem o desemprego e a violência, o que faz o medo e a insegurança se tornarem parte do nosso cotidiano. Impera a lógica do “salve-se quem puder”. Com os pés fincados no século VIII a.C. e em nossa realidade, queremos reler a profecia de Miqueias, buscando luzes para iluminar a nossa pastoral.

Como porta-voz da população camponesa, esmagada pelo sofrimento, Miqueias grita:



Escutem bem, chefes de Jacó, governantes da casa de Israel! Por acaso, não é obrigação de vocês conhecer o direito? Inimigos do bem e amantes do mal, vocês arrancam a pele das pessoas e a carne de seus ossos. Vocês são gente que devora a carne do meu povo e arranca suas peles; quebra seus ossos e os faz em pedaços, como um cozido no caldeirão. Depois, vocês gritarão a Javé, mas ele não responderá. Nesse tempo, ele esconderá o rosto, por causa da maldade que vocês praticaram (Mq 3,1-4).¹

Podemos ouvir a voz do profeta nos capítulos 1-3, oráculos escritos no fim do século VIII a.C., período no qual a Palestina era dominada pelo Império Assírio. Com base nesses capítulos, é possível enxergar a dura realidade do povo, esmagado pelos tributos entregues ao império e aos dirigentes de Judá. Além disso, o povo era explorado pelos fazendeiros, militares e comerciantes, com a sucessiva perda de seus próprios direitos: família, casa e terra (2,1-11). O profeta denuncia a absoluta miséria e a opressão de seus irmãos, que carinhosamente chama de “meu povo” e também “meus ossos”.

Conhecendo o profeta Miqueias

Palavra de Javé que veio a Miqueias de Morasti, nos dias de Joatão, Acaz e Ezequias, reis de Judá, sobre o que ele viu a respeito de Samaria e de Jerusalém (Mq 1,1).

O primeiro versículo do livro de Miqueias situa a sua atividade em três reinados dos reis de Judá: Joatão (740-736 a.C.), Acaz (736-716

a.C.) e Ezequias (716-687 a.C.). Mas, segundo a informação do livro sobre a destruição da Samaria (Mq 1,2-7: 722 a.C.) e a invasão de Judá pela Assíria (Mq 1,8-16: 701 a.C.), Miqueias atuou principalmente entre 725-701 a.C., no reino do Sul. Nesse período, Judá estava sendo ameaçado e devastado pela Assíria.

“O povo era explorado pelos fazendeiros, militares e comerciantes, com a sucessiva perda de seus próprios direitos: família, casa e terra.”

Miqueias, termo hebraico que pode ser traduzido por “quem como Javé?”, uma espécie de aclamação litúrgica, nasceu em Morasti – aldeia situada no interior de Judá, perto da cidade de Gat, cerca de 30 km a sudoeste da capital Jerusalém –, em meio à realidade conflitiva e sofrida dos camponeses, vítimas dos grandes proprietários de terra e do exército.

Morasti estava localizada na planície da Shefelá, a região agrícola mais fértil e produtiva de Judá. Nessa área havia numerosa criação de ovelhas e grande produção de trigo e cevada, por isso os conflitos e grilagens ali eram frequentes e causavam sérios problemas e sofrimentos aos pequenos agricultores.

Gat era uma das cidades fortificadas, junto com Soco, Laquis, Maresa e Odolam, em um círculo de dez quilômetros, para proteger a capital Jerusalém (Mq 1,8-16). Era evidente em Morasti-Gat a presença constante de militares e funcionários da corte de Jerusalém, os quais cometiam crimes de abuso de poder para cobrar impostos, recrutar camponeses e extrair seus produtos agrícolas.

Além da violência diária, a região de Morasti, quase na fronteira do reino de Judá com a Filisteia, sofreu vários conflitos militares com os filisteus e os assírios no tempo de Miqueias. Conflitos de terra cobiçada e expropriada, produtos extraídos, cobrança de impostos, recrutamento, trabalho forçado, corrupção, guerras, violência, muito sofrimento, essa é a realidade que cerca o “meu povo” (do profeta Miqueias).

Tal realidade transparece nos oráculos do profeta: “Cobiçam campos, e os roubam; que-

¹ Os textos bíblicos citados nos artigos sobre o livro de Miqueias foram extraídos da *Nova Bíblia Pastoral*, São Paulo: Paulus, 2014.



rem uma casa, e a tomam. Assim oprimem ao varão e à sua casa, ao homem e à sua herança” (Mq 2,2); “Prestem atenção, governantes de Israel, vocês que têm horror ao direito e entortam tudo o que é reto, que constroem Sião com sangue e Jerusalém com perversidade” (Mq 3,9b-10). É o linguajar duro e concreto de quem vive no meio do povo espoliado e exprime sua dor e ira contra os poderosos. O estilo rural do profeta o torna semelhante a Amós, também profeta do povo do campo, no reino do Norte.

Miqueias e Isaías foram profetas do mesmo período, no reino do Sul, Judá. Isaías foi educado no templo e na cidade de Jerusalém, local de sua atuação profética. Miqueias, por sua vez, vivia na aldeia do interior de Judá e pode ter sido um agricultor, um ancião, representante de um lugarejo. Atuou como porta-voz das pessoas oprimidas contra o grupo dirigente: chefes, governantes, sacerdotes e profetas de Jerusalém (Mq 3,11). Diferentemente dos profetas da corte, ele não se deixou corromper pela ganância e pelo lucro, mas se autoafirmava como homem “repleto de força, do espírito de Javé, do direito e da fortaleza para denunciar a Jacó o seu crime e a Israel o seu pecado” (Mq 3,8).

Pisando o chão de Miqueias

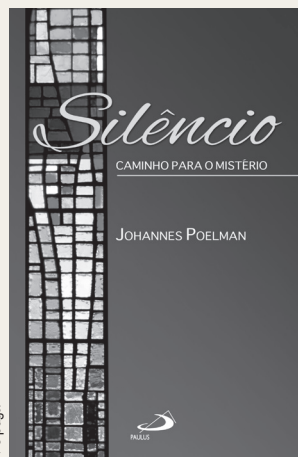
Vocês expulsam da felicidade da casa as mulheres do meu povo, e tiram dos seus filhos a dignidade que eu lhes tinha dado para sempre (Mq 2,9).

A família e a casa são as principais vítimas: as mulheres expulsas da casa, espaço fundamental da vida, deixando as crianças sem direito à herança. O tempo de Miqueias foi um dos mais difíceis na vida do povo do reino de Judá. Vários acontecimentos internos e externos causaram espoliação e violência contra os camponeses nesse período.

No cenário internacional, aconteceu a expansão do império assírio, sob o comando de Teglat-Falasar III (745-727 a.C.). Esse impé-

Silêncio Caminho para o Mistério

Johannes Poelman



O silêncio interior surge quando o homem se concentra numa única pergunta: “Quem sou eu?”. Passando de intuição em intuição, num movimento em espiral, percorre o próprio interior para encontrar sua verdade. Ela se lhe revela pouco a pouco. Nesta obra encontramos a descrição corajosa de uma procura obstinada. O autor nos desvela suas vivências de medo, quando o peso da verdade ameaça derrubá-lo, e as de intensa felicidade, quando algo sublime, sem cor, se manifesta.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





rio viveu um momento de reflorescimento, aumento de força e imperialismo, buscando obter o domínio dos pequenos países, também da Síria e da Palestina, por volta de 740 a.C. Para impedir o avanço da Assíria, Israel (Efraim) fez aliança com o rei de Aram (Síria), em 735 a.C. Os dois reinos, incluindo cidades filisteias e arameias, tentaram obter o apoio de Judá. Porém, Acaz, rei de Judá, não aceitou entrar na coalizão contra a Assíria. Síria e Israel empreenderam guerra contra Judá.

Esse movimento ficou conhecido como a guerra siro-efraimita (735-734 a.C.). Foi uma guerra desastrosa para o povo de Morastigat, a região da Shefelá, que foi palco de diversas guerras. Essa região enfrentou guerra, pilhagem, violência contra a família, a casa e a terra do “meu povo”! Diante do avanço das tropas da Síria e de Israel, Judá pediu proteção ao império assírio. A partir desse momento, Judá se submeteu e se tornou vassalo da Assíria, pagando tributos. Mais cobrança e espoliação contra a população camponesa!

Teglat-Falasar III pôs fim à insurreição dos países aliados, destruindo Damasco, capital de Aram, e tomando posse das cidades estratégicas de Israel (2Rs 15,29). Em 727 a.C., após a morte de Teglat-Falasar III, seu filho, Salmanasar V (726-722 a.C.), assumiu o trono da Assíria. Nessa mudança, Israel se revoltou de novo contra a Assíria. Salmanasar V invadiu Israel em 724 a.C. e sitiou a cidade de Samaria, capital do Norte. Em 722 a.C., seu filho, Sargom II (722-705 a.C.), apoderou-se da cidade e deportou parte da população para a Mesopotâmia e a Média. Foi o fim do reino do Norte (722 a.C.).

E o que aconteceu com o reino do Sul, Judá? Com a queda da Samaria, começou um novo período em Judá:

a) Muitos israelitas da Samaria fugiram para Judá, incluindo um grupo com bons re-

ursos. Novos assentamentos se formaram na área rural e houve grande aumento populacional nas cidades principais, como Laquis e Beersheva. Nesse período, a população de Jerusalém, por exemplo, aumentou de mil para 15 mil habitantes;

b) Com o desaparecimento do poderoso Estado de Israel, houve crescimento e expansão de Judá, especialmente por causa da intensificação da atividade econômica: azeite e vinho no mercado internacional, a indústria de cerâmica etc. Judá progrediu e prosperou!

Mas, como sempre, o desenvolvimento beneficiou apenas os ricos e poderosos de Jerusalém. O aumento populacional provocou uma corrida selvagem às terras e casas: “Cobiçam campos, e os roubam; querem uma casa, e a tomam” (Mq 2,2). Com o aumento do comércio internacional, os governantes intensificaram a espoliação dos produtos dos camponeses. Para isso, utilizaram até a religião.

Para aumentar os recursos e o controle, o rei Ezequias fez a “reforma religiosa”, promovendo o movimento de centralização: por exemplo, declarou o culto, o sacrifício e a festa somente no templo de Jerusalém, em nome de Javé oficial do Estado (cf. 2Rs 18; Dt 13). Oprimiu e enfraqueceu os santuários do interior, centro religioso e econômico dos camponeses. Mais produtos, comércio, tributos para os ricos e poderosos de Jerusalém e, ao mesmo tempo, mais corrupção, roubo e violência contra o povo do campo: “seus sacerdotes ensinam a troca de lucro e seus profetas dão oráculo por dinheiro” (Mq 3,11).

A ambição e a ganância levaram os governantes a planejar a revolta contra a Assíria. Como preparação para a guerra, o rei Ezequias executou várias novas obras e reformas:

Um novo muro para a proteção dos novos bairros na capital;

“A reforma do rei Ezequias oprimiu e enfraqueceu os santuários do interior, centro religioso e econômico dos camponeses.”



Um canal para levar, para dentro dos muros até a piscina de Siloé, a água da fonte de Geon (2Rs 20,20; Is 22,11);

O fortalecimento das cidades fortificadas, como Laquis, entre outras.

Tudo isso pesou sobre a vida dos camponeses, o que implicou mais tributos, trabalhos forçados (corveia) e recrutamento militar. Em 713 a.C., as cidades-estados filisteias promoveram a rebelião contra a Assíria, da qual Ezequias participou. Em 711 a.C., Sargon II conseguiu rechaçar e controlar os estados rebeldes. Judá escapou desse destino porque se retirou da coligação a tempo e mais uma vez se submeteu à Assíria, pagando pesados impostos. Todavia, os governantes de Jerusalém não desistiram de sua ambição e expansionismo.

No ano de 705 a.C., morreu Sargon II, que foi substituído por Senaquerib (704-681 a.C.). Ezequias aproveitou-se desse momento de transição e crise da Assíria e promoveu uma guerra contra as cidades filisteias até Gaza, recuperando, assim, um território perdido para a Assíria (2Rs 18,8). Logo depois, ele mesmo, com o apoio do Egito, liderou um novo movimento antiassírio e entrou em guerra contra as cidades filisteias. A reação da Assíria foi violenta.

Em 701 a.C., Senaquerib rechaçou o Egito, invadiu Judá, conquistou 46 cidades fortificadas, cercou Jerusalém e exigiu a rendição de Judá (Mq 1,8-16; 2Rs 18,13-16). Essas guerras atingiram diretamente o povo de Morasti-Gat, uma das cidades fortificadas. O cenário era de devastação: saques, violência, destruição das famílias, casas e tomada de suas terras!

Enfim, o profeta Miqueias viveu como camponês em uma pequena vila, Morasti-Gat, em fins do século VIII a.C. A situação ia de mal a pior... Violência, espoliação, presença de militares e de oficiais nas fortalezas da região, tributo, corrupção, empobrecimento, exploração e desapropriação de terras dos camponeses. Mais guerras e devastação. As palavras de Miqueias apontam o principal gerador desses ma-

les: “Prestem atenção, governantes de Israel [...], que constroem Sião com sangue e Jerusalém com perversidade” (Mq 3,9b.10). Ambição e ganância! O grito de Miqueias foi lembrado pelos anciãos até no tempo do profeta Jeremias, cerca de cem anos depois da morte de Miqueias: denúncia contra os governantes que edificam Jerusalém com o sangue dos camponeses (Jr 26,1-24). Ao ler as palavras de Miqueias, podemos sentir a dor do seu povo. Vamos colocar nosso coração e nossos pés junto à vida sofrida da população camponesa de ontem e de hoje.

Conhecendo a redação e a estrutura do livro de Miqueias

Como todos os textos da Bíblia, o livro de Miqueias agrega palavras do profeta e da tradição ao longo de vários séculos. Os capítulos 1 a 3 remontam à pregação de um profeta judaíta, de Morasti-Gat, do século VIII a.C., sobretudo no reinado de Ezequias (cf. Jr 26,18). É uma pregação crítica que afirma que os ricos e os poderosos de Jerusalém serão castigados. Os capítulos 4 a 7, no entanto, são acréscimos de outros autores, temas e preocupações.

Portanto, é possível estabelecer o seguinte quadro:

Palavra de outro grupo profético do Norte, no século VIII a.C. (Mq 6,1-7,7):

- “Pois eu fiz você subir da terra do Egito, o resgatei da casa da escravidão e mandei Moisés, Aarão e Miriam à frente de você” (Mq 6,4).

- “Você obedece às ordens de Amri e a todas as práticas da família de Acab, e vive conforme os princípios dela” (Mq 6,16).

Em comparação com Mq 1 a 3, Mq 6,1-7,7 apresenta seu próprio destinatário, teologia e linguagem:

O texto nunca menciona Judá, Jerusalém e Sião do reino do Sul. Fala de Amri e Acab, principais reis do reino do Norte;

A principal perspectiva teológica de Mq 6,1-7,7 é a tradição de êxodo, uma das ca-



racterísticas dos oráculos dos profetas do Norte (Os 11,1-6);

Mq 6,1-7,7 utiliza sua própria terminologia, como o termo “príncipe”, *sar*, em hebraico (Mq 7,3).

É possível que Mq 6,1-7,7 tenha sido escrito pelos profetas do Norte. Por ocasião da queda da Samaria, eles se refugiaram no reino do Sul, trazendo consigo suas tradições, e se uniram com o grupo de Miqueias. O texto registra a denúncia contra os crimes cometidos por governantes do Norte, como Amri, Acab e seus respectivos seguidores, entre 887 e 722 a.C.

Semelhante à denúncia de Oseias, profeta do Norte, afirma que a infidelidade e a injustiça atingem a casa e as relações familiares mais íntimas (Os 7,5-6).

Releituras exílicas e pós-exílicas (Mq 2,12-13; 4,1-5,14; 7,8-20):

- “Eu reunirei você todo, ó Jacó. Recolherei o que sobrou de você, ó Israel!” (Mq 2,12a).

- “Porque de Sião sairá a Lei e de Jerusalém virá a palavra de Javé” (Mq 4,2b).

- “Mas você, Belém de Éfrata, tão pequena entre os clãs de Judá! É de você que sairá para mim aquele que deve governar Israel!” (Mq 5,1a).

- “É o dia de reconstruir seus muros! Nesse dia, suas fronteiras serão mais amplas” (Mq 7,11).

O tema de grande importância nos capítulos 4 e 5, junto com 2,12-13 e 7,8-20, é o da restauração de Sião, típico dos autores do exílio e do pós-exílio, ao passo que o profeta Miqueias de 1 a 3 prega o castigo e a destruição do templo e de Sião. Destacam-se, em Mq 4 a 5, as questões do exílio: o cerco de Sião, a destruição de Jerusalém, o sofrimento do exílio, o messias, Javé como pastor, a esperança do resgate, a restauração do templo. Em Mq 2,12-13, o resto de Israel. E em Mq 7,8-20, a

reconstrução da nação em torno de Jerusalém e a confiança no Deus misericordioso.

No período do exílio (587-538 a.C.), quando Jerusalém estava em ruína, os profetas ligados a Sião fizeram a releitura das palavras de Miqueias com a preocupação pelos sobreviventes (o resto de Israel) e pela restauração de Jerusalém. O processo de releitura durou até mais ou menos o ano 500 a.C. com o forte movimento da centralização no templo de Jerusalém: “Vamos subir para o monte de Javé, para o Templo do Deus de Jacó” (Mq 4,2).

Com as releituras e os acréscimos, o redator

final teria organizado o livro alternando ameaças e promessas para moderar a severidade dos oráculos de Miqueias, dando origem à seguinte estrutura:

1,2-2,11 (ameaça) - 2,12-13 (promessa);

3,1-12 (ameaça) - 4,1-5,14 (promessa);

6,1-7,7 (ameaça) - 7,8-20 (promessa).

Como os demais escritos proféticos, o texto de Miqueias recebeu diversos acréscimos. A preocupação dos

redatores não estava com a ordem cronológica dos oráculos proféticos, e sim com a mensagem de Deus para o povo do seu tempo. A mensagem principal do redator final do livro de Miqueias é, sem dúvida, a restauração do templo, de Jerusalém e da nação; ao contrário, Miqueias, profeta do povo oprimido pelos governantes de Jerusalém, nunca proclamaria louvor à capital. É importante situar, portanto, cada oráculo em seu devido contexto para entender sua mensagem, sobretudo para escutar o grito de quem defende a terra, a família e a casa para produzir a vida e de quem luta por esses dons.

Algumas indicações para a leitura da profecia de Miqueias

A ambição e a ganância dos grupos dirigentes de Jerusalém sobrecarregaram o

“A mensagem principal do redator final do livro de Miqueias é a restauração do templo, de Jerusalém e da nação.”



povo, especialmente a população camponesa, que sofreu com tributos pesados, endividamento, violência, perda da terra, desintegração familiar-comunitária. Miqueias, partilhando da mesma sorte de seu povo, foi corajoso e ousado ao proclamar o castigo de Javé para as autoridades civis e religiosas de Jerusalém, bem como a própria destruição da cidade santa.

Ao retomar as palavras de Miqueias, queremos nos deixar conduzir pelo “Espírito de Javé, do direito e da fortaleza” e, com a mesma audácia, denunciar as realidades de injustiças que vivemos hoje. O caminho dos profetas de Javé é a luta pela defesa da justiça e da vida ameaçada, o mesmo projeto de Jesus e o de toda pessoa cristã.

Os poderosos violentam a vida dos pobres

Miqueias denuncia as autoridades civis e religiosas: “Ouçam isto, chefes da casa de Jacó. Prestem atenção, governantes de Israel, vocês que têm horror ao direito e entortam tudo o que é reto, que constroem Sião com sangue e Jerusalém com perversidade. Os chefes de vocês proferem sentença a troco de suborno. Seus sacerdotes ensinam a troco de lucro e seus profetas dão oráculos por dinheiro” (Mq 3,9-11). A injustiça e a corrupção social começam com as autoridades, atingindo a vida do povo. A população camponesa foi o grupo mais explorado pelas autoridades. Miqueias denuncia chefes, magistrados, profetas e sacerdotes. Que a mesma ousadia do profeta inspire a nossa ação pastoral.

Roubo e violência contra os camponeses

“Ai daqueles que, deitados na cama, ficam planejando a injustiça e tramando o mal! É só o dia amanhecer, já o executam, porque têm o poder nas mãos” (Mq 2,1). Os poderosos planejam e executam seu plano

de expropriação de terras contra camponesas/es. A menção a cobiçar, roubar, tomar e oprimir a herança é forte denúncia contra aqueles que estão realizando desapropriações injustas. E o pior: há profetas e sacerdotes que usam o nome de Deus para justificar os atos dos poderosos. “Terra, casa e família” são elementos essenciais para a sobrevivência da população camponesa (Mq 2,1-3.6-11). Este grito do profeta nos ajuda a ouvir os clamores dos pobres de hoje, que têm seus direitos roubados. E Deus não se faz presente na realidade de injustiça.

Uso da religião para alienar as pessoas

Javé assim diz contra os profetas que extraviam meu povo, que anunciam a paz quando têm algo para mastigar, mas declaram guerra contra os que nada lhes põem na boca: Por isso vocês terão noite em lugar de visões; escuridão em vez de oráculo. O sol se esconderá sobre esses profetas, a luz do dia se apagará sobre eles. Os videntes ficarão confusos. Todos cobrirão a barba, porque Deus não responderá (Mq 3,5-7).

No Antigo Israel havia profetas que eram funcionários dos grupos dirigentes e, em nome de Deus, defendiam o projeto de opressão do Estado. Quem são os profetas de hoje que, mesmo correndo risco de morte, defendem condições de vida digna e são capazes de erguer suas vozes contra as realidades de morte?

Praticar o direito, amar a misericórdia e caminhar com Deus

O grupo profético recorda a fidelidade de Deus ao longo da história do povo, desde a saída do Egito, passando pelo deserto, até a chegada à terra prometida. Deus não quer um culto separado da vida: “Ó homem, já foi explicado o que é bom e o que Javé exige de você: praticar o direito, amar a misericórdia,



caminhar humildemente com o seu Deus” (Mq 6,8). É um convite a viver o direito e a misericórdia. Deus não quer uma religião baseada em práticas legalistas, mas uma vivência que nos impulse para o compromisso com a transformação social.

Reavivando a esperança do povo

No tempo exílico e pós-exílico, Israel sonha com paz, que Mq 4,3 afirma: “De suas espadas vão fazer enxadas, e de suas lanças farão foices. Um povo não vai mais pegar em armas contra outro, nunca mais aprenderão a fazer guerra”. É uma sociedade em que Javé, finalmente, reina como Deus da justiça e da misericórdia, um tempo sem dominação, opressões e guerras. Ao

invés de armas de guerras, instrumentos de trabalho, organização e cuidado com a natureza para produzir alimentos saudáveis para a vida. Guerra jamais! É um sonho e uma crítica contra o militarismo do Estado e as sociedades injustas no coração das famílias dos refugiados que buscam lugar para viver no mundo de hoje.

Pisamos no chão sagrado da comunidade do profeta Miqueias e da tradição que se formou ao redor desse profeta. Inspirados em sua ação, pedimos que o Senhor da Vida desperte em nós o desejo de ser profetisas e profetas da justiça, do direito e da misericórdia. Que em nossa caminhada possamos dar continuidade à missão de Jesus e unir nossas forças na construção do Reino de Deus. ●

Bibliografia

(referente aos três artigos sobre o livro do profeta Miqueias)

CUFFEY, Kenneth H. *The literary coherence of the book of Micah*. New York: Bloomsbury, 2015.

FINKELSTEIN, Israel. *O reino esquecido: arqueologia e história de Israel Norte*. São Paulo: Paulus, 2015.

KAEFER, José Ademar. *A Bíblia, a arqueologia e a história de Israel e Judá*. São Paulo: Paulus, 2015.

NOVA BÍBLIA PASTORAL. São Paulo: Paulus, 2014.

SICRE, José L. *A justiça social nos profetas*. São Paulo: Paulus, 1990.

SMITH, Ralph L. Micah-Malachi. In: METZGER, Bruce M. (Org.). *Word Biblical Commentary*. Texas: Word Books, 1987, v. 32.

WILSON, Robert R. *Profecia e sociedade no Antigo Testamento*. São Paulo: Paulus, 1993.

ZABATIERO, Júlio Paulo Tavares. *Miqueias: voz dos sem-terra*. Petrópolis: Vozes, 1996.

A origem da Bíblia

Um guia para os perplexos

Lee Martin McDonald

Este é um grandioso trabalho que oferece respostas e explica os caminhos percorridos pela Bíblia até os dias atuais. Em linguagem acessível, o autor descreve como a Bíblia cristã teve seu início, desenvolveu-se e, por fim, fixou-se. Lee Martin McDonald analisa textos desde a Bíblia hebraica até a literatura patrística.

PAULUS,
dá gosto de ler!

paulus.com.br
11 3789-4000 | 0800-164011
vendas@paulus.com.br



Imagens meramente ilustrativas.



Defesa da família: casa e terra

Uma leitura de Miqueias 2,1-3.6-11

Equipe do Centro Bíblico Verbo

O profeta Miqueias, de Morasti, da Shefelá, uma das regiões mais férteis do reino do Sul, defronta-se com os ricos e com os dirigentes do Estado, acusando-os de roubar casas e campos. O profeta descreve a realidade de seus irmãos camponeses com suas terras expropriadas e suas famílias e casas destruídas.

No dia 5 de novembro de 2015, por volta das 16 horas, aconteceu o rompimento da barragem do Fundão, em Mariana, Minas Gerais. Um mar de lama inundou o distrito de Bento Rodrigues, soterrando muitas moradias. É o maior desastre ambiental do Brasil e, nos últimos 30 anos, o maior do mundo. Os 34 milhões de metros cúbicos de rejeitos, com metais pesados, lançados na natureza destruíram vidas humanas, famílias, casas, comunidades, árvores, vegetação, matas ciliares, rios e córregos da região.

De acordo com o balanço, 15 pessoas foram mortas, 207 casas soterradas, 663 quilômetros do Rio Doce e seus afluentes foram contaminados, 1.469 hectares de terras arrasados, 80 espécies de peixes foram extintas e o abastecimento de água ficou comprometido em muitas cidades. Os custos ambientais são incalculáveis. Nos últimos três anos, só 6% das 15 mil barragens no país foram visto-



riadas e há riscos de rompimento de outras barragens.¹

A tragédia em Mariana foi provocada pelo desleixo e ambição de alguns grupos econômicos. O desastre representa um atentado à vida humana, à família, à casa, à terra e à natureza. Os interesses econômicos de alguns grupos continuam provocando muitos males e, infelizmente, os culpados continuam impunes.

No cenário internacional, há milhões de pessoas sem família, casa e terra. No Oriente e na África, muitos povos vivem em guerras. É triste e angustiante pensar na dor e nos sofrimentos dos refugiados de guerras em busca de sobrevivência; quantos perderam a vida, família, casa e terra e foram desprezados e rejeitados. O cenário é desolador: devastação de cidades, natureza e seres humanos!

Em nosso Brasil, também há milhões de pessoas que vivem de maneira indigna: sem moradia, sem terra, sem emprego, sem saneamento básico e em condições insalubres. Nossos irmãos e irmãs pedem desesperadamente socorro, sem obter resposta. “Pois bem, sabemos que a criação inteira geme e sofre até agora com dores de parto” (Rm 8,22), diz Paulo. As ações do ser humano orientadas pela ambição e ganância degradam a natureza e arruinam a vida da humanidade.

Ontem, como hoje, o povo de Israel também foi esmagado e sua vida foi arruinada. Uma das comunidades é a do profeta Miqueias, que sofre com a exploração da elite agrária e dos governantes sediados em Jerusalém. O profeta denuncia como os grandes cobiçam, roubam, tomam e oprimem a herança dos camponeses: família, casa e terra

(Mq 2,1-3.6-11). No texto, ecoa o gemido da comunidade com sua esperança teimosa pela vida. É o gemido que nos faz pensar e lutar contra a degradação da família: casa e terra.

1. Família, casa e terra

Javé Deus plantou um jardim em Éden, no Oriente, e aí colocou o homem que havia modelado. Javé Deus fez brotar do solo todas as espécies de árvores agradáveis de ver e boas para comer, e no centro do jardim a árvore da vida e a árvore do conhecimento do bem e do mal. Javé Deus colocou o homem no jardim de Éden para que o cultivasse e o guardasse (Gn 2,8-9.15).

O ponto alto, no relato da criação de Gn 2,4b-25, testemunha a missão do ser humano de cultivar e cuidar do universo: terra, água, animais e plantações. Toda a natureza está em função da vida. O ser humano, chamado a ser cocriador com Deus, desfruta da terra, da água e do trabalho como gratuidade de Deus. No Sl 65,10-11, lemos: “Visitas a terra e a regas, e a enriqueces com fartura. Os riachos de Deus estão cheios d’água, e irrigas os trigais. Assim os preparas: regas seus sulcos, nivelas os terrões e fazes cair chuviscos afofando a terra, abençoando seus brotos”. Deus criou, cria e criará o mundo para que todas as criaturas tenham a vida plenamente.

Conforme o relato da criação, a vida plena do ser humano é marcada e sustentada pela relação íntima e fraterna. O ser humano (*’adam*) está fortemente ligado com a terra (*’adamah*): ele é modelado a partir da terra. Com os animais, o ser humano está em relação íntima, pois ele nomeia todos os seres vivos (Gn 2,20). Dar nome na cultura judaica corresponde a chamar à existência: proximidade e convivência.

“Conforme relato da criação, a vida plena do ser humano é marcada e sustentada pela relação íntima e fraterna.”

¹ Disponível em: [Vida Pastoral • ano 57 • nº 311](http://#<fatoonline.com.br/conteudo/13516>. Acesso em: 5 fev. 2016.</p></div><div data-bbox=)

Enfim, a mulher (*'ishá*) é gerada a partir da costela do homem (*'ish*). Conforme a crença da época, a costela é o lugar íntimo, onde reside o amor. Além do mais, a expressão “osso dos meus ossos e carne da minha carne!” (Gn 2,23) indica relação de parentesco íntima e profunda. O homem e a mulher formam a família e a casa com a dignidade (Gn 2,24-25). A terra, a água, as plantações, os animais, os homens, as mulheres, a casa, a família.... Tudo isso em harmonia, convivência e vida com a gratuidade do Deus Criador!

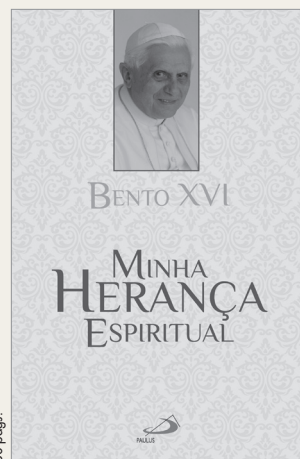
Todavia, as coisas não estavam acontecendo desta forma no tempo em que o relato de Gn 2,4b-3,24 foi escrito pelos representantes dos camponeses. Na realidade, essa descrição é uma utopia e, ao mesmo tempo, um protesto contra a destruição da natureza, terra, plantações, animais, humanos, casa e família. Por volta do ano 730 a.C., o profeta Oseias, do reino do Norte, denuncia a situação perversa de sua terra:

Ouçam a palavra de Javé, filhos de Israel! Javé abre um processo contra os habitantes da terra, pois não há mais fidelidade, nem amor, nem conhecimento de Deus na terra. Há juramento falso e mentira, assassinio e roubo, adultério e violência, e sangue derramado se ajunta a sangue derramado. Por isso, a terra geme e seus habitantes desfalecem; os animais do campo, as aves do céu e até os peixes do mar estão desaparecendo (Os 4,1-3).

Javé move um grande processo contra os crimes de Israel. A acusação é que não há fidelidade, amor e conhecimento. Essas palavras expressam as atitudes fundamentais da aliança com Javé, Deus Criador. Na aliança, a fidelidade revela o sentido da responsabilidade do ser humano na relação com a terra e seus habitantes. Entretanto, rei, sacerdotes e elite dirigente pensam apenas em si mesmos, numa luta desenfreada pelos bens e o poder.

Minha herança espiritual

Bento XVI



Este livro, dando a palavra diretamente a Bento XVI, deseja propor uma síntese significativa do seu rico magistério. Entre os muitos ensinamentos que Bento XVI nos deixou em oito anos de pontificado, há sem dúvida o premente convite para buscar a Deus e ser testemunhas autênticas da fé. Bento XVI se fez companheiro de viagem de todo homem para conduzi-lo ao encontro com Cristo, plenitude da verdade e sentido último da vida.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





“Sangue derramado se ajunta a sangue derramado” (Os 4,3). É expressão forte para descrever a morte de gente inocente pela ação institucionalizada do Estado, que promove guerras e assassinatos, invade a casa das famílias e confisca filhos, produtos e, muitas vezes, a própria terra... O universo e seus habitantes padecem juntos.

A mesma situação ocorre no reino do Sul, Judá. Com a queda da Samaria, do reino do Norte, em 722 a.C., os habitantes da capital, principalmente famílias ricas e influentes, migram para Judá. Houve um grande aumento populacional no interior e nas cidades do reino do Sul. Este foi um dos fatores de florescimento e consolidação de Judá como Estado. Com o desaparecimento do reino do Norte, seu rival, Judá, desenvolveu-se e floresceu com mais tributos, aumento do comércio internacional e da indústria. Mas, ao mesmo tempo, a Bíblia registra a realidade muito frequente da cobiça, injustiça e violência contra o povo, já empobrecido pelos tributos pagos ao Estado judeu e ao império assírio. O progressivo crescimento da população, do consumo, do comércio e do lucro provoca uma corrida pelo produto e pela terra, sobretudo na região fértil e produtiva.

O profeta Miqueias, de Morasti, da Shefelá, uma das regiões mais férteis do reino do Sul, defronta-se com os ricos e com os dirigentes do Estado, acusando-os de roubar casas e campos: “Vocês expulsam da felicidade da casa as mulheres do meu povo, e tiram dos seus filhos a dignidade (herança: casa e terra) que eu lhes tinha dado para sempre” (Mq 2,9). Em Mq 2,1-3.6-11, o profeta descreve a realidade de seus irmãos camponeses com suas terras expropriadas e suas famílias e casas destruídas.

2. “São vocês os inimigos do meu povo”

A proclamação de Miqueias inicia-se com um “ai”, que indica maldição e castigo. O profeta denuncia um grupo que está acumulando terras. Em sua visão, o roubo é um projeto cuidadosamente pensado: “Ai daqueles que, deitados na cama, ficam planejando a injustiça e tramando o mal” (Mq 2,1a). Eles planejam e executam porque têm o poder nas mãos.

Eles “cobiçam” campos e os roubam! O termo cobiçar, do hebraico *hamadh*, tem o sentido de desejar apaixonadamente, a ponto de empregar todos os meios para obter o objeto desejado. Roubar, *gazal*, tem o sentido de

apoderar-se, arrancar, tirar à força. É extorsão e aquisição ilegítima e, ainda por cima, legalizada por juízes corruptos (Mq 3,9-11). As terras estão sendo roubadas de seus legítimos proprietários por meio de ações violentas. Não há limites para as ações dos acumuladores: eles tomam a casa e oprimem o homem e a sua herança.

Os termos cobiçar, roubar, tomar e oprimir a herança traduzem a realidade de exploração da parte de um grupo contra a população camponesa, que sofre espoliações e desapropriações injustas. Esse problema também foi condenado pelo profeta Isaías, eis a sua proclamação: “Ai daqueles que juntam casa com casa e emendam campo com campo, até que não sobre mais espaço e sejam os únicos a habitarem no meio da terra” (Is 5,8).

Os ladrões de terra têm poder para executar o mal e a injustiça. Mas quem são eles? Miqueias responde em seus oráculos: “Escutem bem, chefes de Jacó, governantes da casa de Israel! Por acaso, não é obrigação de vocês conhecerem o direito?” (Mq 3,1); “Ouçam isto, chefes da casa de Jacó. Prestem atenção, governantes de Israel, vocês que têm horror

“O profeta denuncia um grupo que está acumulando terras. Em sua visão, o roubo é um projeto cuidadosamente pensado.”

ao direito e entortam tudo o que é reto, que constroem Sião com sangue e Jerusalém com perversidade” (Mq 3,9-10).

A cobiça e o roubo de terras são praticados pelo grupo do poder, os construtores de Jerusalém e seus aliados fazendeiros. Com a política de expansão do rei Ezequias, os governantes necessitam de mais terras e produtos para o comércio, exportação e lucro. Os grandes, então, estão articulando a “grilagem” em grande escala, sobretudo na planície de Shefelá – a terra de Miqueias, a região mais fértil e produtiva do país. Eles não respeitam mais o direito de propriedade familiar e tribal, baseada nas leis da herança: a terra dos antepassados serve para a vida familiar e comunitária dos camponeses e não se vende (1Rs 21). “Assim oprimem ao varão e à sua casa, ao homem e à sua herança” (Mq 2,2), denuncia Miqueias.

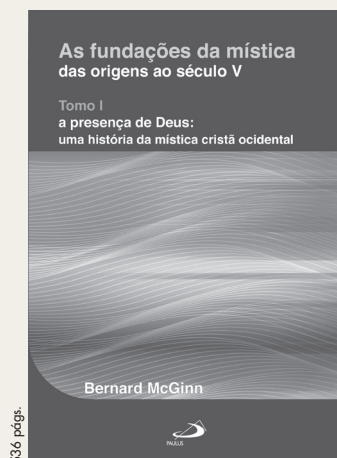
Fiel à compreensão mais antiga de Deus, o profeta afirma que Ele está do lado dos oprimidos: “Vejam! Estou planejando contra esta gente uma desgraça, da qual não poderão esconder o pescoço, nem poderão andar de cabeça erguida. Será um tempo de desgraça” (Mq 2,3). “Esta gente” é expressão de desprezo. O termo pescoço é uma imagem para jugo e escravidão (Is 10,27). Ou seja, os acumuladores de terras serão humilhados e escravizados. Trata-se de forte condenação.

Mas os acusados rejeitam a denúncia e tentam calar a voz do profeta: “Não profetizem, não profetizem essas coisas! A desgraça não cairá sobre nós” (Mq 2,6). O termo “profetizar”, *nataph*, em hebraico, significa: gotejar, tagarelar, escorrer, pingar. Para os acusados, Miqueias está falando “bobagem”! As acusações do profeta são um insulto, pois eles se sentem fiéis a Javé oficial e acreditam que Deus está do lado deles, no templo da cidade santa, Jerusalém, nenhuma desgraça lhes acontecerá. Afinal, acreditam que o rei é “filho de Deus” e a casa davídica do rei Eze-

As fundações da mística: das origens ao século V

Tomo I – A presença de Deus: uma história da mística cristã ocidental

Bernard McGinn



Este volume é o primeiro de quatro dedicados à história e à teologia da mística cristã ocidental. Bernard McGinn busca um conhecimento mais completo e crítico da história da mística cristã, bem como avaliações teológicas contemporâneas mais completas e críticas do fenômeno. Para isso, ele organiza sua obra em duas partes — “As Raízes Históricas da Mística Ocidental” e “Os Primórdios da Mística Ocidental” — e um apêndice, no qual examina o estudo moderno da mística.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





quias é abençoada por Javé (cf. Sl 2; 2Sm 7). Ou seja, como eles dizem: “Por acaso, Javé não está meio de nós? Nada de mal nos poderá acontecer!” (Mq 3,11).

Miqueias responde, apresentando as provas concretas da realidade do povo oprimido: “São vocês os inimigos do meu povo: de cima da túnica, arrancam o manto de quem vive tranquilo ao voltar da guerra. Vocês expulsam da felicidade da casa as mulheres do meu povo, e tiram dos seus filhos a dignidade que eu lhes tinha dado para sempre” (Mq 2,8-9).

Há vários crimes cometidos pelos governantes:

a) “Voltar da guerra”: os camponeses são recrutados constantemente, deixando o cultivo da terra na mão de mulheres e crianças. Apesar disso, eles ainda são obrigados a pagar os tributos pesados;

b) “Arrancar o manto”: o direito dos pobres é violado (Dt 24,10-13; Am 2,8);

c) “Expulsar as mulheres da casa”: a casa é o espaço central da vida das mulheres no mundo patriarcal (Pr 31,10-31);

d) “Tirar dos seus filhos a dignidade”: as crianças têm seu direito à herança negado.

Por fim, Miqueias proclama: “Se aparecesse um homem contando estas mentiras: ‘Eu lhes profetizo vinho e bebida forte’, este, sim, seria um profeta para esse povo” (Mq 2,11: o v. 10 é um acréscimo posterior que reflete o exílio da Babilônia). Ele usa o mesmo termo “profetizar”, cujo sentido é gotejar, tagarelar, pingar, do versículo 5, acusando os profetas da corte de proferir um discurso sem sentido. Eles não falam a verdade: os falsos profetas (Mq 3,5-8)!

Evidentemente, há um conflito com os profetas da corte que estão do lado dos poderosos, legitimando seus atos. Eles profetizam “vinho e bebida forte”, uma forma de ironizar a profecia desses profetas. Na realidade, eles

mentem, convidam à vida de alienação e luxo e estão preocupados com seus próprios interesses. Não são profetas do povo!

Como podemos perceber, Miqueias foi um profeta corajoso, fiel a Javé, defensor dos pobres e fiel no seu compromisso de defender a prática da justiça: “Por acaso, não é obrigação de vocês conhecer o direito?” (Mq 3,1). Que esse espírito profético reacenda o nosso compromisso com a construção do Reino da Vida, no qual as pessoas reunidas em famílias, grupos, comunidades e nações vivam na fraternidade, na solidariedade e na justiça. Ou seja: toda a humanidade, como uma família, deve respirar junto com a terra, a mãe planeta!

**“Toda a humanidade,
como uma família,
deve respirar junto
com a terra, a mãe
planeta.”**

3. Família e solidariedade

Do suor dos trabalhos de sua mão você comerá, será feliz e tudo lhe irá bem. Sua esposa será como vinha fértil, no coração de sua casa; e seus filhos como galhos de oliveira, ao redor de sua mesa (Sl 128,2-3).

O Sl 128 entoa a felicidade e a bênção para a vida familiar como o núcleo de solidariedade e partilha nas aldeias de Israel. Segundo a arqueologia, a família de Israel pode ser chamada de “família ampliada” ou “grande família”. Nela viviam aproximadamente 40-50 pessoas, compostas dos membros de mesmo sangue ou de habitação comum: maridos, esposas, concubinas, filhos e filhas, escravos e escravas, viúvas, órfãos, hóspedes estrangeiros etc. Família, lugar de acolhida, convivência, solidariedade...

Na aldeia, o grupo de famílias forma um clã como a base da administração, do aparato judicial, da defesa e da exploração territorial (como pastagem). E, por território comum, as aldeias vizinhas formam uma tribo, normalmente alegando descendência comum.



Na tribo, as famílias e os clãs assumem e praticam a troca matrimonial, a relação de hospitalidade, a defesa, a obra comunitária (estradas, pontes) o estabelecimento de percurso de migração periódica de rebanhos etc.

Na vida da sociedade tribal e de suas aldeias, o pilar básico de agrupamento, solidariedade e convivência é, sem dúvida, a família ampliada com sua terra familiar e comunitária. É fundamental defender a família e assegurar a permanência da terra: “Honre seu pai e sua mãe. Deste modo você prolongará a vida na terra que Javé seu Deus lhe dá” (Ex 20,12). Os principais meios para a defesa da família são a instituição do levirato e a do *go’el*:

1) A solidariedade familiar: o levirato e o *go’el*

Quando irmãos habitam juntos e um deles morrer sem deixar filhos, a viúva não deve sair para casar-se com um estranho. Um cunhado dela vai se achar a ela e tomá-la como mulher, cumprindo o dever de cunhado. O primeiro filho que nascer receberá o nome do irmão falecido para que o nome deste não se apague em Israel (Dt 25,5-6).

No mundo patriarcal, a herança passa pela linhagem masculina. Sem filho, a viúva perde sua casa e terra. Com a instituição do levirato, o cunhado, do latim *levir*, tem o dever de receber por mulher a viúva de seu irmão, para evitar a transferência dos bens da família, casa e terra, para outra tribo. A família, por ser a “peça germinal” da sociedade, deve ser preservada a todo o custo. No caso da ausência de cunhado, a sociedade tribal estabelece a instituição do *go’el*:

Se um irmão seu cai na miséria e precisa vender algo de sua propriedade, o parente mais próximo dele, que tem o direito de resgate, irá até ele e resgatará aquilo

que o irmão tiver vendido (Lv 25,25).

O resgatador, ou protetor, *go’el*, em hebraico, é um dos irmãos ou parentes mais próximos, que assume um papel importante de ajudar, proteger e resgatar a vida familiar. Além de resgatar um campo vendido em tempos de necessidade, ele resgata um irmão “escravo” que se vende a si mesmo no tempo da miséria:

Seu irmão terá direito a resgate, mesmo depois de vendido. Será resgatado por um de seus irmãos, ou seu tio paterno, por seu primo, por qualquer um dos membros da sua família, ou poderá resgatar a si mesmo, se conseguir recursos para isso (Lv 25,48-49).

De acordo com o livro dos Números 35,19: “Cabe ao vingador de sangue (*go’el*) matar o homicida”. Ou seja, o resgatador executa a sentença de morte pela vida perdida de um dos seus irmãos.

Sendo um dos laços mais fortes na solidariedade e convivência social, a família, assim, deve estar aberta aos outros, e seus membros devem ser protegidos. O sentimento de fraternidade e solidariedade se alimenta e cresce nas pessoas do grupo familiar, compostas dos membros de mesmo sangue ou de habitação comum: maridos, esposas, concubinas, filhos e filhas, escravos e escravas, viúvas, órfãos, estrangeiros etc. Mas, com a consolidação da monarquia, a família perde pouco a pouco seu espaço de proteção e acolhida.

2) A desintegração da família

Assim diz Javé: Por três crimes de Israel e por quatro, não voltarei atrás. Porque vendem o justo por dinheiro e o indigente por um par de sandálias. Pisoteiam os fracos no chão e desviam o caminho dos pobres. Pai e filho vão à mes-



ma jovem, profanando assim meu nome santo (Am 2,6-7).

No tempo de Jeroboão II (783-743 a.C.), o profeta Amós denuncia e julga o que está acontecendo no reino de Israel: injustiça social, corrupção e manipulação religiosa. Aproveitando a crise das grandes potências – Egito e Assíria –, o rei e a elite do Norte aumentam o comércio, o lucro e a mordomia. O Estado importa artigos de luxo e equipamentos militares e exporta produtos agrícolas, especialmente vinho, trigo e óleo. Os produtos importados são bem mais caros e desequilibram a balança comercial, exigindo que o Estado aumente os tributos. Muitas famílias camponesas ficaram endividadas e são forçadas a vender suas filhas e suas propriedades. A família é destruída, fica sem espaço de convivência, solidariedade e acolhida! A desintegração, que atinge as famílias do Norte, reproduz-se no Sul:

São vocês os inimigos do meu povo: de cima da túnica, arrancam o manto de quem vive tranquilo ao voltar da guerra. Vocês expulsam da felicidade da casa as mulheres do meu povo, e tiram dos seus filhos a dignidade que eu lhes tinha dado para sempre (Mq 2,8-9).

Após a queda da Samaria (722 a.C.), o reino de Judá se transforma em um “Estado completamente desenvolvido” com o aumento da população e da prosperidade. Porém, a riqueza beneficia somente a elite. A maioria da população enfrenta endividamento, perda da casa e da “dignidade” (herança) e crescente escravidão: a desintegração familiar e comunitária! O espaço de solidariedade decresce e o dever do “resgatador” perde a força. Por isso, os profetas desse período denunciavam: “Não fazem justiça ao órfão, e a causa

da viúva nem chega até eles” (Is 1,23).

Com a consolidação do regime teocrático, ou seja, governado por sacerdotes e escribas de Judá a serviço do império persa, por volta de 450 a.C., as famílias fecham cada vez mais suas portas para os pobres.

3) O fechamento da família

“Os produtos importados são bem mais caros e desequilibram a balança comercial, exigindo que o Estado aumente os tributos.”

Levam embora o jumento que pertence ao órfão, e penhoram o boi que é da viúva. Eles desviam os indigentes para fora do caminho, e todos os pobres da terra têm de se esconder. Passam a noite nus por falta de roupa, não têm cobertura para se proteger contra o frio. Ficam molhados com as chuvas das montanhas e se apertam entre os rochedos por falta de abrigo. Arrancam o órfão do peito materno e penhoram quem é pobre. Na cidade os mortais gemem e os feridos pedem socorro, mas Deus não dá importância a essa infâmia (Jó 24,3-4.7-9.12).

Na sociedade teocrática de Judá, baseada na lei do puro e do impuro, uma pessoa é considerada justa e pura quando consegue cumprir as exigências da Lei. Caso contrário, é considerada impura e excluída da participação do Templo e da vida comunitária. O rito de purificação exige sacrifício e entrega de produtos ao Templo, e, por isso, o Deus oficial do Templo “não dá importância a essa infâmia” dos pobres sem recursos. Mais ainda, segundo a Lei, alguns grupos vivem em situação de impureza permanente – por exemplo, os estrangeiros e os deficientes (Lv 13,45-46; Esd 9,1-10,44).

O sentimento de solidariedade decresce e a pessoa não respeita as tradições das aldeias comunitárias, como afirma Dt 10,18: “Deus faz justiça ao órfão e à viúva e ama o estran-



geiro (migrante), dando-lhe pão e roupa”. A família se fecha cada vez mais no interesse e na honra dos membros do mesmo sangue. Nas páginas do Novo Testamento, há uma história que ilustra o fechamento do grupo familiar contra a abertura de Jesus de Nazaré ao próximo: “os parentes de Jesus foram detê-lo” (Mc 3,21).

4) A família aberta ao próximo e à vida comunitária

Jesus foi para casa. E de novo a multidão se aglomerou, de modo que eles não conseguiam nem comer. Quando souberam disso, os parentes de Jesus foram detê-lo, porque diziam: “Ele ficou louco!...” Chegaram então a mãe e os irmãos de Jesus. Ficaram do lado de fora e mandaram chamá-lo. Jesus lhes respondeu: “Quem é minha mãe e meus irmãos?” E olhando em volta para os que estavam sentados ao seu redor, Jesus disse: “Eis minha mãe e meus irmãos. Pois quem fizer a vontade de Deus, esse é meu irmão, minha irmã e minha mãe” (Mc 3,20-21.31.33-35).

Os parentes julgam Jesus e dizem: “Enlouqueceu”. O julgamento deve ser causado pela prática de Jesus. Ele vive no meio dos “endemoninhados” (Mc 1,32) – doentes, pobres, forasteiros etc. –, toca o leproso (Mc 1,41), come com os pecadores (Mc 2,15) e acolhe a mulher impura (Mc 5,25-34). O que Jesus está propondo é reincorporar os marginalizados na vida social, em vez de excluí-los pela Lei discriminatória. Devolver-lhes a alegria de viver como gente. Formar uma comunidade. Uma família do Deus da vida.

Entretanto, os parentes e familiares de Jesus tentam prender e neutralizar essa ação dele que compromete e ameaça o interesse, o nome e a vida da sua família e seu clã na sociedade judaica tradicional da Lei e no mun-

do mediterrâneo da cultura patriarcal de “honra e vergonha”. Para a família empobrecida pelo Império Romano e doutrinação pela lei do puro e do impuro, não há espaço para os pobres e outras categorias de impuros e marginalizados.

O dever de um membro de uma aldeia judaica é a fidelidade e a obediência ao chefe (ancião) de seu clã e a seu pai, que controla a família, seu nome e sua herança. A honra e o interesse de uma família estão em primeiro lugar e devem ser mantidos até com a morte. A organização e a tradição familiar são meios importantes de sobrevivência e, ao mesmo tempo, servem, muitas vezes, para manter o interesse do grupo familiar e o sistema do poder na sociedade judaica. Ou seja, o interesse familiar de sangue arranja e cria obstáculos à abertura ao próximo necessitado. Neste contexto, Jesus afirma em Lc 14,26: “Quem vem a mim e não deixar em segundo plano seu próprio pai e mãe, mulher, filhos, irmãos, irmãs e até sua própria vida, não pode ser meu discípulo”.

5) “Família ampliada” nas comunidades da primeira carta de Pedro

Sejam hospitaleiros uns com os outros, sem reclamar. Cada um de vocês coloque a serviço dos outros o dom que tiver recebido, sendo assim bons administradores das muitas formas da graça que Deus concedeu a vocês (1Pd 4,9-10).

A primeira carta de Pedro foi destinada a várias comunidades da Ásia Menor, uma das regiões mais exploradas e controladas pelo Império Romano. Nessas comunidades havia estrangeiros, forasteiros e escravos. Nas cidades greco-romanas, os forasteiros não pertenciam ao povo e nem sequer podiam ter casa no país. Eram estranhos, indesejados e não possuíam direito algum. Os estrangeiros residentes podiam ter moradia, mas também não

eram bem-aceitos pela população nativa, não tinham direito de cidadania: não podiam votar nem ter terra.

Nesse contexto da Ásia Menor, a hospitalidade para os forasteiros era um desafio e também um peso econômico, afinal, eram pessoas pobres acolhendo outras pessoas pobres e indesejadas: uma prática de risco. Para motivar as pessoas à prática da hospitalidade, o autor da carta faz a seguinte exortação; “Acima de tudo, conservem vivo o amor mútuo, pois o amor cobre uma multidão de pecados” (1Pd 4,8). É o amor entre as pessoas que tem o poder de perdoar os pecados, de eliminar o ódio, a hipocrisia, as calúnias. Ao acolher as pessoas necessitadas e perseguidas, os cristãos formam uma “família ampliada”, lugar de acolhida, convivência, solidariedade, como na sociedade tribal de Israel e no movimento de Jesus.

4. Uma palavra final

Hoje, convivemos ainda com a realidade injusta e violenta como a de Amós, de Miqueias, de Jesus de Nazaré e dos primeiros cristãos. As pessoas sem terra, casa e família ampliada se

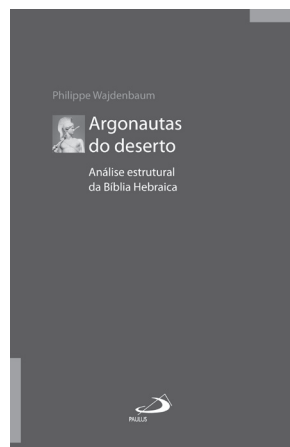
espalham pelo mundo afora... São pessoas pobres e indesejadas pela sociedade. Não podemos simplesmente nos acomodar e fechar os olhos a esta realidade. Os camponeses de Israel pregavam: “Deus criou o universo e toda a humanidade como uma família” (Gn 1-2). As primeiras comunidades cristãs cantavam: “Eu vim para que todos tenham vida, que todos tenham vida plenamente” (Jo 10,10).

E a esperança teimosa de construir uma “Casa Comum”, justa e fraterna, para todos os seres vivos continua ecoando uma oração pela vida:

Pelas dores deste mundo, ó Senhor, imploramos piedade; a um só tempo geme a criação. Teus ouvidos se inclinem ao clamor desta gente oprimida; apressa-te com tua salvação! A tua paz, bendita e irmanada com a justiça, abraça o mundo inteiro, tem compaixão! O teu poder sustente o testemunho do teu povo; teu Reino venha a nós! Kyrie eleison! (Rodolfo Gaede Neto) ●

Argonautas do deserto Análise estrutural da Bíblia Hebraica Philippe Wajdenbaum

Argonautas do deserto apresenta um comentário revolucionário sobre a Bíblia e suas origens, defendendo que a maior parte das narrativas e leis bíblicas teriam sido inspiradas na literatura grega. Cada capítulo apresenta o material bíblico de modo a compará-lo a equivalentes gregos ou romanos, discutindo similaridades e diferenças.

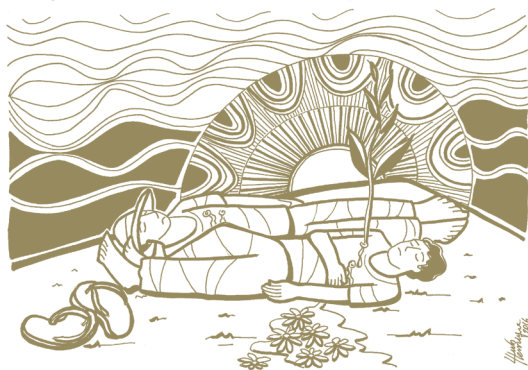


Imagens meramente ilustrativas.

PAULUS,
dá gosto de ler!

paulus.com.br
11 3789-4000 | 0800-164011
vendas@paulus.com.br


PAULUS



A profecia está a serviço de quem?

Uma leitura de Miqueias 3,5-8

Shigeyuki Nakanose, svd*

No dia 22 de janeiro de 2016, Edmilson Alves da Silva, 45 anos, um dirigente sem-terra, na cidade de Japaratinga, litoral norte de Alagoas, foi brutalmente assassinado com três tiros. Ele estava na entrada do assentamento Irmã Daniela, quando foi surpreendido por dois homens, que estavam em uma motocicleta. Motivo do crime: a luta pela terra.

Francisca das Chagas Silva, 34 anos, foi assassinada no dia 1º de fevereiro de 2016. Ela era membro do Sindicato dos Trabalhadores e das Trabalhadoras Rurais de Miranda do Norte, no Maranhão. Seu corpo foi encontrado nu, com sinais de estupro, estrangulamento e perfurações. Mais uma vítima do latifúndio.¹

*Religioso verbita, assessor do Centro Bíblico Verbo, leciona no Itesp (São Paulo) e na Faculdade Católica de São José dos Campos. Junto com a equipe do Centro Bíblico Verbo, tem publicado todos os anos pela Paulus um subsídio para reflexão e círculos bíblicos para o mês da Bíblia. O do ano de 2016 é: *Defesa da família: casa e terra – entendendo o livro de Miqueias*. E-mail: shigenakanose@ig.com.br / Facebook.com/shigeyuki.nakanose

O número de pessoas assassinadas por denunciarem a injustiça e defenderem a vida é muito grande, e quase sempre os culpados não são punidos. O ano de 2015 teve o maior número de mortes no campo dos últimos 12 anos: 49 homens e mulheres a serviço da vida do povo injustiçado. Porém, isto é divulgado somente pela impren-

1 Disponível em: #<www.alagoas24horas.com.br>; <www.vermelho.org.br>. Acesso em: 6 fev. 2016.



sa local e não chega ao conhecimento da maioria da população brasileira. O pior é que algumas pessoas insultam e caluniam as pessoas assassinadas, tachando-as de bandalheiras e insurgentes.

O Antigo Testamento também registra várias acusações, calúnias e violências contra os profetas que denunciavam a injustiça e a exploração praticadas contra o povo empobrecido: Miqueias do Norte (1Rs 22,13-28); Amós (Am 7,10-15); Miqueias do Sul (Mq 2,6-7); Jeremias (Jr 26,1-24; 37,11-38,6) etc.

Os principais acusadores contra esses profetas são os profetas da corte, que intrigam, desinformam, manipulam e cegam o povo em nome de Deus. Os profetas contra os profetas! Quem são os profetas? Suas profecias estão a serviço de quem? Diante da realidade sofrida do Brasil, onde 5 mil famílias brasileiras detêm 49% do PIB (produto interno bruto), podemos nos perguntar: O que significa ser profeta do Deus da Vida hoje?

1. O profetismo em Israel e Judá no século VIII a.C.

Amasias disse a Amós: “Vidente, vá embora daqui. Retire-se para a terra de Judá. Vá ganhar sua vida fazendo lá suas profecias. Não me venha mais fazer profecias em Betel, pois isto aqui é o santuário do rei, e é templo do reino”. Amós respondeu a Amasias: “Eu não sou profeta, nem discípulo do profeta. Eu sou criador de gado e cultivador de sicômoros” (Am 7,12-14).

Embora originário do reino do Sul (Té-cua), Amós anuncia e denuncia no Norte, no tempo do reinado de Jeroboão II (783-743

a.C.). É o tempo de expansão e prosperidade com o comércio internacional, exportação de produtos agrícolas (azeite, trigo, vinho etc.) para o Egito, a Assíria e a Arábia. Porém, a prosperidade beneficia somente os ricos e os governantes, que roubam e exploram os camponeses. Assim, Amós afirma: “Eles odeiam aqueles que se defendem na

porta e têm horror de quem fala a verdade. Porque esmagam o fraco, cobrando dele o imposto do trigo. Pois eu sei como são numerosos seus crimes e graves seus pecados: exploram o justo, aceitam subornos e enganam os necessitados junto à porta” (Am 5,10.12).

Diante da denúncia de Amós, atingindo até o santuário do rei de Betel (Am 7,10), Amasias, sacerdote oficial do rei, acu-

sa Amós de ameaçar e subverter a ordem estabelecida no Estado. Manda que ele se afaste do país. A resposta de Amós: “Eu não sou profeta, nem discípulo do profeta. Eu sou criador de gado e cultivador de sicômoros”.

Será que Amós não é um profeta? Quem é o profeta? Qual a sua função? Ontem como hoje, há vários tipos de profetas e de profetisas. Um grupo de profetas na Bíblia pode ser classificado como “profetas oficiais”, a serviço do poder. A Bíblia registra, no reino do Norte, a presença dos profetas na corte, servindo o rei. No reinado de Acab, por exemplo, há os profetas de Baal, acompanhando e servindo a rainha Jezabel, filha do rei dos sidônios e mulher de Acab.

Em 1Rs 18,20-22, lemos: “Acab convocou todos os filhos de Israel e reuniu os profetas no monte Carmelo [...]. Elias continuou: ‘Fiquei sozinho como profeta de Javé, enquanto os profetas de Baal são quatrocentos e cinquenta’”. Mais ainda, o mesmo livro testemunha: “O rei de Israel (Acab) reuniu os profetas, cerca de quatrocentos homens, e lhes

**“Diante da realidade
sofrida do Brasil,
onde 5 mil famílias
brasileiras detêm
49% do PIB (produto
interno bruto), o que
significa ser profeta do
Deus da Vida hoje?”**



perguntou: ‘Será que eu devo ir a Ramot de Galaad para fazer essa guerra, ou vou desistir?’” (1Rs 22,6). O rei consulta os profetas que vivem na corte.

Desde o final do reinado de Jeroboão II até a queda da Samaria (743-722 a.C.), Oseias exerceu sua atividade no reino do Norte e se defrontou, também, com os sacerdotes e profetas da corte: “Ainda que ninguém acuse, que ninguém conteste, eu levanto acusação contra você, sacerdote! Você tropeça de dia, o profeta tropeça com você de noite, e você faz perecer sua própria mãe” (Os 4,4-5). Oseias acusa o sacerdote e o profeta de não instruírem o povo segundo a “lei de Deus” (Os 4,6-10). A serviço do Estado, os profetas estão desviando o povo.

Os textos bíblicos sobre os profetas da corte se multiplicam. Segundo esses textos, podemos enumerar várias funções e características dos profetas a serviço do Estado:

a) viver sustentados e subordinados à corte: “comem das mãos do rei”;

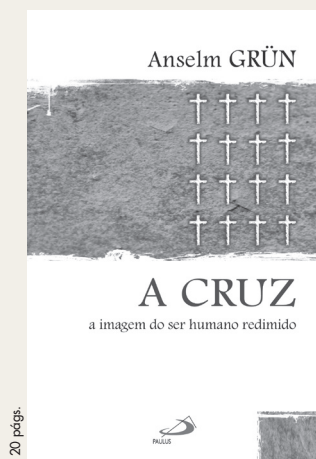
b) instruir o povo conforme as leis do Deus oficial do Estado;

c) interpretar a vontade do Deus do rei diante da situação de emergência. No caso de guerra, por exemplo, o profeta justifica e declara a guerra santa, quase sempre legitimando os interesses dos poderosos.

Nessas funções do profeta da corte, podemos entender a declaração de Amós: “Eu não sou profeta, nem discípulo de profeta”. Amós declara que não pertence ao grupo profético da corte. Não vive na corte nem está subordinado às autoridades; ao contrário, vive no meio popular e defende os direitos do povo. É o “profeta popular” que se forma no meio do povo e denuncia a injustiça social, a qual empobrece, explora e massacra seus irmãos camponeses. Por isso, ele entra em confronto com as autoridades e os profetas oficiais. Esse conflito também está presente na história do reino do Sul, Judá, como no caso da vida de Miqueias.

A cruz **A imagem do ser humano redimido**

Anselm Grün



Cada vez mais, a cruz coloca diante de nossos olhos a imagem do verdadeiro ser humano, que une em si todos os opostos. Ela é sinal do amor de Deus e, ao mesmo tempo, um constante protesto contra a repressão do sofrimento. Com escritos cativantes, a obra inspira nova reflexão teológica e espiritual sobre a cruz, explanando sua simbologia e conduzindo o leitor a lidar, de modo mais consciente, com as muitas cruzes presentes no cotidiano.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





Diante da espoliação e da desapropriação injusta da herança (terra e casa), Miqueias “profetiza”, denunciando as autoridades e as acusando de “cobiçar, roubar, tomar e oprimir” os pobres do campo (Mq 2,1-3). Como era de esperar, os profetas da corte reagem e “profetizam”, defendendo suas autoridades:

Eles profetizam: “Não profetizem, não profetizem essas coisas! A desgraça não cairá sobre nós. Porventura a casa de Jacó foi amaldiçoada? Acabou a paciência de Javé? É isso que ele costuma fazer? Por acaso a promessa dele não é de bênção para quem vive com retidão?” (Mq 2,6-7).

Os profetas da corte insistem que a conduta de suas autoridades é justa, conforme as leis de Deus. Eles se sentem fiéis a Javé oficial e acreditam que Deus está do lado deles, no templo da cidade santa, Jerusalém. Cultivam a convicção de que nenhuma desgraça lhes acontecerá, dizendo: “Por acaso, Javé não está no meio de nós? Nada de mal nos poderá acontecer!” (Mq 3,11). Os profetas da corte ensinam o povo conforme as leis do Deus do Estado e os interesses dos poderosos de Jerusalém.

Mas Miqueias rebate e desmonta a defesa dos profetas da corte, apresentando a realidade nua e crua do povo sofrido e oprimido pelo Estado (Mq 2,8-9), e critica os profetas da corte: “Se aparecesse um homem contando estas mentiras: ‘Eu lhes profetizo vinho e bebida forte’, este, sim, seria um profeta para este povo!” (Mq 2,11). Miqueias acusa os profetas oficiais de profetizar com “vinho e bebida forte”, ou seja, na alienação e luxo (Am 4,1). A denúncia contra os profetas da corte ganha maior força e profundidade em Mq 3,5-8.

2. O sol se esconderá sobre esses profetas...

No século VIII a.C., o processo de espoliação e desapropriação da terra estava em pleno andamento. A maioria das terras de Judá já pertencia aos grandes proprietários, que viviam em Jerusalém. O povo sofria a violência e a exploração da elite agrária e dos governantes. Cobiçar, oprimir, roubar e tomar a terra e casa dos camponeses fazia parte do dia a dia, sobretudo na planície fértil de Shefelá, a terra de Miqueias (Mq 2,1-2). “Vocês são gente que devora a carne do meu povo e arranca suas peles; quebra seus ossos e os faz em pedaços, como um cozido no caldeirão”, denunciou Miqueias (Mq 3,3).

No processo de espoliação, os grandes proprietários de terras contavam com o apoio de um grupo de profetas acusados de aproveitadores: “anunciavam a paz quando têm algo para mastigar” (Mq 3,5b); ou seja, eles proclamam oráculos em troca de pagamentos ou em vista de seus ganhos pessoais. “Filho do homem, profetize contra os profetas de Israel. Profetize, e diga aos que profetizam conforme seus próprios interesses. Vocês me profanam diante do meu povo, por um punhado de cevada ou um pedaço de pão, destinando à morte quem não devia morrer, e destinando à vida quem não devia viver. Desse modo, vocês enganam meu povo que dá ouvidos à mentira” (Ez 13,2.19): assim fala mais tarde o profeta Ezequiel sobre a atuação dos profetas oficiais, funcionários da corte.

Eles anunciam o que as pessoas poderosas querem ouvir. Esses mesmos profetas “declaram guerra contra os que nada lhes põem na boca” (Mq 3,5c). Quem são eles? São profetas, adivinhos e videntes, cuja função é dar sustentação ao projeto dos poderoso-

“Miqueias rebate e desmonta a defesa dos profetas da corte, apresentando a realidade nua e crua do povo sofrido e oprimido pelo Estado.”



sos de Jerusalém (Mq 3,7a). Miqueias afirma que os profetas da corte “extraviam meu povo” (Mq 3,5a), provavelmente agricultores endividados e oprimidos, chamados de “meu povo”, que perdem sua terra, família e casa (Mq 2,8-9; 3,3).

O verbo “extraviar”, *ta’ah* em hebraico, significa “levar à ruína”. Os falsos profetas, com suas palavras, enganam, seduzem e extraviam o povo, levando-o à desgraça e à perdição: camponeses sem-terra, família e casa. As mesmas acusações contra a atuação enganosa dos profetas encontramos no livro de Isaías, profeta desse mesmo período: “Povo meu, seus dirigentes o desnor-teiam, invertem a direção do seu caminho” (Is 3,12b); em outra passagem ouvimos: “O ancião e o dignitário são a cabeça; e o profeta, mestre de mentiras, é a cauda. Os que dirigem esse povo o extraviam, e os que se deixam guiar ficam aniquilados” (Is 9,14-15). Os falsos profetas atuam na corte, extraviando o povo em favor dos poderosos e legitimando o projeto dos governantes do Estado (Mq 2,6-11). Pois eles se apoiam em Javé oficial, do templo de Jerusalém, e se vangloriam de verdadeiras palavras de Deus (Mq 3,11).

Vendo seus próprios interesses legitimados, os poderosos enchem as mãos de seus profetas; no entanto, a profecia deles cairá no vazio: “terão noite em lugar de visões; escuridão em vez de oráculo. O sol se esconderá sobre esses profetas, a luz do dia se apagará sobre eles” (Mq 3,6). É interessante observar que se usam quatro metáforas – “noite”, “escuridão”, “sol escondido” e “luz apagada” – para afirmar que os profetas ficarão sem receber nenhuma revelação, ou seja, não poderão exercer sua atividade. Eles serão humilhados: “os videntes ficarão envergonhados, os adivinhos ficarão confusos. Todos cobrirão a barba, porque Deus não responderá” (Mq 3,7). Cobrir a barba significa luto (Lv 13,45; Ez 24,17).

O Deus da Vida não responde à profecia dos profetas da corte. Em contraste, Mi-

A hora de Deus A crise na vida cristã

Amedeo Cencini



Há quem afirme que o verdadeiro problema da vida religiosa ou sacerdotal reside no fato de muitos consagrados viverem tranquilamente situações críticas, sem aparentar nenhum tipo de incômodo. Para o autor, “seria verdadeiramente coisa boa aceitar entrar em crise, pelo menos uma vez”. Neste livro, ele nos explica justamente aquilo que torna a crise, e o faz mediante um caminho amplo, oferecendo análise aprofundada dos possíveis percalços que ainda estão para se revelar em nossa caminhada.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





queias apresenta suas referências: “Eu, porém, estou repleto de força, do Espírito de Javé, do direito e da fortaleza, para denunciar a Jacó o seu crime e a Israel o seu pecado” (Mq 3,8). Ele se considera um enviado pelo Espírito de Deus para defender o “meu povo”, que está sendo vítima de várias formas de opressão. É a força do Espírito de Javé que conduz a missão do verdadeiro profeta para que restabeleça o “direito” aos pobres e oprimidos. Que esse mesmo Espírito nos impulse em nossa caminhada e que possamos estar com os empobrecidos na busca de um mundo justo e fraterno.

3. Profetas do centro e da periferia

As grandes religiões do mundo antigo atestam que algumas pessoas serviam de intermediários entre o ser humano e a divindade. No Antigo Oriente Próximo, nos países vizinhos a Israel, há vários documentos que provam a existência de videntes e profetas servindo a seus reis. As cartas de Mari, do Eufrates, por exemplo, contêm referências a vários tipos de intermediários proféticos.

A própria Bíblia testemunha o fenômeno profético com diversos termos: adivinhos, videntes, homens de Deus e profetas. O último é o substantivo *nabi*’ em hebraico, derivado do verbo *naba*’, que significa “profetizar, prever, delirar, entrar em transe”, por causa da função intermediária de interpretar, anunciar e receber a palavra e a bênção de Deus. O livro de Números, por exemplo, relata a história de Balaão, adivinho das margens do Eufrates, a quem o rei Balac, de Moab, recorre para obter maldições de Deus contra Israel, na guerra (Nm 22,2-24,25). O rei Acab também consulta os 400 profetas da corte por ocasião da guerra contra a Síria pela disputa territorial de Ramot de Galaad, na Transjor-

dânia (1Rs 22,1-12). O grupo de profetas vive e come à mesa do rei.

Profetas que vivem em grupo aparecem já na história da unção de Saul: “Daí partiram para Gabaá, e um grupo de profetas foi ao encontro de Saul. O espírito de Deus desceu sobre ele, que entrou em transe profético no meio deles” (1Sm 10,10). Os grupos de profetas seguem aparecendo na época de Elias (1Rs 18,4) e de Eliseu: “Os filhos de profetas que havia em Jericó se aproximaram de Eliseu e disseram: ‘Você sabe que Javé vai levar hoje o seu mestre por cima de sua cabeça?’” (2Rs 2,5). Os profetas em Israel persistem, como grupos ou indivíduos, até um pouco depois do tempo do exílio.

Há muitas pesquisas sobre o fenômeno profético. Nos últimos anos, com base nos estudos da história e da sociedade, é possível indicar as três áreas em que podemos analisar e entender os profetas:

a) *O grupo de apoio*: os profetas adquirem conhecimento para expressar suas mensagens, em palavras e ações, conforme a expectativa de seu grupo social de apoio. Eles se formam na “escola” mantida pelo grupo, que espera de seus intermediários determinado comportamento profético ao agir e falar. Samuel e Aías, por exemplo, formaram-se no santuário de Silo, “escola” mantida pelos camponeses do Norte, do Israel tribal (1Sm 1-3; 14,3).

b) *Localização social da profecia*: o profeta e seu grupo de apoio se situam em determinada localização social: no centro ou na periferia da sociedade. É importante estudar a sociedade na qual cada profeta atua e a sua localização social. Amós, que não é profeta da corte, localiza-se na periferia da sociedade (Am 7,15), no reinado do rei Jeroboão II, com seus sacerdotes e profetas do centro.

c) *Função social da profecia*: o profeta do

“Miqueias é um profeta periférico. Ele se forma na ‘escola’ apoiada e mantida pelos camponeses da região da Shefelá.”



centro expressa suas mensagens para manter a ordem social estabelecida; ao contrário, o profeta da periferia interessa-se pela mudança da ordem social. A Bíblia testemunha que Natã, profeta do centro da casa de Davi e de Salomão, pronuncia seus oráculos para manter a posição social de seus reis (1Rs 1-3). Por outro lado, o profeta Aías, com o grupo tribal dos camponeses do Norte, simbolizado por “tendas”, proclama a mudança na ordem social contra a casa de Davi, Judá, a cidade de Jerusalém: “O que é que nós temos a ver com Davi? Não temos herança com o filho de Jessé. Para as suas tendas, Israel! Agora, que Davi cuide de sua casa!” (1Rs 12,16).

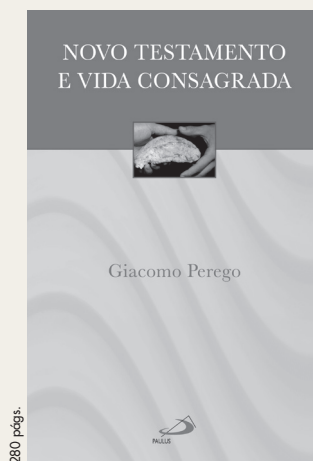
Com base nessas três áreas de análise do fenômeno profético, podemos descrever Miqueias como profeta periférico, que atua entre 725-701, nos reinados de Acáz e Ezequias. Ele se forma na “escola” apoiada e mantida pelos camponeses da região da Shefelá. O próprio Miqueias chama, carinhosamente, seu “grupo de apoio” de “meu povo” e defende a vida do seu grupo contra a elite governante: “Vocês são gente que devora a carne do meu povo e arranca suas peles; quebra seus ossos e os faz em pedaços, como um cozido no caldeirão” (Mq 3,3). Como profeta periférico, Miqueias pronuncia os gemidos e gritos dos camponeses para produzir mudança da ordem social (Mq 3,9-10.12; cf. Jr 26,18).

Miqueias é um dos profetas “escritores” de Judá, que fala e age com base nas necessidades e expectativas de seu grupo de apoio. A Bíblia testemunha, na história do reino de Judá, as atuações de outros profetas escritores, seus grupos de sustentação e suas funções sociais. É importante lembrar que os livros proféticos passaram por diversas releituras e receberam acréscimos:

a) Primeiro Isaías (Is 1-39): ele é profeta do templo e conselheiro de três reis, Joatão, Acáz e Ezequias (740-700 a.C.). Formado na escola de Jerusalém – a monarquia da

Novo Testamento e vida consagrada

Giacomo Perego



Este trabalho nasceu da pesquisa que acompanha o curso “Novo Testamento e vida consagrada”, que, em anos alternados, é ministrado no Instituto de Vida Consagrada “Claretianum”, da Pontifícia Universidade Lateranense, em Roma, com o objetivo de oferecer uma primeira introdução aos temas e aos textos neotestamentários que sempre iluminaram a vida religiosa.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





casa de Davi –, suas palavras e ações estão orientadas pela teologia davídica: Javé, Deus absoluto e transcendente; a escolha divina de Jerusalém-Sião; a eleição divina da dinastia davídica; o rei filho de Deus e defensor dos pobres. Com essa convicção, Isaías condena a aliança com as grandes potências (Assíria e Egito), propaga o rei justo (Is 9,1-6) e critica seus “colegas elitizados” de Jerusalém por oprimirem os pobres (Is 10,1-4). Como profeta do centro, ele defende a monarquia de Jerusalém como instrumento do Senhor Javé para construir um reino do direito e da justiça (Is 1,21-26).

b) Sofonias: sua atuação acontece na menoridade do rei Josias (640-620 a.C.). Como profeta da periferia, suas críticas estão dirigidas à cidade de Jerusalém e seus governantes:

Ai da rebelde, da manchada, da cidade opressora! Cidade que não escutou o chamado, que não aprendeu a lição. Ela não confiou em Javé, nem se aproximou do seu Deus. Seus oficiais são leões que rugem; seus juízes são lobos à tarde, que não comeram nada desde o amanhecer; seus profetas são uns fanfarrões, mestres de traição; seus sacerdotes profanam as coisas santas e violentam a lei de Deus (Sf 3,1-4).

Em seus oráculos, Sofonias emprega palavras duras contra os profetas do centro que se interessam pela manutenção da ordem social estabelecida da monarquia.

c) Jeremias: originário de Anatot, um dos centros da tradição tribal dos camponeses (1Rs 2,26), exerceu sua atividade profética entre os anos 627 a 582 a.C., acompanhando os cinco reis de Judá (Josias, Joacaz, Joaquim, Joaquin e Sedecias) e o governo de Godolias. Toda a documentação, escrita pelo grupo do profeta, indica que Jeremias estava ao lado

dos camponeses e agiu como profeta periférico com relação à monarquia. Ele entrou em conflitos com os governantes, foi torturado e condenado à morte (Jr 26,7-24; 37,15-16). Enfrentou Hananias, profeta do centro, que declarou guerra santa contra a Babilônia (Jr

28). Uma guerra desastrosa para a vida dos camponeses. Após a destruição de Jerusalém (587 a.C.), Jeremias permaneceu, em Masfa, no meio do seu grupo de apoio: “os pobres da terra”, camponeses explorados e empobrecidos (Jr 40). Masfa, antigo santuário de Israel, carrega a memória da sociedade tribal (cf. Jz 20,1; 1Sm 7,5; 10,17).

d) Ezequiel: formado na escola de Jerusalém, exerce sua atividade no meio dos primeiros exilados, familiares do rei Joaquin e altos oficiais, entre os anos 597-571 a.C. Com a necessidade e a expectativa do seu grupo de apoio, Ezequiel anuncia a presença de Javé no meio dos que foram exilados com o rei Joaquin: Javé abandona o Templo e Jerusalém e exila-se na Babilônia. Com Javé, o profeta condena a atuação da corte do rei Sedecias como “mau pastor” (Jr 34) e acusa os pobres remanescentes na Judeia de tomar as terras deixadas pela elite (Ez 33,23-29). Para a reconstrução de Judá, Ezequiel profetiza a restauração da monarquia com o novo Davi, um só santuário e a nova Jerusalém (Ez 37,15-28).

e) Segundo Isaías (Is 40-55): um grupo profético de levitas que atua no meio dos pobres despojados e escravizados na segunda deportação (587 a.C.). São descendentes de levitas, pregadores itinerantes e sacerdotes do interior; sustentados pelos camponeses, foram trazidos à força para Jerusalém para trabalhar, como sacerdotes de segunda categoria, no templo (cf. 2Rs 23,8-9). Com base em sua formação e nas expectativas dos pobres exilados na Babilônia, o Segundo Isaías anuncia: 1)

**“A religião não
consiste em rezar
muito. A religião
consiste na garantia
de ter meu Deus
perto de mim porque
faço o bem aos meus
irmãos.”**



novo êxodo, a libertação dos escravos (Is 43,16-19); 2) Deus pastor de ternura e compaixão com seu povo (Is 40,11; 49,15-16); 3) Servo sofredor, liderança baseada no amor, na gratuidade, na não violência, na justiça e, sobretudo, no maior carinho com os sofredos (Is 42,1-9); 4) nova aliança, a aliança entre Deus e toda a comunidade com o projeto de partilha e solidariedade (Is 55,1-3); 5) nova Jerusalém com justiça (Is 45,8).

A Bíblia ainda registra outros profetas, como Habacuc, Abdias, Ageu, Zacarias e tantos outros profetas e profetisas na história de Judá. E a profecia chega ao tempo de Jesus de Nazaré, homem judeu, criado no interior da Galileia, que experimenta, na própria pele, a dureza da vida do seu povo, o qual sofria com a exploração, a opressão e a violência do poder civil e religioso: os impostos e a presença do exército romano, a extorsão e a ladroagem dos líderes religiosos de Jerusalém (Lc 3,10-14). Fome, miséria e doenças eram males constantes, o que fez Jesus, homem justo e sensível à realidade, “profetizar” contra as autoridades de sua época. É o profeta da periferia da Galileia, desafiando a ordem social estabelecida: “Felizes vocês, os pobres, porque de vocês é o Reino de Deus. Felizes vocês, que agora têm fome, porque serão saciados” (Lc 6,20-21). Jesus foi perseguido, torturado e assassinado. Sua morte é o resultado do que pregou e do que fez a serviço da vida do povo sofrido.

4. Uma palavra final

Ontem e hoje, o seguimento de Jesus Profeta é um desafio: “Se alguém quiser seguir após mim, negue-se a si mesmo, carregue sua cruz e me siga” (Mc 8,34). Um dos homens do nosso tempo que denunciou a injustiça e carregou a cruz junto com seu povo sofrido foi dom Oscar Romero, que nos deixou sua mensagem profética:

O profeta Jeremias: um homem apaixonado

Carlos Mesters



No livro de Jeremias, um dos maiores da Bíblia, há textos nos quais o próprio profeta toma a palavra para falar de si e de sua vida; há também diversas fontes que nos informam, direta ou indiretamente, sobre os acontecimentos de sua vida: outras passagens da própria Bíblia e estudos de exegetas, historiadores e arqueólogos. Neste livro, vamos olhar através da janela desses textos, para conhecer mais de perto a pessoa de Jeremias e segui-lo nos vários períodos da sua vida, do nascimento até a morte.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





Há um critério para saber se Deus está perto de nós ou se está longe: todo aquele que se preocupa com o faminto, com o maltrapilho e o pobre, o desaparecido, o torturado, o prisioneiro, com todos esses corpos, que sofrem, está perto de Deus. “Chamarás o Senhor e Ele te escutará”. A religião não consiste em rezar muito. A religião consiste nessa garantia de ter meu Deus perto de mim porque faço o bem aos meus irmãos. A garantia de minha oração não está em dizer muitas palavras; a garantia de minha prece é muito fácil de conhecer: como me comporto com o pobre? Por que ali está Deus (5/2/1978).

É uma profecia que alerta, denuncia a realidade injusta e, ao mesmo tempo, orienta nossa missão cristã. De modo especial, o

“corpo” do empobrecido e injustiçado é o “critério” para seguir Jesus de Nazaré e distinguir a voz dos profetas e profetisas, que desinforma, manipula e cega o povo, utilizando a mídia para legitimar o interesse de quem detém o poder de comunicação.

Diante disso, o papa Francisco profetiza:

Hoje vivemos a cultura do descartável! Pensar que hoje as crianças que não têm o que comer não fazem notícia. Isso é grave. Isso é grave. Não podemos ficar tranquilos. Não podemos ser aqueles cristãos bem-educados que falam de coisas teológicas enquanto tomam chá, tranquilos: não. Devemos nos tornar cristãos corajosos e ir em busca daqueles que são a carne de Cristo (19/5/2013). ●

Centro Bíblico Verbo

Um centro de estudos que está a serviço do povo de Deus há mais de 25 anos, desenvolvendo uma leitura exegética, comunitária, ecumênica e popular da Bíblia. O Centro Bíblico Verbo oferece cursos regulares de formação bíblica, em diferentes modalidades.

Cursos intensivos

- Especialização em Bíblia
– Primeiro e Segundo Testamento
- Mestrado
- Estudos de temas específicos
- Línguas do mundo bíblico (hebraico e grego)
- Retiro bíblico

Cursos extensivos

- Introdução ao Primeiro e Segundo Testamento (um sábado por mês)
- Especialização e Aperfeiçoamento (semanal)

Cursos nas paróquias e outras entidades

Além dos cursos realizados na sede do Centro Bíblico Verbo, a equipe presta assessoria às dioceses, paróquias, comunidades, grupos de reflexão, colégios, congregações religiosas e outras entidades, no Brasil e em outros países.

Mais informações:

Rua Fernandes Moreira, 311
Bairro: Chácara Santo Antônio
CEP: 04714-002 – São Paulo/SP
Tel: (11) 5181.7450
E-mail: contato@cbiblicoverbo.com.br
Nossa página: www.cbiblicoverbo.com.br
Facebook: contato@cbiblicoverbo.com.br



Jesus: a misericórdia em movimento

Celso Loraschi*

Em cada um dos textos evangélicos, podemos contemplar detalhes relacionados não apenas ao conteúdo, mas, sobretudo, ao método utilizado por Jesus em seu ministério público. A cada situação concreta responde com criatividade transformadora. Ele não realiza apenas gestos pontuais de amor misericordioso. Jesus é misericórdia em todo o tempo e com todas as criaturas.

*Celso Loraschi, mestre em Teologia Dogmática com concentração em Estudos Bíblicos, professor de Evangelhos Sinóticos e Atos dos Apóstolos na Faculdade Católica de Santa Catarina (Facasc).
E-mail: loraschi@facasc.edu.br

O Espírito Santo atua na história permanentemente. Protagonista principal da evangelização desde os primórdios da Igreja, abre caminhos novos para a realização do Reino de Deus no mundo; interpela-nos, para que respondamos criativamente aos desafios de cada momento histórico, dando prosseguimento à proposta de Jesus. Misericórdia é o apelo do momento, o princípio orientador da prática cristã no mundo atual, que “se apresenta, ao mesmo tempo, poderoso e débil, capaz do melhor e do pior; abre-se na sua frente o caminho da liberdade ou da escravidão, do progresso ou da regressão, da fraternidade ou do ódio...” (DM 2).

É necessário “contemplar o mistério da misericórdia”, como interpela o papa Francisco. “É condição da nossa salvação; é a lei fundamental que mora no coração de cada pessoa, quando vê com olhos sinceros o irmão que encontra no caminho da vida; é o caminho que une Deus e o ser humano...” (MV 2), como revelou plenamente o Filho de



Deus por meio de sua prática. Jesus é o “rosto da misericórdia”. Movido pelo amor divino, restitui ao ser humano a plena dignidade de sua natureza e revela-lhe a sua sublime vocação. “Por sua encarnação, o Filho de Deus uniu-se de algum modo a todo ser humano. Trabalhou com mãos humanas, pensou com inteligência humana, agiu com vontade humana” (GS 22). Portanto, sua prática é indicativo fundamental para a ação evangelizadora da Igreja no mundo. Analisada na ótica da misericórdia, torna-se caminho inspirador para a vida não só dos cristãos, mas de todas as pessoas de boa vontade.

A encarnação do Filho de Deus

Cada um dos Evangelhos tem sua maneira própria de fazer a memória de Jesus de Nazaré em cada contexto histórico em que as comunidades estão inseridas. Todos destacam o caráter misericordioso da missão de Jesus. Ele é a suprema expressão da bondade divina, o cume da revelação do amor de Deus, que vem em socorro da humanidade necessitada de redenção.

O “mistério da misericórdia” revelado em Jesus nos leva a contemplar, em primeiro lugar, sua encarnação. “Sendo de condição divina, não se apegou ao ser igual a Deus, mas despojou-se, assumindo a forma de escravo e tornando-se semelhante ao ser humano” (Fl 2,6-7). Em radical solidariedade com os seres humanos, nasceu e cresceu no seio de uma família, necessitado de proteção e de cuidados como uma pessoa comum, numa aldeia sem nenhum atrativo e jamais mencionada no Primeiro Testamento. A observação de Natanael, que vivia em Caná, próximo da residência de Jesus, revela que Nazaré era tida como sem importância e até desprezada: “De Nazaré pode sair algo de bom?” (Jo 1,46); revela também a

vida simples e obscura de Jesus, uma vez que Natanael nunca ouvira falar dele até aquele momento em que Filipe o apresenta.

A vida modesta e anônima de Jesus durante todo o tempo de sua infância e juventude oferece sublime valorização não só da dignidade de todo ser humano, mas também da sacralidade do cotidiano. O Filho de Deus submete-se a tudo o que uma pessoa comum

devia fazer para viver e conviver naquele contexto histórico. Assim, todas as pessoas, de qualquer época e de qualquer lugar, podem viver movidas pelo mesmo espírito de Jesus. Todo gesto, por mais simples que seja, pode expressar a marca da divindade.

Os Evangelhos oferecem sinais que dão conta dos valores

pelos quais se orientou Jesus durante sua vida oculta, “crescendo em sabedoria, tamanho e graça diante de Deus e das pessoas” (Lc 1,52). Convivendo no meio de um povo marginalizado, viu a opressão política e religiosa a que os galileus eram submetidos, ouviu seus gritos de aflição, conheceu seus sofrimentos (cf. Ex 3,7). Como muitos cidadãos da época, Jesus podia aderir a movimentos de oposição violenta, como os zelotes, refugiar-se no deserto, como os essênios, fazer parte do sistema religioso oficial, como os saduceus e os fariseus, ou escolher outro caminho que lhe proporcionasse prestígio social. Jesus, porém, rompendo com o poder em sua tríplice dimensão: econômica, política e religiosa (cf. Lc 4,1-13), assume a causa de libertação dos pobres, dos presos, dos cegos e dos oprimidos (cf. Lc 4,14-21): quatro categorias sociais sinalizando a totalidade das pessoas excluídas.

É o início de uma grande caminhada na qual Jesus demonstra seu afastamento das instâncias detentoras do poder, cujos agentes o vigiam, o perseguem e o ameaçam até condená-lo à morte. Nada, porém, o afasta

“O mistério da misericórdia revelado em Jesus nos leva a contemplar, em primeiro lugar, sua encarnação.”



do serviço assumido com convicção junto aos empobrecidos, abraçando a misericórdia como princípio orientador de seus ensinamentos e de sua prática. Por isso, não se submete ao sistema legalista judaico nem satisfaz as expectativas populares de um messianismo triunfalista.

Presença solidária e libertadora

Os relatos evangélicos ilustram, muitas vezes com detalhes, a postura solidária e misericordiosa de Jesus de Nazaré. Movimenta-se com seus discípulos como peregrino portador da graça de vida e de salvação para todos; aproveita os espaços e os momentos, tornando-os propícios para a propagação da proposta do Reino de Deus, de amor, justiça e paz.

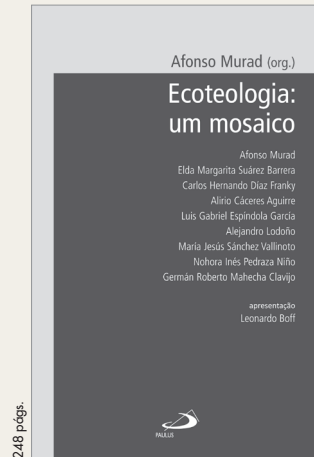
1. Nas sinagogas

A primeira ação de libertação de Jesus, conforme o Evangelho de Marcos (1,21-28), acontece na sinagoga de Cafarnaum, local que ele deve ter frequentado desde jovem. Portanto, conhecia muito bem o conteúdo dos ensinamentos dos escribas e as consequências na vida do povo. As regras do sistema religioso de pureza mantinham a pessoa sob a pressão de obrigatoriedade como forma de pertença ao povo santo de Deus. A maioria sentia-se excluída por impossibilidade de cumpri-las. Aquele ser humano sem nome, atormentado por um espírito impuro, é a figura representativa de todos os que eram considerados impuros: doentes, paralíticos, estrangeiros, mulheres, pobres...

As sinagogas eram espaços que Jesus aproveitou para o seu novo ensinamento. Ele “foi por toda a Galileia, pregando em suas sinagogas e expulsando os demônios” (Mc 1,39). É numa sinagoga, em dia de sábado, que Jesus cura um homem que possuía uma das mãos atrofiada (Mc 3,1-6). Jesus atua para salvar a vida sem discriminação, mesmo

Ecoteologia: um mosaico

Afonso Murad (org.)



A ecoteologia é, hoje, uma das grandes esperanças para a recuperação e a preservação da nossa Casa Comum: o planeta Terra. Esta obra reforça a formação de uma nova consciência necessária, sem a qual poderemos conhecer crises ecológico-sociais de graves consequências. Textos de grandes personalidades prometem nos ajudar nesta missão.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





contra os imperativos da ordem estabelecida. Chama para o meio aquele que se encontrava marginalizado. Indigna-se e entristece-se pela dureza do coração dos líderes religiosos e políticos (fariseus e herodianos) que, sob o domínio dos seus próprios interesses, se fecham às necessidades dos outros e buscam manter o povo sob o seu controle.

Jesus volta-se por inteiro às pessoas necessitadas e atua no sentido de libertá-las do jugo do legalismo, como fez com aquela mulher que andava encurvada havia 18 anos (Lc 13,10-17). Estava Jesus a ensinar numa sinagoga num dia de sábado. Vendo a mulher, “chamou-a e lhe disse: ‘Mulher, estás livre da tua doença’. Ele impôs as mãos sobre ela, que imediatamente se endireitou e começou a louvar a Deus”. Reagindo ao protesto do chefe da sinagoga, Jesus qualifica os responsáveis religiosos de “hipócritas”, uma vez que, na expressão do Evangelho de Mateus, “amarram fardos pesados e insuportáveis e os põem nos ombros dos outros, mas eles mesmos não querem movê-los, nem sequer com um dedo” (23,4). São guias cegos, pois “filtram o mosquito e engolem o camelo”; deixam de lado o ensinamento mais importante que é “a justiça, a misericórdia e a fidelidade” (23,23-24).

O ensinamento de Jesus não corresponde a uma doutrinação autoritária e rigorista que incute nas pessoas o espírito de submissão legalista, culpando-as, engessando-as e oprimindo-as. Deixando-se conduzir pelo Espírito de Deus, enfrenta o mal, desagregador da integridade humana. Sua autoridade não se alicerça no poder institucional; ele não tem dificuldades de violar a lei do sábado para fazer o bem. Jesus age com consciência e liberdade, pondo em movimento um processo de cura e de libertação tanto individual como social. Ele é a mão misericordiosa de Deus

estendida a cada pessoa e à humanidade como um todo.

2. Nas casas

A misericórdia de Jesus manifesta-se fundamentalmente pela proximidade solidária. É o que caracteriza o seu ministério público. Ele se põe a caminho na direção das “periferias geográficas e existenciais”, aproximando-se das

pessoas indefesas e desprotegidas e acolhendo a todas as que o procuram (Mc 1,32). Assim, dirige-se à casa de André e Simão, cuja sogra estava de cama com febre (1,29-31). “Aproximou-se dela, tomou-lhe a mão e a fez levantar-se”. A febre é sintoma de alguma doença que Jesus logo detecta. A ideologia sinagoga chegou às casas e atingia especialmente o coti-

diano das mulheres, que deviam viver no silêncio e na obscuridade, realizando todo tipo de trabalho doméstico e impedidas de serem protagonistas sociais. O encontro com Jesus, que “a toma pela mão”, fez a sogra de Pedro “levantar-se”, verbo relacionado à cura e à ressurreição do corpo.

A casa é espaço de acolhida, de anúncio da Palavra e de libertação. Sabendo que Jesus estava em casa, em Cafarnaum, tantos o procuraram, que já não havia lugar à porta (Mc 2,1-12). Quatro pessoas solidárias transportam um paralítico para a casa onde se encontra Jesus a pregar. Fazem-no de modo criativo e persistente. A fé deles, revelada na prática amorosa, é percebida por Jesus, que, surpreendentemente, diz ao paralítico: “Teus pecados estão perdoados”. O perdão divino é dom gratuito. A reconciliação com Deus resgata a integridade da pessoa, bem como a sua liberdade de pôr-se em movimento, desatrelando-se de um sistema religioso que separava os abençoados “justos” ou “puros” (judeus cumpridores da Lei) dos amaldiçoados “pe-

**“Jesus age com
consciência e liberdade,
pondo em movimento
um processo de cura
e de libertação tanto
individual como
social.”**



cadores” ou “impuros” (doentes, estrangeiros, empobrecidos...).

A vida íntegra é condição indispensável para a autêntica realização humana. É necessário, para isso, sanar as rupturas interiores bem como o sentimento de culpa, de inferioridade, de insegurança e de medo da condenação divina. Para isso, Jesus oferece o perdão dos pecados, restabelecendo a unidade interior e a confiança absoluta em Deus, fonte de vida e salvação. Os escribas, teólogos mantenedores daquele sistema excludente, escandalizam-se diante da atitude de Jesus. Em sua lógica, consideram-no blasfemo. No entanto, a lógica de Jesus é outra. Dirige-se ao paralisado, ordenando: “Levanta-te, toma o teu leito e vai para a tua casa”.

Jesus, a misericórdia em movimento, atua de modo a reconstruir a humanidade, resgatar a dignidade dos filhos e filhas de Deus e, consequentemente, restabelecer a fraternidade e a justiça. Na casa de Levi, ele senta à mesa com publicanos e pecadores (Mc 2,15-17). Põe-se em comunhão de vida com o povo considerado ignorante e impuro pela teologia oficial. E declara: “Eu não vim chamar justos, mas pecadores”. O chamamento de Jesus é para o banquete da vida, conforme ensina também por meio de parábolas, como a dos convidados em Lucas 14,15-24 e as três parábolas da misericórdia no capítulo 15. A centralidade da mensagem de Jesus é a revelação de Deus como Pai/Mãe, cuja misericórdia ultrapassa toda medida humana.

Em outro momento, Jesus encontra-se à mesa, como convidado de um fariseu chamado Simão, quando aparece “uma mulher da cidade, uma pecadora... Ficando por trás, aos pés de Jesus, ela chorava; e com as lágrimas começou a banhar-lhe os pés, a enxugá-los com os cabelos, a cobri-los de beijos e a ungi-los com o perfume...” (Lc 7,36-50). O fariseu fica horrorizado, uma vez que, segundo a sua concepção religiosa, o ambiente fica impuro com a presença de uma mulher tão in-

digna. Apegado à sua tradição de pureza, não percebe as lágrimas e não capta o sentido dos gestos de amor e de ternura que ela realiza. Desqualifica o profeta Jesus, que parece não saber quem é aquela intrusa indesejável. “Se uma pessoa não quer incorrer no juízo de Deus, não pode tornar-se juiz do seu irmão. É que os homens, no seu juízo, limitam-se a ler a superfície, enquanto o Pai vê o íntimo” (MV 14). Para o fariseu, não havia dúvida de que a pecadora deveria ser retirada daquele ambiente. Jesus, que não é moralista nem seguidor de normas que discriminam, deixa-se tocar e amar do jeito que só aquela mulher sabia fazer. Por meio de uma parábola, ajuda o fariseu a entrar também na dinâmica da misericórdia divina, que refaz a inteireza do ser humano e lhe possibilita uma vida radicalmente nova, de paz e salvação.

Vida nova foi o que Jesus possibilitou à filha de Jairo, chefe da sinagoga que, “caindo aos pés de Jesus, rogava-lhe que entrasse em sua casa, porque sua filha única, de doze anos, estava à morte” (Lc 8,40-55). Ela ficou de pé no mesmo instante em que Jesus, “tomando-lhe a mão, chamou-a...”. Entrelaçando-se neste episódio a cura de “uma mulher que sofria de um fluxo de sangue, fazia doze anos, e que ninguém pudera curar”. Tanto a filha de Jairo como esta mulher são figuras do povo de Israel sob o domínio do legalismo que exaure a vida e a liberdade. Desembaraçando-se dos preconceitos religiosos e saltando a lei que a impedia de estar no meio da multidão (cf. Lv 15,19-27), a hemorroíssa aproxima-se de Jesus e toca suas vestes, ficando imediatamente curada. Jesus, sensível a tudo o que lhe acontece ao redor, deseja conhecê-la e abre-lhe a possibilidade de revelar-se perante todos para testemunhar sua cura. Ele a acolhe com especial predileção: “Minha filha, tua fé te salvou; vai em paz”.

Jesus também suscita uma mudança de vida em Zaqueu ao tomar a iniciativa de en-



trar em sua casa (Lc 19,1-10). Zaqueu é chefe dos cobradores de impostos, um senhor muito rico, bem conhecido em Jericó. Sua fama não é boa: é um pecador. Como pode Jesus hospedar-se na casa desse tipo de gente? O próprio Zaqueu sentia-se indigno de acolhê-lo. Mas quer “ver” Jesus e, para isso, sobe numa árvore. Jesus “levanta os olhos” e pronuncia o nome de Zaqueu, ordenando que desça imediatamente, pois “hoje eu devo ficar em tua casa”. O advérbio de tempo “hoje” aparece com frequência no Evangelho de Lucas (cf. 2,11; 3,22; 4,21; 5,26; 19,9; 23,43). “Hoje a salvação entrou nesta casa”, afirmou Jesus após Zaqueu tomar a decisão de mudar de vida. Jesus inaugura o “hoje” da graça da salvação, abre a possibilidade de um novo tempo, do *kairós* divino na vida de cada pessoa.

“Em certo sábado, entrou na casa de um dos chefes dos fariseus para tomar uma refeição” (Lc 14,1-6). Encontrava-se aí um hidrópico. Aos legistas e fariseus que o espiavam, disse: “É lícito curar no sábado?” E diante deles curou o hidrópico e despediu-o. O tempo propício de salvação chegou para todos, também para os ricos, desde que decidam restituir o que roubaram, renunciar ao acúmulo e promover a justiça social; também para os “inchados”, ávidos de glórias e de recompensas, desde que se disponham a ocupar o último lugar e servir os “pobres, estropiados, coxos, cegos” (14,13) sem esperar nada em troca. “Com efeito, o Filho do Homem veio procurar e salvar o que estava perdido” (19,10).

São muitos os momentos, citados nos Evangelhos, de Jesus nas casas. Revelam certamente uma intenção eclesiológica. Os discípulos (e, várias vezes, a multidão) estão junto a Jesus nas casas, lugar de ensino e de promoção da vida sem exclusão. Assim como faz Jesus, devem fazer também seus seguidores. Ao en-

viá-los em missão, deu aos seus apóstolos “o poder de expulsar os espíritos impuros e curar todo tipo de doença e de enfermidade”, recomendando que entrassem nas casas como portadores da paz (cf. Mt 10,1-12). Alguns dos que foram libertados por Jesus são também enviados a evangelizar em suas casas: “Vai para casa, para junto dos teus, e anuncia-lhes tudo o que o Senhor, em sua misericórdia, fez por ti” (Mc 5,18-20).

Esta teologia da casa reflete certamente a prática da Igreja primitiva. Vários textos o confirmam: “Partiam o pão pelas casas e tomavam a refeição com alegria e simplicidade de coração” (At 2,46); em Jerusalém, na casa de Maria, mãe de João Marcos, reunia-se uma comunidade (At 12,12); também na casa de Lídia (At 16,40), de Priscila e Áquila, em Corinto (At 18,1-3), e de vários outros.

“A centralidade da mensagem de Jesus é a revelação de Deus como Pai/Mãe, cuja misericórdia ultrapassa toda medida humana.”

3. Em todos os lugares

Jesus e os discípulos percorrem o país e atravessam fronteiras, caminhando e semeando os sinais do Reino de Deus. Todo lugar e todo momento são oportunidades de exercer a misericórdia: por meio de ensinamentos como o sermão da montanha (Mt 5-7) e o da planície (Lc 6,20-49); pelo discurso das parábolas (Mt 13) e o da comunidade (Mt 18); pelas controvérsias a respeito das tradições dos fariseus (Mt 15,1-20); pela orientação aos discípulos, no caminho a Jerusalém, sobre o seu seguimento (Mc 8,27-10,52); e tantos outros momentos demonstrativos do empenho de Jesus em levar a Boa-Nova da vida e salvação a todos.

Os ensinamentos de Jesus são corroborados por sinais concretos de amor aos doentes e marginalizados, como a acolhida e cura dos leprosos (Mc 1,40-45; Lc 17,11-19); do endemoninhado em Gerasa, na Transjordânia (Mc 8,28-34); da mulher hemorroíssa, logo



que voltou da viagem (Mc 5,25-34); do paraplítico na piscina de Betesda, em Jerusalém (Jo 5,1-18); do cego de Betsaida (Mc 8,22-26) e de Bartimeu na saída de Jericó (Mc 10,46-52); do servo de um centurião ao entrar em Cafarnaum (Mt 8,5-13); da filha de uma mulher siro-fenícia, no território de Tiro (Mc 7,24-30); do surdo-gago, na Decápole (Mc 7,31-37); do epilético surdo-mudo, ao descer da montanha onde ocorreu a transfiguração (Mc 9,14-29); da multidão faminta num lugar deserto (Mc 6,30-44); a ressurreição do filho da viúva de Naim (Lc 7,11-17) e de Lázaro em Betânia (Jo 11,1-44); e tantos outros sinais. Mateus sintetiza deste modo a ação misericordiosa de Jesus:

Ele percorria toda a Galileia, ensinando em suas sinagogas, pregando o Evangelho do Reino e curando toda e qualquer doença ou enfermidade do povo. Sua fama espalhou-se por toda a Síria, de modo que lhe traziam todos os que eram acometidos por doenças diversas e atormentados por enfermidades, bem como endemoninhados, lunáticos e paraplíticos. E ele os curava. Seguiam-no multidões numerosas vindas da Galileia, da Decápole, de Jerusalém, da Judeia e da Transjordânia (4,23-25).

Conclusão

Em cada contexto específico, Jesus realiza gestos tão humanos quanto eficazes. A cada situação concreta, responde com criatividade transformadora. Os gestos de Jesus são Evangelho – Boa Notícia – para mulheres e homens, para crianças e adultos, para judeus e estrangeiros. Algumas expressões de ternura e de misericórdia transmitem especial força simbólica: Jesus se aproxima, toma pela mão e faz levantar-se (cf. Mc 1,31; 1,41; 2,9-12; 3,3; 5,41-42; 8,23; 9,27; Lc 7,14); é movido de compaixão (Mc 6,34; 8,2; Mt 20,34); chora a morte do amigo Lázaro (Jo 11,35-38); acolhe e perdoa os pecadores,

A família gera o mundo **As catequeses de quarta-feira** *Papa Francisco*



A família gera o mundo – As catequeses de quarta-feira é o resultado do ciclo de catequeses do Papa Francisco nas audiências de quarta-feira. O livro reúne os ensinamentos e reflexões do Sumo Pontífice sobre a família, na intenção de que o leitor extraia deles sua profundidade espiritual e pastoral. Neste ciclo, temas como a educação, a doença, o luto e o papel desempenhado pelos membros da família são abordados sob o olhar atento e delicado de Papa Francisco.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





também a Pedro, que o traiu por três vezes (Mc 2,5; Lc 7,36-50; Jo 21,15-17); demonstra afeto com as crianças (Mc 10,13-16), com as mulheres (Mc 14,3-9), com o jovem inquieto (Mc 10,21); encontra-se e dialoga com estrangeiros (Mc 7,24-30; Jo 4), com judeus notáveis (Jo 3; Lc 18,18-23); dedica tempo à formação com seus discípulos (Mc 4,10-34), envia-os em missão (Mc 6,7-12), convida-os a descansar (Mc 6,31), encoraja-os em suas dificuldades (Mc 6,45-52), lava-lhes os pés (Jo 13,1-17), concede-lhes a sua paz (Jo 14,27), reza ao Pai por eles (Jo 17); indigna-se diante do legalismo excludente e da exploração econômico-religiosa (Mc 3,5; Mt 23; Jo 2,13-17); extrapolando a justiça humana, proclama a misericórdia divina para todos, também para os da última hora (Mt 20,1-16)...

Enfim, em cada um dos textos evangélicos, podemos contemplar detalhes relacionados não apenas ao conteúdo, mas, sobretudo, ao método utilizado por Jesus no seu ministério público. Ele não realiza apenas gestos pontuais de amor misericordioso. Ele é amor em todo o

“Os gestos de Jesus são Boa Notícia para mulheres e homens, para crianças e adultos, para judeus e estrangeiros.”

tempo e com todas as criaturas. É o ser que se dá a si mesmo, por inteiro. “A misericórdia expressa a essência divina, que se encontra graciosamente virada para o mundo e para os seres humanos... A misericórdia é a

caritas operativa et effectiva de Deus” (KASPER, 2015, p. 114). Isto não é uma teoria abstrata. Jesus movimentou-se como misericórdia e chamou discípulos para segui-lo.

Não é estranho que, ao confiar sua missão aos discípulos, Jesus os imagine não como doutores, hierarcas, liturgistas ou teólogos, mas como curadores: ‘Proclamai que o reinado de Deus está próximo: curai os enfermos, ressuscitai mortos, purificai leprosos, expulsai demônios’. A primeira tarefa da Igreja não é celebrar culto, elaborar teologia, pregar moral, mas curar, libertar do mal, tirar do abatimento, sanear a vida, ajudar a viver de maneira saudável. Esta luta pela saúde integral é caminho de salvação e promessa de vida eterna (PAGOLA, 2013, p. 43). ●

Bibliografia

- FRANCISCO. *Misericordiae Vultus* (MV): bula de proclamação do Jubileu Extraordinário da Misericórdia. São Paulo: Paulus/Loyola, 2015. (Documentos do Magistério).
- JOÃO PAULO II. *Carta encíclica Dives in Misericordia* (DM). São Paulo: Paulinas, 1980.
- KASPER, Walter. *A misericórdia: condição fundamental do Evangelho e chave da vida cristã*. São Paulo: Loyola, 2015.
- PAGOLA, José Antonio. *Marcos: o caminho aberto por Jesus*. Petrópolis: Vozes, 2013.

Também na internet:
vidapastoral.com.br

* Nascido na Bélgica, reside há muitos anos no Brasil, onde leciona desde 1972. É doutor em Teologia e licenciado em Filosofia e Filologia Bíblica pela Universidade Católica de Lovaina, na Bélgica. Atualmente é professor de Exegese Bíblica na Faje, em Belo Horizonte. Entre outras obras, publicou: *Descobrir a Bíblia a partir da liturgia*; *A Palavra se fez livro*; *Liturgia dominical: mistério de Cristo e formação dos fiéis – anos A - B - C*; *Ser cristão*; *Evangelho segundo João: amor e fidelidade*; *A Bíblia nas suas origens e hoje*. E-mail: konings@faculdadejesuita.edu.br.



Pe. Johan Konings, sj*

23º DOMINGO DO TEMPO COMUM

4 de setembro

A Sabedoria e o Reino

I. Introdução geral

O tema de hoje é a sabedoria evangélica. Ela não se deve confundir com a sabedoria do mundo, que, muitas vezes, é uma “safadoria”: calcular e safar-se... A sabedoria do Evangelho é ponderar o nosso empenho pelo Reino de Deus. Não é uma posse segura, conquistada de uma vez para sempre. Até o sábio rei Salomão teve de pedi-la a Deus, mas ele a via muito em função do reinado dele. A nós cabe procurá-la em vista do reinado de Deus.

II. Comentários dos textos bíblicos

1. I leitura: Sb 9,13-18

A 1ª leitura é uma parte da prece de Salomão pela sabedoria, dom indispensável de Deus para ser um bom rei.



O livro da Sabedoria é, na realidade, uma obra escrita por um judeu de língua grega, contemporâneo de Jesus. Foi posto sob o nome do grande rei Salomão, que tinha fama de sábio porque soube fazer julgamentos prudentes, construir o templo e responder às perguntas da rainha do Sul (cf. 1Rs 3,1-18; 5,9-14; 8,22-61; 10,1-13 etc.). Sua sabedoria é o dom do discernimento e ponderação outorgado por Deus. Foi o que ele pediu a Deus (1Rs 3,9).

Também no livro da Sabedoria, Salomão pede esse dom e ensina a pedi-lo (9,1-18). O esforço de nossa inteligência, por si, não é o suficiente. As faíscas do Espírito de Deus não se deixam programar; devem ser recebidas como dádivas.

O mundo de hoje carece de sabedoria. Nem mesmo respeita suas próprias fontes de subsistência, sacrificando tudo à sustentação de obscuros poderes e lucros, com a cumplidade de praticamente toda a sociedade, deixando-se envolver no jogo da competição e do consumo...

2. Evangelho: Lc 14,25-33

O Evangelho nos insere em nova realidade, que tem como marco zero a cruz de Cristo. Essa nova realidade exige também nova sabedoria. Muitos pretendem seguir Jesus, mas será que sabem que seu caminho conduz ao Gólgota? Daí as duras exigências formuladas por Jesus: abandonar a família, o sucesso, até a vida (Lc 14,25-27), e ponderar sobriamente sua força e disponibilidade (14,28-32). Em resumo: o discípulo deve largar tudo (14,33). Como isso se realiza na vida de cada um não é dito aqui. Ora, uma coisa é certa: Jesus não pede o impossível, mas a gente deve preparar-se para tudo o que for possível.

A sabedoria ensina a dar a tudo seu devido lugar, a ponderar o que é mais e o que é menos importante. Isso pode conduzir a conclusões que, aos olhos de pessoas superficiais, parecem loucura. As exigências do seguimento de Jesus parecem loucura: “Odiar

(= não preferir) pai e mãe, mulher, filhos, irmãs e irmãos” (14,26), por causa de Cristo e seu Evangelho, não é isso uma loucura? Não. É a consequência da sabedoria cristã, da ponderação do investimento necessário para o Reino de Deus. Começar a construir a torre sem o necessário capital, isso é que é loucura, pois todo o mundo ficará zombando de quem não conseguiu concluir a obra! A alusão à torre de Babel, símbolo da vaidade e da confusão humana, é evidente. O homem sábio faz seu orçamento e decide quanto vai investir. No caso do cristão, o único orçamento adequado é o do investimento total, já que se trata do supremo bem, sem o qual os outros bens ficam sem valor.

A sabedoria cristã consiste em ousar, optar radicalmente pelo valor fundamental, mesmo que isso exija uma escolha dolorosa em desfavor de pessoas muito queridas, realidade que se repetia diariamente na Igreja no tempo de Lucas. E observe-se que essas palavras foram dirigidas às “grandes multidões” que seguiam Jesus (14,25), não a monges e ascetas. Além disso, formam a sequência da exortação ao convite gratuito e da parábola do grande banquete, em que Jesus ensina a dar a preferência às pessoas “não gratificantes” em vez dos familiares e amigos (14,7-14; Evangelho de domingo passado). Assim, “odiar” seus familiares pode referir-se, concretamente, a duas realidades: 1) num primeiro sentido, muito atual no tempo de Lucas, à perseguição, que obriga o cristão a preferir o Cristo aos laços de parentesco e até à própria vida (sentido primeiro); 2) num sentido mais geral, atual também hoje, à preferência (por causa do Evangelho) por categorias de pessoas pouco estimadas, excluídas, mesmo se isso nos custa o afastamento de nossos círculos sociais preferidos.

Ouve-se, em nosso ambiente, muitas vezes, a observação de que é preciso ter “bom senso” em questões de justiça e direito, mas



esse “bom senso”, geralmente, não significa outra coisa senão o medo, ou até a covardia. Quando é claro que o amor de Cristo está em jogo, a sabedoria cristã exige um investimento radical. Porém, radicalidade não é imprudência. É liberdade perante aquilo que nos pode desviar do que é importante. A sabedoria cristã nos ajuda a estabelecer as opções preferenciais certas. E depois, é preciso realizar na prática essas opções sabiamente feitas.

Quem acha que seguir Cristo é fundamental deve fazê-lo, custe o que custar. Assim, o sábio cristão não é o sofista brilhante que explica tudo sem jamais se comprometer. É o homem que, ao mesmo tempo lúcido e convicto, investe tudo no que julga ser o sentido último da vida e da História, à luz da fé em Cristo Jesus. O sábio não é aquele que hesita quando se trata de saltar, mas aquele que salta; o que hesita é o que cai...

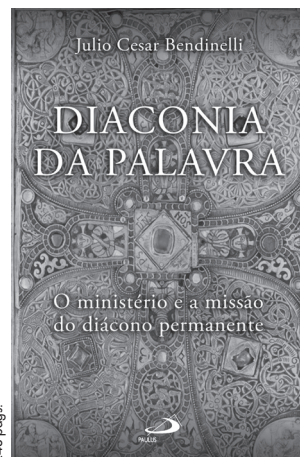
3. II leitura: Fm 9b-10.12-17

A 2ª leitura não foi escolhida em função do tema principal, que determina a 1ª leitura e o Evangelho, mas não destoa dele. A carta de Paulo a seu discípulo Filêmon gira em torno do incidente que envolveu o escravo Onésimo. Este fugira de seu dono, Filêmon, para ficar cuidando de Paulo, aprisionado (provavelmente) em Éfeso, não muito longe de Colossas, a cidade de Filêmon. Agora, Paulo manda-o de volta a Filêmon, não mais na qualidade de escravo (um escravo fugido poderia ser punido de morte), mas, como ele recebera o batismo, na qualidade de irmão, “filho” de Paulo, como era o próprio Filêmon (v. 10). Filêmon deve recebê-lo já não como escravo, mas como irmão (v. 16).

No mundo escravocrata daquele tempo, o que Paulo propôs deve ter parecido loucura; porém, é a mais pura sabedoria cristã. Mesmo se Paulo não pensava numa sociedade sem escravos, ele aboliu mentalmente a diferença entre senhor e escravo, judeu e grego, homem e mulher (cf. Gl 3,28), diante da perspectiva do

Diaconia da Palavra **O ministério e a missão do** **diácono permanente**

Julio Cesar Bendinelli



Este livro propõe ao leitor uma instigante reflexão sobre o serviço do diácono permanente e o sentido específico de seu ministério da Palavra no campo da evangelização para a formação dos discípulos missionários de Jesus Cristo, à luz do Concílio Vaticano II e dos documentos do magistério pós-conciliar. O subsídio foi elaborado para todos aqueles que se envolvem com o ministério diaconal e que querem mergulhar na essência desse ministério.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





encontro com Cristo na parúsia (cf. 1Cor 7,20-23). Espiritualmente falando, “em Cristo”, ambos, Onésimo e Filêmon, pertencem a uma nova realidade e são irmãos.

III. Pistas para reflexão

Os cristãos e as estruturas sociais: “Se Deus só serve para deixar tudo como está, não precisamos dele”, palavras de uma agente da educação popular. O Deus que é apenas o arquiteto do universo, mas fica impassível diante da injustiça para com os habitantes de sua arquitetura, não tem relevância alguma. O cristianismo serve ou não para mudar as estruturas da sociedade?

São Paulo tinha um amigo, Filêmon. Este – como todos os ricos de seu tempo – tinha escravos, que eram como se fossem as máquinas de hoje. Um dos escravos, sabendo que Paulo tinha sido preso, fugiu do dono, Filêmon, para ajudar Paulo na prisão. Paulo o batizou (o fez “nascer para Cristo”). Depois, mandou-o de volta a Filêmon, recomendando que este o acolhesse não como escravo, mas como irmão. Mais: como se ele fosse o próprio Paulo!

Essa história é emocionante, mas nos deixa insatisfeitos. Por que Paulo não exigiu que o escravo fosse libertado, em vez de acolhido como irmão, continuando escravo? Aliás, a mesma pergunta surge ao ler outros textos do Novo Testamento (1Cor 7,21; 1Pd 2,18). Por que o Novo Testamento não condena a escravidão?

A humanidade leva tempo para tomar consciência de certas incoerências e mais tempo ainda para encontrar-lhes remédio. A escravidão, naquele tempo, podia ser consequência de uma guerra perdida ou uma forma de compensar as dívidas contraídas. Imagine que se resolvesse desse jeito a dívida do Brasil! Seríamos todos vendidos (se já não é o caso...).

Na Antiguidade, a escravidão fazia parte da estrutura econômica. Na Idade Média,

com os numerosos raptos praticados pelos piratas mouros, surgiram até ordens religiosas para resgatar os escravos e, se preciso, tomar o lugar deles. Apesar disso, ainda na Idade Moderna, a Igreja foi conivente com a escravidão dos negros. A consciência moral cresce devagar, e mudar alguma coisa nas estruturas é mais demorado ainda, porque depende da consciência e das possibilidades históricas. As estruturas manifestam lentamente, com clareza, a sua injustiça, e então levam séculos para serem transformadas.

Porém, Paulo nos ensina que, não obstante essa lentidão histórica, devemos viver desde já como irmãos, vivenciando um espírito novo que vai muito além das estruturas vigentes e – como uma bomba-relógio – fará explodir, cedo ou tarde, a estrutura injusta. Novas formas de convivência social, voluntariados dos mais diversos tipos, organismos não governamentais, pastorais junto aos excluídos – a criatividade cristã inventa mil maneiras para viver já aquilo que as estruturas só irão assimilar muito depois.

Essa é uma forma da sabedoria do Reino, não para construir um templo ao modo de Salomão, mas o templo de pedras vivas, fundamentado em Cristo.

24º DOMINGO DO TEMPO COMUM

11 de setembro

Um Deus de perdão e reconciliação

I. Introdução geral

“Não quero a morte do pecador, e, sim, que ele se converta e viva.” Essas palavras de Ezequiel (18,23) formam o pano de fundo



(deixado na penumbra) da liturgia de hoje (cf. Lc 15,32). A leitura do livro do Êxodo mostra-nos um Deus que volta atrás do seu projeto de rejeitar Israel, e o Evangelho apresenta as parábolas de Jesus a respeito de quem se perdeu e por Deus é reencontrado. Paulo entendia bem isso: na Primeira Carta a Timóteo, descreve como, de perseguidor, ele foi, pela abundante graça de Deus, levado à vida em Cristo. Jesus veio para salvar os pecadores, e Paulo foi o principal deles. Com isso, tornou-se exemplo daquilo que ele mesmo pregou: a reconciliação.

II. Comentários dos textos bíblicos

1. I leitura: Ex 32,7-11.13-14

O livro do Êxodo descreve como Moisés, logo depois da promulgação da Lei e da Aliança (Ex 10-24), permanece, durante 40 dias, na montanha do Sinai, onde Deus lhe mostra o projeto do seu santuário e o encarrega de montá-lo no meio do povo (Ex 25-31). Ao descer da montanha, porém, encontra o povo em festa, adorando o bezerro de ouro, símbolo da fecundidade e objeto ritual das religiões dos povos pagãos. Essa festança é uma desistência da Aliança com o Deus único, que se manifestou no Sinai e elegeu Israel para ser seu povo-testemunha (Ex 32,1-6).

A reação de Deus é dura. Não quer mais esse povo (“teu povo”, diz ele a Moisés, 3,7). Moisés, porém, torna-se mediador e lembra a Deus suas promessas, como Abraão lhe lembrou sua justiça (cf. Gn 18,25). E Deus se deixa convencer: “O Senhor desistiu do mal com que havia ameaçado o seu povo” (Ex 32,14). Essa narração representa Deus de modo bastante humano (antropomorfismo): tanto a cólera de Deus quanto seu arrependimento são modos de significar que Deus não é indiferente nem ao nosso pecado nem à

nossa prece. São maneiras humanas de falar de seu amor sem fim.

2. Evangelho: Lc 15,1-32

O Evangelho nos mostra Jesus em má companhia: “todos os publicanos e pecadores” (Lc 15,1). É um escândalo para os fariseus. Em duas parábolas menores, Jesus apresenta, então, uma imagem de Deus, descrevendo o pastor que só pensa na ovelha desgarrada, que está em perigo (15,3-7), e a dona de casa que procura intensamente uma moeda extraviada e fica fora de si de alegria quando a reencontra (15,8-10). E depois conta a parábola do filho perdido e reencontrado – obra-prima entre as parábolas de Jesus (15,11-32, na leitura longa, que evidentemente deve ser preferida à breve!).

Nessas parábolas, o pastor, a dona de casa, o pai de família parecem alegrar-se mais com o perdido que reencontraram do que com o que não se perdeu: o rebanho a pastar, as moedas no pote, o filho que fica em casa trabalhando... Como entender isso? Será que a “opção preferencial” pelas ovelhas perdidas leva ao esquecimento das que ficaram no rebanho? Pensar isso seria uma ideia bem mesquinha do carinho de Deus. Se o pai faz festa para o filho pródigo, é porque “aquele que estava morto voltou à vida”, e se não faz nada especial para o outro filho, que sempre está com ele, é porque o “estar sempre com ele” deve ser a mais profunda alegria (Lc 13,31-32). Olhando bem, porém, tem-se a impressão de que o filho mais velho optou por ficar com o pai apenas por comodismo (ou para ficar certo da herança). Se for assim, é ele que deve reconhecer seu afastamento interior e voltar ao pai; quem sabe se, então, o pai oferecerá um bom churrasco também a ele?

Reconhecemos no filho mais velho a figura do fariseu: tem as contas em dia, mas o coração longe de Deus. Não é tal a atitude dos que reclamam porque o padre anda nas favelas em busca de ovelhas perdidas, em vez



de rezar missas nos oratórios particulares ou ir a reuniões piedosas? Os que falam assim deveriam, felizes por ter Deus sempre diante dos olhos, ser solidários com a Igreja que busca os abandonados, em vez de se sentirem abandonados. Esqueceram quanta atenção receberam? Não perceberam que o próprio fato de se sentirem perto de Deus é sua felicidade? Em vez de criticar a prioridade dada aos excluídos, deveriam ser os primeiros a estimular o reencontro deles, tornando-se “agentes da reconciliação”.

Deus tem razão: quem vai bem, siga à frente (cf. Ap 22,11). Mas aquele que está errado é que necessita de atenção. O médico não vem para os sãos, mas para os doentes (cf. Mc 2,17). Já o pensamento “elitista” diz: ocupa-te com os “bons”, os que rendem. Não percas teu tempo com os que não valem nada, deixa-os se perderem. Deixa-os viver na falta de higiene e na subnutrição. Expulsa o povinho de sua área e o “primitivo” de suas terras...

O pensamento de Deus não é assim. Ele sabe que rejeitar um só homem seria a mesma coisa que rejeitar a todos, pois o princípio é o mesmo. Por isso, deseja ansiosamente a volta de qualquer um, até o mínimo, o mais rebaixado, aquele que conviveu com os porcos (que horror, para os judeus!). Pois esse perdido é seu filho, mesmo que o próprio já não se ache digno de ser chamado assim. Deus não pode esquecer seu filho (Jr 31,20; Is 49,15). Nós gostamos de resolver os “casos difíceis” pela expulsão, pela repressão (e vemos os frutos...). Deus opta pela reconciliação.

3. II leitura: 1Tm 1,12-17

Confirmando essa imagem de Deus, Paulo, na primeira carta a Timóteo, proclama que “encontrou misericórdia” (1Tm 1,13.16). Essa carta dirigida a Timóteo, que o acompanhou desde sua “segunda viagem” missionária (cf. At 16,1), é uma espécie de “testamento espiritual”. Inicia-se com o tema da vinda

de Jesus ao mundo para salvar os pecadores. Paulo mesmo experimentou isso e, ademais, recebeu uma missão importante, pelo que exprime sua gratidão.

III. Pistas para reflexão

Opção preferencial pelos pecadores?

Certo dia, tive de interromper uma palestra ministrada a um grupo de padres porque não aceitavam que os pecadores convertidos serão tão bem-vindos ao céu quanto os que se comportaram bem. Será que Deus é generoso demais para com os malandros que se convertem?

São Paulo diz com clareza: “Jesus veio ao mundo para salvar os pecadores, dos quais eu sou o primeiro” (2ª leitura). A 1ª leitura de hoje nos ensina que Deus é capaz de mudar de ideia: quando o pecador se arrepende, Deus o reconcilia consigo. O Evangelho (texto longo) nos mostra Deus como um pastor procurando a ovelha perdida ou como um pai que espera a volta de seu filho vagabundo.

Nós achamos estranho Deus dar maior atenção a uma ovelha desgarrada do que a 99 que permanecem no rebanho. Não será melhor que uma se perca do que o rebanho todo? Pois bem, foi exatamente isso que disse o sumo sacerdote Caifás para justificar o assassinato de Jesus. “É melhor que um morra pelo povo todo” (Jo 11,49-51)! Deus, porém, em relação ao pecador, não segue o raciocínio de Caifás. É mais parecido com um motorista que não se preocupa com aquilo que funciona bem, mas fica atento àquilo que parece estar com defeito. Os pensamentos de Deus não ficam parados nos bons; ele está mais preocupado com os extraviados. Faz “opção preferencial” pelos que mais necessitam, os que estão em perigo e, sobretudo, os que já caíram – pois para Deus nenhum mortal está perdido definitivamente. Quem caiu tem de ser recuperado. Essa é a preocupação de Deus. Com os bons, preocupam-se os



seus semelhantes; para Deus, todos importam. Por isso, ele se preocupa com quem é abandonado por todos. Ele não descansa enquanto uma ovelha estiver fora do rebanho. Ele não quer a morte do pecador, mas sua volta e sua vida (Ez 33,11).

E nós? Nós somos convidados a assumir os interesses de Deus. A Igreja deve voltar-se com preferência para os pecadores, orientá-los com todos os recursos do carinho pastoral e mostrar-lhes o incomparável coração de pai de Deus. Quem se considera justo, como o irmão do filho pródigo, não deve queixar-se desse modo de agir de Deus. Pois ser justo é estar em harmonia com Deus, receber dele o bem e a felicidade, estar realizado. Por que então criticar a generosidade de Deus para com o pecador convertido? O “justo” alegre-se com o pecador, aquele que realmente necessitava de atenção, o morto que voltou à vida! Mas talvez muitos se comportem como justos não por amor e alegria, em união de coração com Deus, mas por medo... E então, frustrados porque Deus é bom, resmungam, como Jonas quando a cidade de Nínive se converteu (Jn 4,1-11). “Não é a justos que vim chamar, mas a pecadores” (Mc 2,17).

25º DOMINGO DO TEMPO COMUM
18 de setembro

O bom uso das riquezas: desapego

I. Introdução geral

Num tempo de esbanjamento desbragado; num tempo em que se pretende resolver o desequilíbrio social estimulando o consumo de produtos que mais complicam que ajudam e, além disso, ameaçam o ambiente

natural; num tempo de narcisismo alimentado pela insaciável febre de compras e pela alienação induzida pelas mídias individuais, alcançam-nos, oportunamente, as severas advertências do profeta-agricultor, Amós, e do profeta-carpinteiro, Jesus, a respeito das riquezas.

II. Comentário dos textos bíblicos

1. I leitura: Am 8,4-7

Amós denuncia a injustiça institucionalizada no reino do Norte (Israel). Sua atuação se situa no momento em que já começava a declinar o “século de ouro” de Israel, no tempo de Jeroboão II (por volta de 750 a.C.). Faltavam poucos anos para o reino ser invadido e o povo ser deportado pelos assírios (722 a.C.). Entretanto, reinava a riqueza injusta, fonte de opressão, uns poucos tendo tudo e quase todos tendo quase nada.

O pecado dos “poucos” não é contra tal ou tal mandamento; aliás, eles observam as festas religiosas – mas com que espírito (cf. Am 8,5)! Pecaminosa é sua atitude global, caricatura da justiça e misericórdia que Deus espera de seu povo. Assim, Amós 8,4-6 é uma censura eloquente, denunciando que os ricos se tornam sempre mais ricos e os pobres, sempre mais pobres. No versículo 7 ressoa a ameaça do juízo.

2. Evangelho: Lc 16,1-13

O Evangelho parece ir na direção oposta da leitura do profeta Amós. Traz o texto conhecido como a “parábola do administrador desonesto”, na qual o dono da fazenda louva a ação pouco escrupulosa de seu administrador! É uma parábola que scandaliza, e é isso que Jesus quer, pois se contasse só coisas com que todo mundo está de acordo, ninguém prestaria atenção! Ora, entenda-se



bem: Jesus não propõe como modelo tudo o que esse administrador andou fazendo! Só quer ressaltar a sua “prudência” (= previdência), o resto não!

Jesus quer ensinar que a inteligência no uso dos bens deste mundo faz parte do Reino de Deus, em dois sentidos: 1) utilizá-los prevenindo a crise (juízo); 2) utilizá-los para fazer amigos para a eternidade (caridade). Inteligente é quem sabe escolher de quem ele será amigo, enquanto ainda tem oportunidade.

Vejamos o texto de perto. Diante da iminente demissão por causa de má administração da fazenda, o administrador comete umas fraudes em favor dos devedores do patrão, para poder contar com o apoio deles na hora em que for posto na rua. Será um exemplo? Em certo sentido, sim: era um homem que enxergava mais longe que seu nariz. Porém, não o devemos imitar na sua injustiça, mas na sua previdência. Não vem ao caso argumentar que os administradores costumavam definir pessoalmente sua “comissão” dos bens do patrão e que, portanto, esse administrador não foi propriamente injusto, mas apenas desistiu de sua comissão. Jesus mesmo o chama de administrador injusto (16,8). Mas mereceu elogios, até do patrão prejudicado, porque agiu com previdência. Sabia – melhor que aquele fazendeiro estúpido descrito em Lc 12,16-21 – que sua posição era precária e tomou providências. Sem esconder a imoralidade desse homem, Jesus observa que os “filhos das trevas” são geralmente mais espertos, nos seus negócios, que os filhos da luz. Ter consciência da precariedade das riquezas e utilizar as últimas chances para ganhar amigos para o futuro, eis o que Jesus quis ensinar.

O grande amigo que devemos ganhar para o futuro é Deus mesmo (“ser rico perante Deus”, Lc 12,21). Ganhamo-lo por meio dos pequenos amigos: seus filhos. A iminência do juízo (Lucas tomava isso bastante literalmente) nos deve levar à prática da caridade. Enten-

da-se bem: não se trata de fazer caridade para “comprar o céu”, mas para – com os olhos fixos na realidade definitiva que é Deus, Pai de bondade – transformar nossa vida numa prática que combine com ele. Já que sabemos o que é definitivo, ajamos em conformidade: sejamos misericordiosos como Deus é misericordioso (cf. Lc 6,35b-36).

O encontro com os amigos das “moradas eternas” inclui os coxos, cegos, estropiados, os pobres em geral, os que são convidados para o banquete eterno (cf. Lc 14,12-14.15-24). Temos amplas oportunidades de usar o “vil dinheiro” para conquistar esses amigos. Será que o dinheiro é vil? Não há dúvida. Não há um dólar que não seja manchado de opressão e exploração. Por meio dos bancos que investem minha aplicação compulsória do imposto de renda, estou investindo em indústria bélica, em projetos que acabam com o meio ambiente e assim por diante...

O dinheiro participa do sistema que o gera. O fato de eu poder “comer como um padre” participa de uma estrutura em que muitos não podem fazer isso. Então, alimentado como um padre, devo pelo menos fazer tudo o que posso para que os outros possam alimentar-se assim também. Ou estar disposto a não mais comer como um padre, pois esta não é a realidade definitiva. A caridade, pelo contrário, é definitiva e não perece nunca (cf. 1Cor 13).

3. II leitura: 1Tm 2,1-8

A 2ª leitura, extraída da leitura contínua das cartas de Paulo, trata de um tema diferente das outras. Paulo continua a reflexão em torno do anúncio da reconciliação que ele deve proclamar entre os gentios (cf. domingo passado). Nesse espírito, insiste na oração da comunidade, oração de agradecimento e intercessão por todos os homens (cf. também 17º domingo comum). O foco está na *comunidade orante*, no culto da comunidade, que comporta aspectos de petição, de adoração,



de intercessão e de ação de graças. Todos precisam suplicar e devem agradecer, pois Jesus salvou a todos, sendo mediador único, dado em resgate por nós. Essa é a verdade que salva. A comunidade está diante de Deus rezando e agradecendo por todos, elevando suas mãos, purificadas pela prática da caridade, como as mãos do Crucificado.

Nós devemos traduzir nossa busca de unidade e reconciliação no fato de tornar-nos mediadores de todos, assim como Cristo reconciliou a todos, tornando-se mediador, por sua morte salvadora. A última frase (2,8) pode servir de motivação para que a comunidade reze, por exemplo, o Pai-Nosso, com as mãos elevadas ao céu, “sem ira nem rancor”.

III. Pistas para reflexão

A riqueza bem utilizada: Nesta e na próxima semana, a liturgia dominical está usando os textos de Amós como “aperitivo” para, depois, alimentar-nos com as palavras de Jesus. Hoje ouvimos na 1ª leitura uma crítica inflamada de Amós contra os que “compram os pobres por dinheiro”. Mas, no Evangelho, Jesus conta uma parábola que parece louvar o suborno que um administrador de fazenda comete para “comprar” amigos para o dia em que for despachado do seu serviço. Admiramo-nos de que Jesus tenha escolhido esse exemplo para explicar que ninguém pode servir a dois senhores: Deus e o dinheiro.

Ninguém pode servir a Deus e ao dinheiro (cf. Lc 16,13). Há pessoas que observam as prescrições do culto, mas interiormente estão longe de Deus (cf. Is 29,13). Observam o sábado e a “lua nova” – festa religiosa tradicional no antigo Israel –, mas interiormente pensam em como explorar, logo depois, os pobres e os oprimidos com uma avareza sem fim: convertem em lucro até o refugo do trigo (Am 8,6; 1ª leitura). Para nada servem seus cultos e orações: Deus não os esquecerá (Am 8,7)! E, quanto aos oprimidos, Deus os le-

vantar-se (salmo responsorial). As palavras de Amós nos advertem a respeito do vazio da riqueza procurada por si mesma. A riqueza não apenas não nos acompanha (cf. Lc 13,16-21), mas pode tornar-se causa de nossa condenação. Que dizer, então, de uma sociedade que põe tudo a serviço do lucro?

Aí está a fineza de Jesus. Mostra que nem mesmo um administrador inescrupuloso almeja somente o dinheiro. Esse “filho das trevas” é providente, larga peixe pequeno para apanhar grande. Diminui o débito dos devedores para lograr a amizade das pessoas, a qual vai lhe ser muito mais útil que o dinheiro.

A lição para nós é: dar preferência àquilo que combina com Deus e o seu projeto, acima da riqueza material. E o projeto de Deus é: justiça e amor para com os seus filhos, em primeiro lugar os pobres.

A riqueza de nossa sociedade deve ser usada para estarmos bem com os pobres. A riqueza é passageira. Se vivermos em função dela, estaremos algum dia com “as calças na mão”. Mas se a tivermos investido num projeto de justiça e fraternidade para com os mais pobres, teremos ganhado a amizade deles e de Deus, para sempre.

Observe-se que Jesus declara o dinheiro injusto – todo e qualquer dinheiro. Pois, de fato, o dinheiro é o suor do operário acumulado nas mãos daqueles que se enriquecem com o trabalho dele. Todo o dinheiro tem cheiro de exploração, de capital não invertido em bens para os que trabalham. Mas já que a sociedade, por enquanto, funciona com este recurso injusto, pelo menos usemo-lo para a única coisa que supera a caducidade de todo esse sistema: o amor e a fraternidade para com os outros filhos de Deus, especialmente os mais deserdados e explorados. Assim corresponderemos à nossa vocação de filhos de Deus. Não serviremos o dinheiro, mas o usaremos para servir o único Senhor.



26º DOMINGO DO TEMPO COMUM

25 de setembro

Coitado, só tem dinheiro!

I. Introdução geral

As leituras do 26º domingo comum dificilmente deixarão insensível o coração do verdadeiro cristão. Trazem uma contundente crítica à ganância, que, esta sim, torna insensíveis as pessoas. As leituras de hoje trazem forte chamamento à conversão à solidariedade e à justiça social para a transformação de uma realidade injusta e iníqua, segundo a vontade de Deus. Essa necessidade de conversão não é apenas para os ricos, mas também para os pobres que têm coração e mentalidade de ricos e para todos os que não abrem os olhos para a realidade social injusta.

II. Comentário dos textos bíblicos

1. I leitura: Am 6,1a.4-7

Mais uma vez (como no domingo passado) Amós, mestre da ironia profética (veja as “vacas de Basã”, Am 4,1), critica a “sociedade de consumo” de Samaria e de Jerusalém (Sião). Os ricos, especialmente os da corte real, aproveitam a vida sem se importar com a “casa de José”, ou seja, com a ruína do povo. A “casa de José” são as tribos de Efraim e Manassés, filhos de José do Egito, que constituíram o reino do Norte (Samaria). José, porém, distribuía alimentos ao povo, enquanto os donos de Samaria tiravam o pão do povo. Por isso, essa elite tem de ir ao cativeiro, para aprender o que é a justiça e o direito.

Na leitura da semana passada, Amós revelava a ambiguidade dos ricos comerciantes

da Samaria. Hoje, censura-lhes a irresponsabilidade. Denuncia o luxo e a luxúria das classes dominantes. Evoca ironicamente a gloriosa história antiga: os ricos, porque têm uma cítara para tocar, acham que são cantores como Davi, enquanto o povo é ameaçado pela catástrofe da injustiça social e da invasão assíria. Por isso, esses ricos sairão ao exílio na frente dos deportados...

2. Evangelho: Lc 16,19-31

A insensibilidade ao sofrimento do pobre é também o tema da leitura evangélica deste domingo, a parábola do rico e do pobre Lázaro, Lc 16,19-31. Nesta parábola, própria de Lucas, o narrador acentua o perigo da riqueza. Mostra a insensibilidade de quem vendeu sua alma em troca de riqueza – de quem é tão pobre, que só possui dinheiro!

A descrição do pobre e de sua contrapartida, o rico, é extremamente viva. As sobras da mesa do rico não vão para o pobre, mas para o cachorro. Parece que é hoje. Significativo é que Lázaro tem nome, e seu nome quer dizer: Deus ajuda. O rico não tem nome, é ignominioso. Quando então sobrevém a morte, igual para ambos, o quadro se inverte. Lázaro vai para “o seio de Abraão” (é acolhido por Abraão no lugar de honra do banquete, podendo reclinar-se sobre seu lado). O rico, entretanto, vai para o *xol*, a região dos mortos, onde passa por tormentos. Há entre os dois um abismo intransponível, de modo que Lázaro não poderia nem dar ao rico um pouco de água na ponta do dedo para aliviar-lhe o calor infernal. Na realidade, esse abismo já existia antes da morte – o abismo entre ricos e pobres –, mas com a morte tornou-se intransponível, definitivo. Então, o rico pede que Lázaro possa avisar seus irmãos, que vivem do mesmo jeito que ele viveu. Mas Abraão responde: “Eles têm Moisés e os profetas. Nem mesmo se alguém ressuscitasse dos mortos, não acreditariam nele”: alusão a Cristo.



Dureza, isolamento, incredulidade: eis as consequências do viver para o dinheiro. Podemos verificar esse diagnóstico ao redor de nós, cada dia, e, provavelmente, também em nós mesmos. A pessoa só tem um coração; se o coração se afeiçoa ao dinheiro, fecha-se ao irmão.

Os ricos são infelizes porque se rodeiam de bens como de uma fortaleza. É a impressão que suscitam hoje os condomínios fechados. São “incomunicáveis”. As pessoas vivem defendendo-se a si e a suas riquezas. Os pobres não têm nada a perder. Por isso, “as mãos mais pobres são as que mais se abrem para tudo dar”.

Em nosso mundo de competição, a riqueza transforma as pessoas em concorrentes. A riqueza é vista não como “gerência” daquilo que deve servir para todos, mas como conquista e expressão de *status*. Tal atitude marca a riqueza financeira (capitalização sem distribuição), a riqueza cultural (saber não para servir, mas para sobrepujar) e a riqueza afetiva (possessividade, sem verdadeira comunhão). Considera-se a riqueza recebida como posse em vez de *oikonomía* (“economia”, palavra de origem grega cujo significado primitivo seria “gerência da casa”). Não se imagina o tamanho desse mal numa sociedade que proclamou o lucro e a competição como seus dinamismos fundamentais. Até a afetividade se transforma em posse. As pessoas não se sentem satisfeitas enquanto não possuem o objeto de seu desejo e, quando o possuem, não sabem o que fazer com ele, passando a desejar outro... Não sabem entrar em comunhão. Assim, a parábola de hoje é um comentário do “ai de vós, ricos” (Lc 6,24).

3. II leitura: 1Tm 6,11-16

A 2ª leitura de hoje não participa da temática principal da 1ª leitura e do Evangelho, mas completa-a, no sentido de apresentar o contrário da dureza e avareza.

As sete chaves do dízimo Segredo a ser descoberto

Pe. Jerônimo Gasques



O dízimo é um caminho que se aprende fazendo a experiência em conjunto, nem sempre fácil, pelos obstáculos que surgem e pela dificuldade de reflexão e entendimento. Neste livro, Pe. Jerônimo Gasques revela as sete chaves deste ato de amor a Deus. Chaves significam segredos escondidos que podem ser revelados, remetendo a portas que podem ser abertas quando se confia na verdadeira Palavra de Deus, que jamais falha.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





Imediatamente antes do trecho de hoje, a primeira carta a Timóteo fala da avareza, que chega a abalar a fé (6,10). Também os ministros da Igreja devem pôr-se em guarda contra ela. Depois, positivamente, exorta Timóteo a cultivar as boas virtudes (6,11-12), a ser fiel à profissão da fé (6,12.13), confiada a ele por Cristo, até sua volta (6,14.15-16). A Igreja está no tempo do crescimento; deve conservar o que lhe é confiado.

O testemunho de Cristo neste mundo não é nada pacífico. É uma luta: o *bom* combate. Importa travar esta luta – como o fez Paulo – até o fim, para que vivamos para sempre com aquele que possui o fim da História. (Poder-se-iam acrescentar à leitura os versículos seguintes, 1Tm 6,17-19, que são uma lição do que o cristão deve fazer com seus bens.)

III. Pistas para reflexão

A riqueza que endurece: Ouvimos as censuras de Amós contra os ricos da Samaria, endurecidos no seu luxo e insensíveis ao estado lamentável em que se encontra o povo. Jesus, no Evangelho, descreve esse tipo de comportamento na inesquecível pintura do rico e seus irmãos, que vivem banquetear-se, enquanto desprezam o pobre Lázaro, mendigo sentado à porta. Quando morre e vai para o *xeol*, o rico vê, de longe, Lázaro no céu, com o pai Abraão e todos os justos. Pede a Lázaro que venha com uma gota d'água aliviar sua sede. Mas é impossível. O rico não pode fazer mais nada, nem sequer consegue que Deus mande Lázaro avisar seus irmãos a respeito de seu erro. Pois, diz Deus, nem mandando alguém dentre os mortos eles não acreditarão. Imagine, se mesmo a mensagem de Jesus ressuscitado não encontra ouvido!

E nós? Nós continuamos como o rico e seus irmãos. Os pobres morrem às nossas portas, onde despejamos montes de comida inutilizada... (Alguma prefeitura poderia tal-

vez organizar a distribuição das sobras dos restaurantes para os pobres.) Será que devemos criar nova estrutura na sociedade, de modo que já não haja necessidade de mendigar nem supérfluos a despejar? Isso certamente aliviaria, ao mesmo tempo, o problema social e o problema ecológico, pois o meio ambiente não precisaria mais acolher os nossos supérfluos. Mas, ao contrário, cada dia produzimos mais lixo e mais mendigos.

O exemplo do rico confirma a mensagem de domingo passado: não é possível servir a Deus e ao dinheiro. Quem opta pelo dinheiro afasta-se de Deus, de seu plano e de seus filhos. Talvez decisivamente.

Em teoria, aceitamos essa lição. Mas ficamos por demais no nível pessoal e interior. Procuramos ter a alma limpa do apego ao dinheiro e, se nem sempre o conseguimos, consideramos isso uma fraqueza que Deus há de perdoar. Mas não fazemos a opção por Deus e pelos pobres em nível estrutural, ou seja, na organização de nossa sociedade, de nosso sistema comercial etc. Temos até raiva de quem quer mudar a ordem de nossa sociedade. Prendemo-nos ao sistema que produz os milhões de lázaros às nossas portas. Pior para nós, que não teremos realizado a justiça, enquanto eles estarão na paz de Deus.

A “lição do pobre Lázaro” só produzirá seu efeito em nós, “cristãos de bem”, se colocarmos a mão na massa para mudar as estruturas econômicas, políticas e sociais de nossa sociedade. Porém, que adiantariam novas estruturas se também não se renovassem os corações? Quem conhece a história sabe que nenhuma estrutura social ou econômica é definitiva, porque é fruto do trabalho humano, sempre provisório. As estruturas mais justas não dispensam a sensibilidade para com aquele que sofre, e é assumindo nossa responsabilidade diante do sofrimento de cada um, na dedicação ao amor fraterno, que cuidaremos também de tornar mais fraternas as próprias estruturas da sociedade.



27º DOMINGO DO TEMPO COMUM

2 de outubro

A soberania de Deus e nossa fidelidade

I. Introdução geral

O tema da liturgia de hoje é fé e fidelidade. O termo bíblico – *emuná*, em hebraico, *pistis*, em grego, *fides*, em latim – tem esses dois sentidos. Ora, a base de nossa fidelidade está na firmeza inabalável e soberana de Deus. Se dizemos que nossa fé nos salva, isso não é por causa da nossa qualidade, mas porque nossa fé nos une a Deus, que nos salva. Fé é adesão firme a Deus, que é fiel. É a total entrega ao seu desígnio, que muitas vezes supera nossa compreensão imediata, mas, em última instância, confirma-nos na salvação. No Antigo Testamento, por exemplo, na 1ª leitura de hoje, a fé é a adesão em autenticidade e lealdade a Deus; no Novo Testamento, trata-se da adesão a Jesus Cristo, que nos une a Deus.

II. Comentário dos textos bíblicos

1. II leitura: Hab 1,2-3; 2,2-4

Habacuc 1,2-2,4 é um diálogo entre Deus e o profeta. Diante da desordem que reina em Judá, nos últimos anos antes do exílio, Habacuc grita a Deus com impaciência, quase com desespero. Deus, porém, anuncia que tratará o mal da infidelidade com um remédio mais tremendo ainda: os babilônios. Quando Habacuc reclama contra essa solução – na leitura deste domingo –, Deus responde: “Eu sei o que faço; não preciso prestar contas; mas os justos se salvarão por sua fidelidade” (2,2-4).

O profeta se queixa, porque a impiedade está vencendo, porque o direito e o próprio justo são pisados ao pé. Deus, porém, não precisa prestar contas ao ser humano. Este é que lhe deve obediência, também nas horas difíceis: é a “fé/fidelidade” que faz viver o justo (2,4).

2. Evangelho: Lc 17,5-10

O Evangelho começa com a prece dos apóstolos: “Senhor, aumenta nossa fé!” Às vezes, precisa-se de muita fé para acolher a palavra de Jesus, pois o Evangelho não é tão evidentemente gratificante. Daí os discípulos dizerem: “Dá-nos mais fé!”

A resposta de Jesus é uma admoestação para que tenham fé que transporta montanhas! Jesus fala aqui no estilo hiperbólico, exagerado, dos orientais, mas não deixa de ser verdade que quem se entrega em confiança a Deus em Jesus Cristo faz coisas que outros não fazem e que o próprio crente não se julga capaz de fazer.

Somos como peões de fazenda, que, depois de terem executado seu longo e cansativo serviço, não podem reclamar, pois apenas cumpriram seu dever (cf. 1Cor 9,16). Assim como, em Habacuc, Deus não presta contas ao profeta, o “dono” na parábola do Evangelho não precisa prestar contas a seus servos. Depois da longa jornada dos servos no campo, ele pede que lhe preparem a comida e a sirvam, sem reclamar. Fizeram somente seu dever. É claro que Jesus não está justificando esse modo de agir do dono; apenas usa uma cena cotidiana de seu tempo para expressar que Deus não precisa prestar contas: quando o servimos, fazemos apenas o que devemos fazer.

Nossa mentalidade atual não aceita isso facilmente. Em nossa sociedade, a mínima prestação de serviço exige gratificação específica. Ainda que, muitas vezes, a gratificação não valha o serviço, essa mentalidade exclui todo o espírito do “simples serviço”. Até as prefeituras e governos estaduais fazem propaganda com as obras que nada mais são que a



execução de seu dever! Ora, no Reino de Deus, o que conta é o espírito de participação. Faz-se o que o Reino exige, sem cobrar nada extra. A recompensa existe no participar, como Paulo diz a respeito de anunciar o Evangelho gratuitamente (1Cor 9,16). Ao interpretar a parábola, devemos pôr entre parênteses os traços paternalistas da cena que Jesus evoca. O que ele quer mostrar é que participamos no projeto de Deus não em função de uma compensação extra, mas porque é a obra de Deus. O próprio Deus é nossa recompensa, e a realização de seu amor supera qualquer recompensa extra que poderíamos imaginar.

3. II leitura: 2Tm 1,6-8.13-14

A 2ª leitura é tomada do início da segunda carta a Timóteo. Esta carta impressiona-nos por seu estilo vivo – uma fotografia em alta definição do Apóstolo no fim de seus dias. É seu testamento espiritual. No trecho de hoje, Paulo exorta seu amigo Timóteo a manter a plena fidelidade ao Senhor. Pois também o ministro da fé deve firmar-se na fidelidade, para poder confirmar os seus irmãos na fé.

Em Romanos 1,16, Paulo escreveu que não se envergonhava por causa do Evangelho. A segunda carta a Timóteo repete a mesma afirmação, para exortar os pastores que o sucedem a se lembrarem de estar servindo ao Cristo aniquilado. Nas cidades do “mundo civilizado” de então, o cristianismo era ridicularizado e perseguido. Por isso, Paulo exorta seu discípulo a não se envergonhar e a guardar a doutrina sadia que dele recebeu (contra as fantasias gnósticas e outras que se introduziram no cristianismo primitivo). Exorta-o a guardar o “bom depósito”, ou seja, o bem depositado em Timóteo, a ele confiado (1,14). Esse “bom depósito” é a plena verdade do Evangelho. Repleto dela, o discípulo poderá distribuí-la aos outros, pois o cristão é responsável não só por sua própria fé, mas também pela fé e fidelidade do seu irmão.

Ora, nas circunstâncias daquele tempo e de todos os tempos, isso só é possível com a força do Espírito Santo.

Recebemos hoje, portanto, uma mensagem para valorizar a fé, até mesmo como base da oração. Mas nossa fé não é uma espécie de fundo de garantia para que Deus nos atenda. Assim como ele não precisa prestar contas, também não é forçado por nossa fé. Nossa fé é necessária para nós mesmos, para ficarmos firmes na adesão a Deus em Jesus Cristo. Deus mesmo, porém, é soberano e soberanamente nos dá mais do que ousamos pedir, como diz a oração deste domingo.

III. Pistas para reflexão

Somos simples servos: Quem não gosta de um elogio? Não estão nossas igrejas tradicionais cheias de inscrições elogiando os generosos doadores dos bancos e dos vitrais? Ora, o Evangelho de hoje nos propõe uma atitude que parece inaceitável a uma pessoa esclarecida: o empregado não deve reclamar quando, depois de todo o serviço no campo, em vez de ganhar elogio, ele ainda deve servir a janta. É um empregado sem importância especial; tem de fazer seu serviço, sem discutir...

Essa parábola não é para ensinar a forma de tratar os empregados. Jesus nos quer ensinar a estar a serviço do Reino, sem atribuímos importância a nós mesmos. Ele mesmo dará o exemplo disso, apresentando-se, na Última Ceia, como aquele que serve (Lc 22,27). Isso não rima com a mentalidade calculista e materialista da nossa sociedade, que procura compensação para tudo o que se faz – aliás, compensação superior ao valor daquilo que se fez...

Ora, se levamos a sério a parábola de Jesus, como ensinamos os empregados e os operários a reivindicar sempre mais (porque, se não reivindicam, são explorados)? Certamente, Jesus não quer condenar os movimentos de reivindicação, mas seu foco é ou-



tro. Ele quer apontar a dedicação integral no servir. Interesse próprio, lucro, reconhecimento, fama, poder... não são do nível do Reino, mas apenas da sobrevivência na sociedade que está aí. A parábola não quer desvalorizar as reivindicações da justiça social, mas insistir na gratuidade do serviço do Reino.

Diante disso, convém fazer sério exame de consciência acerca da retidão e da gratuidade de nossas intenções conscientes e de nossas motivações inconscientes. Na Igreja, tradicional ou progressista, quanta ambição de poder, quanto querer aparecer, quantas “compensaçãoezinhas”!

E mesmo com relação às estruturas da sociedade, a parábola de Jesus, hoje, ensina-nos a não focalizar única e exclusivamente as reivindicações. Estas são importantes, no seu devido tempo e lugar, para garantir a justiça e conseguir as transformações necessárias. Mais fundamental, porém, na perspectiva de Deus, é criar o espírito de serviço e disponibilidade, que nunca poderá ser pago. Quem vive no espírito de comunhão nunca achará que está fazendo demais para os outros.

“Somos simples servos.” Servindo com simplicidade, não em razão de compensações egoístas, mas em virtude da fidelidade e da objetividade, contribuimos com nossa participação no projeto de Deus.

28º DOMINGO DO TEMPO COMUM

9 de outubro

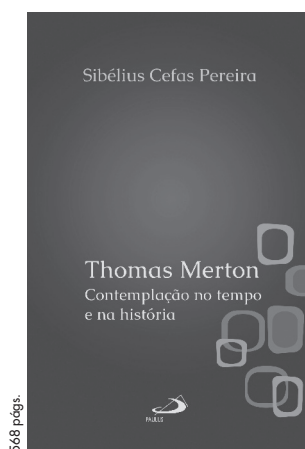
A graça de Deus e nosso agradecimento

I. Introdução geral

A liturgia do 28º domingo do tempo comum nos apresenta um tema bem caro ao

Thomas Merton Contemplação no tempo e na história

Sibélius Cefas Pereira



Thomas Merton assim se expressou: “A liberdade do cristão contemplativo não é a liberdade em face do tempo, mas a liberdade dentro do tempo”. Essa é a tônica que perpassa sua experiência contemplativa profundamente existencial. Contemplação como experiência de plenitude de vida. É o que o leitor poderá comprovar com a leitura deste livro, um trabalho que se propõe a aprofundar o tema da vida contemplativa em Thomas Merton, um verdadeiro eixo em torno do qual girou toda a sua vida e obra.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





evangelista Lucas e muito esquecido em nossa sociedade: a gratidão. Em nossos dias de individualismo e de egocentrismo exacerbado, por causa do mito do bem-estar e da idolatria do mercado, a gratidão brilha como uma luz nas trevas.

II. Comentário dos textos bíblicos

1. I leitura (2Rs 5,14-17)

A 1ª leitura é a história da gratidão de Naamã, o general sírio que ficou leproso. Aconselha-se, aos padres ou ministros da Palavra, que expliquem e contextualizem bem esta leitura, pois o trecho prescrito no Lecionário ficou muito truncado. O recorte litúrgico exige pelo menos pequena introdução narrativa, para pôr os ouvintes a par do que precedeu à entrada de Naamã na água do Jordão! É preciso lembrar como esse estrangeiro concebeu a ideia de consultar um profeta de Israel e, sobretudo, como queria montar um espetáculo, levando ricos presentes e vestes (2Rs 5,5). O poderoso general sírio queria que o profeta Eliseu o curasse por sua palavra, mas Eliseu o mandou banhar-se no Jordão, para que ficasse claro que não era Eliseu quem curava, e sim o Senhor de Israel e das águas do Jordão. O general, apertado, aprendeu a obedecer.

Então veio a hora de agradecer. Novamente, Naamã quer mostrar seu prestígio, oferecendo um presente digno de príncipe. Eliseu recusa, pois quem agiu não foi ele, mas foi Deus! Então vem o comovente fim da história: curado não só de sua lepra, mas de seu orgulho de militar, Naamã pede para levar consigo, nos jumentos, umas sacas de terra, para poder adorar, na Síria, o Deus de Eliseu sobre o chão de Israel! Além disso, pede antecipadamente perdão, porque, como funcionário real, terá de adorar também, de vez em quando, o deus sírio Remon; e Eliseu responde: “Vá em paz”...

As lições dessa história são diversas: a gratuidade do agir de Deus, pois o que o move não são as manias militarescas ou os presentes, mas a simples confiança de Naamã; a humildade do profeta, que só quer que Deus apareça; a comovente gratidão do sírio; a abertura de espírito do profeta quanto às obrigações religiosas do sírio; o fato de ele ser estrangeiro e, nesse sentido, o fato de Deus o atender gratuitamente, sem “ter obrigações” para com ele...

2. Evangelho: Lc 17,11-19

O Evangelho lembra, sob vários aspectos, a história de Naamã (1ª leitura). Trata-se de lepra. Dez leprosos são curados não imediatamente (exatamente como Naamã), mas somente depois de terem mostrado confiança inicial na Palavra de Jesus, que os mandou mostrar-se aos sacerdotes. Porém, quando eles obtêm a cura, a história se torna menos emocionante que a de Naamã: torna-se um caso grave de ingratidão. Só um dos dez volta para agradecer, e este é, por sinal, um estrangeiro (como Naamã), e, além disso, samaritano, inimigo dos judeus.

Parece que a graça de Deus é mais bem acolhida pelos estrangeiros. E é verdade, pois os estrangeiros se sabem agraciados, enquanto as pessoas da casa acham que tudo quanto recebem é “por direito” e, portanto, não precisam agradecer! Esquecem que tudo é graça. Acham que estão quites quando cumprem as prescrições: mostrar-se aos sacerdotes. Sua atenção é absorvida por seu próprio sistema. Por isso, diz-se que os piores cristãos são os que moram perto da Igreja: apropriam-se da religião e esquecem o extraordinário de tudo o que Deus faz.

3. II leitura (2Tm 2,8-13)

Na 2ª leitura, o “testamento de Paulo” (cf. domingos anteriores) chega ao ponto mais significativo: Paulo confia a seu coope-



rador, Timóteo, o Evangelho que ele mesmo pregou, o anúncio da ressurreição de Cristo, que garante também a nossa ressurreição – se ficarmos firmes na fé nesta palavra. Quem segue no trilho do Apóstolo arrisca-se. O amor ao Evangelho e aos “eleitos” exige empenho total. Isso é possível à luz da certeza de que Cristo foi ressuscitado dos mortos (2,8). Paulo está algemado, mas a palavra não está algemada (v. 9)!

As últimas frases da perícopa (2Tm 2,11-13) formam um hino. A palavra que é verdadeira nos ensina: se morrermos com Cristo, viveremos; se formos firmes, reinaremos com ele; se o renegarmos, ele nos renegará; (e agora uma quebra surpreendente nos paralelismos) se formos infiéis, ele será... fiel! À nossa infidelidade, Deus responde com sua fidelidade, pois não pode negar seu próprio ser!

III. Pistas para reflexão

Gratidão: Os textos nos convidam a refletir sobre a gratidão. A 1ª leitura nos oferece uma das mais belas histórias do Antigo Testamento. Naamã, general sírio, foi curado da lepra pelo profeta israelita Eliseu. Para mostrar a sua gratidão, levou consigo para a Síria, nos seus jumentos, uns sacos cheios de terra de Israel, com a finalidade de, lá na Síria, adorar o Deus de Israel no seu próprio chão! Em contraste com esse exemplo de singela gratidão, o Evangelho narra a história dos dez leprosos curados por Jesus, dos quais apenas um voltou para agradecer. E este era, por sinal, um estrangeiro (como o general sírio) e, pior, um samaritano, inimigo do povo de Jesus...

Gratuidade do agir de Deus, gratidão por tudo o que Deus faz: tudo é graça. O tema da gratidão é bem enquadrado pela liturgia toda. A oração do dia reza que a graça de Deus deve preceder e acompanhar nosso agir; devemos estar atentos ao bem que Deus nos dá

para fazer. O salmo responsorial (Sl 98[97]) e a aclamação ao Evangelho estão no mesmo tom. É também o dia indicado para ler o belo prefácio comum IV: agradecemos a Deus até o dom de o louvar! Graça, gratuidade, gratidão, agradecimento: é o momento de ensinar ao povo o parentesco, não apenas etimológico, mas vital, dessas palavras.

As antigas orações estão cheias de ação de graças. O próprio termo “eucaristia”, que indica a principal celebração cristã, significa “ação de graças”. Contudo, quando se faz, depois da comunhão, uma ação de graças partilhada, a maioria das pessoas dificilmente consegue formular um agradecimento; a oração de pedido é que lhes vem aos lábios. Numa missa, depois da comunhão, o padre convidou os fiéis a formular orações de louvor e gratidão, não de pedido, mas a primeira voz que se fez ouvir rezou: “Eu te agradeço, Senhor Deus, porque *te posso pedir* por meu marido e meus filhos...”.

A gratidão é uma flor rara. Brota, frágil e efêmera, nas épocas de trocar presentes (Natal, Páscoa...), mas desaparece durante o resto do ano. Quase ninguém agradece pelos dons que recebe continuamente, dia após dia: a vida, o ar que respira, os pais, irmãos, vizinhos...

Se fosse apenas o costume de pedir, não seria grave. Pedir com simplicidade pode ser outra face da gratidão – como aquele frei que, depois de uma boa sobremesa na casa de uma benfeitora, disse: “Minha senhora, não sei como mostrar minha gratidão por esse almoço e essa sobremesa tão gostosa... posso pedir mais um pedaço?” Ao contrário, porém, a mania de pedir *sem agradecer* reflete a mentalidade de nosso ambiente: sempre querer levar vantagem. Será por causa das dificuldades da vida? Mas os que têm a vida mais folgada é que mais pedem sem agradecer... Falta motivação para se dirigir em simples agradecimento àquele que é a fonte de todos os bens. Talvez não seja apenas a gratidão



que desapareceu. Receio que Deus mesmo tenha sumido dos corações.

Não só as pessoas individuais, também as comunidades eclesiais devem precaver-se desse perigo. Lutar pelo amor-com-justiça é bom e necessário, mas a luta deve estar inspirada pela visão alegre e alentadora do bem que Deus dispõe para todos, e não pela insatisfação e frustração. Um espírito de gratidão pelo que já se recebeu, em termos de solidariedade e fraternidade, é o melhor remédio para que a luta não faça azedar as pessoas. Então a desgraça que se vive não abafará a gratidão; será apenas um desafio a mais para que tudo o que fizermos seja uma ação de graças a Deus, conforme a palavra de Paulo na 2ª leitura.

O roteiro para a celebração do dia de Nossa Senhora Aparecida encontra-se no site da Vida Pastoral: vidapastoral.com.br

29º DOMINGO DO TEMPO COMUM
16 de outubro

Oração, fé e Escrituras

I. Introdução geral

A liturgia de hoje sugere dois temas importantes: a força da oração (1ª leitura e Evangelho) e a importância da Sagrada Escritura (2ª leitura). Ambos, porém, têm o mesmo pano de fundo: a esperança da salvação em Jesus. Para a reflexão (e a homilia), vamos insistir mais no segundo tema, especialmente pelo momento atual da América Latina. Nosso continente, de fato, está conhecendo há alguns anos verdadeiro movimento de redescoberta (católica e ecumênica) da Bíblia e, neste particular, é incentivado pelo Concílio Vaticano

no II, retomado na exortação *Verbum Domini* do papa Bento XVI.

II. Comentário dos textos bíblicos

1. 1ª leitura (Ex 17,8-13)

Na batalha contra os amalecitas, quem decide a vitória não é Josué, o general, mas Moisés, o homem de Deus, que reza de braços estendidos desde a manhã até a noite. Como toda boa catequese, também a de Israel gostava de histórias que falassem à imaginação. Assim é esta história, que conta como Moisés conseguiu a vitória de seu general Josué sobre os amalecitas, os eternos inimigos de Israel. Enquanto Moisés, segurando o bastão de força divina, ergue as mãos por cima dos combatentes, Israel ganha. Quando ele baixa os braços, Israel perde. Então, escoram a Moisés com uma pedra e sustentam-lhe os braços erguidos até o pôr do sol, quando a batalha é decidida em favor de Israel. A história não diz se o gesto de Moisés significava oração, bênção sobre Israel ou esconjuro do inimigo, mas, sendo Moisés o enviado de Deus, é evidente que se tratava de uma maneira de tornar a força do Senhor presente no combate. O gesto pode bem significar que Deus mesmo é o general do combate. O próprio gesto de levantar as mãos indica o relacionamento com o Altíssimo. Levantar as mãos a Deus sem cansar, eis a lição da 1ª leitura. O salmo responsorial comenta, nesse sentido, o *levantar os olhos* (Sl 121[120]).

2. Evangelho: Lc 18,1-8

No mesmo sentido, o Evangelho narra uma dessas parábolas provocantes bem ao gosto de Lucas. É a história da oração insistente da viúva. Uma viúva pleiteia seu direito junto a um juiz pouco interessado, provavelmente comprometido com o outro partido.



Porém, no fim lhe faz justiça, não por virtude e amor à justiça, mas por estar cansado da insistência da viúva. Quanto a nós, embora saibamos que Deus gosta de nos atender (não é como o juiz!), Jesus nos encoraja a cansar Deus com nossas orações! Mas, para isso, é preciso ter fé. Ora, acrescenta o Evangelho de Lucas: será que o Filho do Homem encontrará ainda fé, na terra, quando ele vier...?

Jesus ensinou a rezar pela vinda do Reino; mas quando esta vinda se completar, na parúsia do Filho do Homem, encontrar-se-á ainda fé na terra? (Lc 18,9; cf. 2Tm 4,1). Por isso, até lá, é tempo de oração. Devemos reconhecer a carência em que vivemos e assumi-la na oração insistente. Se não clamarmos a Deus para fazer justiça, sua vinda nos encontrará sem fé.

Lucas escreve no último quartel do século I que a fé está enfraquecendo. A demora da parúsia, as perseguições, as tentações da “civilização” do Império Romano, tantos eram os fatores que colaboravam para enfraquecer a fé. Os cristãos, vivendo num mundo inimigo, esperavam a parúsia como o momento em que Deus faria justiça em favor dos pequenos e oprimidos. Seria o Dia do Senhor. Mas estava demorando! Rezavam: “Venha teu Reino!” (Lc 11,2). Por outro lado, sabiam também que é difícil aguentar a pressão: “Não nos deixes cair em tentação” (11,4). Por isso, Lucas pergunta: se continuar assim, não terão todos caído quando o Filho do Homem vier? (Lc 18,8). Talvez isso seja uma advertência pedagógica, para insistir na necessidade de guardar a fé até que venha o Filho do Homem. 1Pd 3,9 está às voltas com o mesmo problema, mas oferece outra interpretação: Deus demora porque está dando chances para a gente se converter.

3. II leitura: 2Tm 3,14-4,2

A mensagem da 2ª leitura completa a das duas outras. Não apenas nossa oração deve ser insistente, não apenas devemos

Mística de olhos abertos

Johann Baptist Metz



“O objetivo deste livro é tratar, sob uma perspectiva teológica, a questão atualmente tão difundida quanto indefinida da ‘espiritualidade’ e das ‘espiritualidades’. Com minha sugestão de uma ‘mística de olhos abertos’, pretendo não só dar voz a um perfil imprescindível da espiritualidade cristã, mas também penetrar nas discussões sobre as crises que cercam Deus, a Igreja, as religiões e o mundo secular” (J. B. Metz).

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





guardar a fé; cabe-nos insistir também na pregação da palavra do Evangelho, oportuna ou inoportunamente!

A fé é uma graça de Deus, mas também algo que a gente aprende, tanto o conteúdo quanto a atitude. Isso vale, sobretudo, para quem tem responsabilidade na comunidade. Sua fé deve crescer pela leitura da Sagrada Escritura (2Tm 3,14-16), pela experiência vital e pela desinteressada transmissão da Palavra, traduzida novamente para cada geração. A palavra de Deus atinge as pessoas por meio dos semelhantes. Só o convicto consegue convencer. Daí a solene admoestação dirigida a Timóteo (2Tm 4,1-2): “Eu te peço com insistência: proclama a palavra, insiste oportuna ou inoportunamente...”.

Alguns anos atrás, na crise da secularização, procurava-se não incomodar o homem “urbano moderno” com a expressão franca da identidade cristã. Se alguém, prudentemente, expressasse uma exigência cristã, o interlocutor respondia, com um sorriso de compaixão: “Eu achava que o senhor fosse esclarecido!” Por isso, tornou-se comum esconder a visão cristã. Contudo, sobretudo agora, diante do sumiço da visão cristã, é melhor não ficar dando voltas, mas insistir, mesmo inoportunamente, naquilo que o Evangelho diz ao mundo. O tempo é breve. Se julgamos dever respeitar o homem moderno por ser secularizado, convém também lembrar que ele é, sobretudo, objetivo e não gosta de rodeios, mas quer logo saber qual é o assunto! Por isso, sejamos claros. Não se trata de fanatismo (que é disfarce da insegurança), mas de clareza e sábia insistência. Paulo aconselha exteriorizarmos nossa convicção (2Tm 4,2), especialmente porque o Evangelho que ele propõe é o da “graça e benignidade de Deus, nosso Salvador” (Tt 3,4; cf. 2,11).

Para isso, é necessário que o evangelizador “curta”, pessoalmente, toda a riqueza da Palavra e a sua expressão nas Sagradas Escrituras – também do Antigo Testamento –, que

forneçam a linguagem em que Jesus moldou seu Evangelho. Tudo isso é obra do Espírito de Deus (2Tm 3,16).

III. Pistas para reflexão

A Sagrada Escritura: A reflexão pode aprofundar o tema da 2ª leitura, que reforça o que o Evangelho diz sobre a oração: a assiduidade na leitura da Escritura (2Tm 3,14-16). Antigamente, os protestantes se distinguiram dos católicos porque, como se dizia, eles “liam a Bíblia”. De uns tempos para cá, isso mudou. Agora, a Bíblia faz parte também do lar católico, e isso não só para ficar exposta sobre um belo suporte de madeira entalhada... O Concílio Vaticano II nos exorta a ler a Sagrada Escritura usando as mesmas palavras de Paulo na 2ª leitura de hoje: a Escritura “comunica à sabedoria que conduz à salvação”, “é inspirada por Deus e pode servir para denunciar, corrigir, orientar”. E a recente exortação apostólica *Verbum Domini* do papa Bento XVI diz que a leitura das Escrituras deve ser a alma de toda a pastoral.

Ora, essa recomendação de Paulo e do concílio deve ser interpretada como convém. Não significa que cada palavrinha isolada da Sagrada Escritura seja um dogma. A Escritura é um conjunto de diversos livros e textos que devem ser interpretados à luz daquilo que é mais central e decisivo, a saber: o exemplo de vida e o ensinamento de Jesus – aquilo que faz Cristo crescer em nós e em nossa comunidade.

O centro e o ponto de referência de toda a Sagrada Escritura são os quatro Evangelhos. Em segundo lugar, vêm os outros escritos do Novo Testamento (as cartas e os Atos dos Apóstolos), que nos mostram a fé e a vida que os discípulos de Jesus quiseram transmitir. A partir daí, podemos compreender como deve ser interpretada a Bíblia toda, com a inclusão do Antigo Testamento, para que nos manifeste, mediante a fé em Jesus Cristo, a “sabedoria que conduz à sal-



vação” (2Tm 3,15). A recomendação de Paulo a Timóteo para que leia as Escrituras refere-se ao Antigo Testamento, as Escrituras de Israel (pois o Novo ainda não tinha sido escrito); à luz de Cristo, essa leitura se torna caminho de salvação. Quanto a nós, o Novo Testamento nos fala de Jesus, e o Antigo se torna leitura salvífica em Jesus, que, como verdadeiro “filho de Israel”, mostrou a plenitude do Antigo e o levou à perfeição. Jesus usou as palavras do Antigo Testamento para rezar e anunciar a Boa-nova do Reino. Sem conhecer o Antigo Testamento, não entendemos a mensagem de Jesus conservada no Novo. “Quem não conhece as Escrituras, não conhece Cristo” (São Jerônimo).

Jesus é a chave de leitura da Bíblia. Isso é muito importante para não fazermos de qualquer frase do Antigo (nem do Novo) Testamento um dogma definitivo! A lei do sábado, por exemplo, deve ser interpretada com esse profundo senso de humanidade que tem Jesus: o sábado é para o homem, não o homem para o sábado. As ideias de vingança, no Antigo Testamento, à luz de Jesus, aparecem como atitudes provisórias a serem superadas. Todos os trechos da Bíblia, por exemplo, as parábolas de Jesus, devem ser entendidos dentro do seu contexto e conforme seu gênero e intenção. Não devem ser tomados cegamente, ao pé da letra. Muitas vezes apresentam imagens que querem exemplificar um só aspecto, mas não devem ser imitadas em tudo (cf. o administrador esperto, no 25º domingo do tempo comum).

Por outro lado, importa ler a Sagrada Escritura no horizonte do momento presente, interpretá-la à luz daquilo que estamos vivendo hoje. Sem explicação e interpretação, a Bíblia é como faca em mão de criança ou como remédio vendido sem a bula: pode até matar! Ora, a interpretação deve se relacionar com a vida do povo. Por isso, o próprio povo deve ser o sujeito dessa interpretação, mediante círculos bíblicos e outros meios adequados.

30º DOMINGO DO TEMPO COMUM

23 de outubro

Deus justifica os humildes e os pecadores

I. Introdução geral

Neste domingo destacam-se, nas leituras, dois temas principais: a oração e a “justificação” do humilde e do pecador (1ª leitura e Evangelho), e a entrega da vida de Paulo no fim de seu percurso (2ª leitura). Este último texto é, antes de mais nada, um testemunho que contemplamos com admiração e gratidão. O primeiro tema tem um peso pastoral muito grande e merece reter nossa atenção especial.

II. Comentário dos textos bíblicos

1. I leitura: Eclo 35,15b-17.20-22a

A 1ª leitura, que poderia ser estendida um pouco mais, para que melhor apareça seu sentido, diz que Deus não pratica acepção de pessoas e faz justiça aos pequenos (pobres, órfãos, viúvas, aflitos, necessitados). Deus toma partido dos pobres e oprimidos, porque é o Deus da justiça: não conhece acepção de pessoas, escolhe o lado dos oprimidos. Em matéria de ofertas, não é a grandeza ou a riqueza do dom que importa, mas a atitude de quem o oferece e a disposição em ajudar os necessitados (35,1-5).

Isso é dito em oposição à maneira dos poderosos, que querem agradar a Deus por meio de sacrifícios perversos (Eclo 35,14-15a[11]). Oferecer a Deus o fruto da exploração é tentativa de suborno (35,14)! Deus não se deixa comprar pelas coisas que lhe oferecemos, pois não necessita de nada disso. Deus é reto, aten-



de os oprimidos e necessitados. Ele nos considera justos, amigos dele, quando lhe oferecemos um coração contrito e humilde (Sl 51[50],18-19). Nesse sentido, o salmo responsorial acentua: Deus atende ao justo e ao oprimido (Sl 34[33],2-3.17-18.19-23).

2. Evangelho: Lc 18,9-14

Deus nos considera justos, ou seja, amigos dele, quando lhe oferecemos um coração contrito e humilde. Por isso, engana-se completamente o fariseu de quem Jesus fala no Evangelho: acha que pode impressionar Deus com suas qualidades aparentes, seus sacrifícios e boas obras puramente formais, sem extirpar do coração o orgulho e o desprezo pelos outros.

No tempo de Jesus, os fariseus – e, hoje, os “bons cristãos” – usurpam a religião para vencerem a si mesmos e aos outros de sua justiça; desprezam os outros e querem negociar com Deus na base de suas “boas obras”. Porém, é a atitude contrária que encontra aceitação junto a Deus: a humilde confissão de ser pecador (cf. Sl 51[50],3). Quem já se declarou justo a si mesmo, como o fariseu, não mais pode ser justificado por Deus. O publicano, porém, que reza de coração contrito, se reconhece pecador e se confia à misericórdia de Deus, é considerado justo e volta para casa “justificado”.

Lucas acrescenta uma lição moral: “Quem se enaltece será humilhado; quem se humilha será enaltecido” (Lc 18,14). Mais profunda ainda é a lição propriamente teológica, refrão da teologia de São Paulo: quem se declara justo a si mesmo com base em suas obras rituais – como faziam os fariseus, convencidos de que a observância da Lei lhes dava “direitos” perante Deus – não é declarado justo por Deus, pois Deus é “inegociável” e declara alguém justo (reconciliado) com base na sua misericórdia e amor gratuitos. A justificação é de graça para quem entra na órbita do amor de Deus, pondo-lhe nas mãos a vida inteira, com pecados e fraquezas. Diante de Deus, todos ficamos devendo (cf. Sl 51[50],7). Os que se justificam a si mesmos,

além de serem orgulhosos, são pouco lúcidos! Portanto, melhor é fazer como o publicano: apresentarmo-nos a Deus conscientes de lhe estar devendo e pedir que nos perdoe e nos dê novas chances de viver diante de sua face, pois sabemos que Deus não quer a morte do pecador, mas sim que se converta e viva (Ez 18,23).

Esse pensamento deve extirpar a mania de nos achar os tais e de condenar os outros: a autossuficiência. Mas, para afastar a autossuficiência, é preciso, antes, outra coisa: a consciência de sermos pecadores. Ora, isso se torna cada vez mais difícil na atual civilização da sem-vergonhice. O ambiente em que vivemos trata de esconder a culpabilidade e até mesmo a condena como desvio psicológico. Que a culpabilidade *neurótica* passe do confessionário para o divã do psicanalista é coisa boa, mas não convém encobrir o pecado *real*. Tal encobrimento do pecado acontece tanto no nível do indivíduo quanto no da sociedade: oficialização de práticas opressoras e exploradoras nas próprias estruturas da sociedade, leis feitas em benefício de uns poucos etc.

Para sermos lúcidos quanto a isso, cabe observar que a autojustificação, entre nós, já não acontece ao modo do fariseu, que se gabava das obras da Lei de Moisés. Agora acontece ao modo do executivo eficiente, que tem justificativa para tudo: para as trapagens financeiras, a necessidade da indústria e do desenvolvimento nacional; e para as trapagens na vida pessoal, o estresse e a necessidade de variação... Hoje, já não são os fariseus que se autojustificam, mas os novos publicanos, que dizem: “Graças a Deus sou autêntico, não escondo o que faço, não sou um fariseu hipócrita como aquele ‘católico’ ali na frente do altar”!

Seja como for, saber-se pecador é o início da salvação. Isso vale para todos, ricos e pobres, mas para os pobres é mais fácil, porque estão em dívida com tantas coisas, que mais facilmente se dão conta de serem devedores. Ora, pecador não é apenas aquele que transgredie expressamente a Lei,



mas todo *aquele que não realiza o bem que Deus lhe confia*. Pensando nisso, reconheceremos mais facilmente que temos “dívidas”, como se rezava na versão antiga (e mais literal) do Pai-Nosso. Por isso, a liturgia começa com o ato penitencial. Antigamente, primeiro o recitava o padre, depois os fiéis – não se sabe por que a nova liturgia suprimiu esse costume...

Em consonância com o Evangelho, aconselha-se o prefácio IV dos domingos do tempo comum: Cristo nos justificou por sua morte.

3. II leitura: 2Tm 4,6-8.16-18

Neste domingo, termina a *lectio continua* da segunda carta a Timóteo, que é o emocionante testamento espiritual de Paulo. No fim de seu percurso, Paulo abre seu coração: “Estou para ser oferecido em sacrifício; aproxima-se o momento de minha partida. Combati o bom combate, guardei a fé” (4,6). O exemplo vale mais que as palavras. Paulo não só pregou; trabalhou com as próprias mãos. No fim da vida, ele tem as mãos amarradas, e outros escrevem por ele. Mas não fica amargurado. Suas palavras revelam gratidão e esperança. Ficou fiel ao seu Senhor e aguarda agora o encontro com ele (4,5).

Paulo sabia-se pecador, pecador salvo pela graça de Deus (1Tm 1,13; cf. Gl 1,11-16a; 1Cor 15,8-10). Na base dessa experiência, anela pelo momento de se encontrar com Aquele que, por mera graça, o tornou justo, o “Justo Juiz”, que o justificará para sempre, enquanto ninguém tomou sua defesa diante do tribunal dos homens (2Tm 4,16). O mistério desta vida de apóstolo era a caridade, mistério de toda vida fecunda. Ela não tem fim (1Cor 13,8) e completa-se no oferecimento da própria vida (cf. Rm 1,9; 12,1).

III. Pistas para reflexão

A oração do pecador: Será preciso ser santo ou beato para rezar a Deus? Será que os simples pecadores precisam “delegar” as

monjas ou algum padre muito santo para rezar por suas intenções?

O Antigo Testamento ensinava que “a prece do humilde atravessa as nuvens” (1ª leitura). Jesus, no Evangelho, faz desse humilde um pecador. Enquanto, na frente de todos, um fariseu se gloria de suas “boas obras”, um publicano – coletor de taxas a serviço do imperialismo estrangeiro – reza, a distância, com humildade e compunção. Jesus conclui: este foi, por Deus, declarado justo e absolvido, mas o fariseu, não.

O mais importante na avaliação geral de nossa vida não é o número e o tamanho de nossos pecados, mas nossa amizade com Deus. Como no caso do fariseu e da pecadora (Lc 7,36-50), alguém pode ter pouco pecado e pouquíssimo amor, e outra pessoa pode ter grandes pecados e imenso amor. Quem nada faz não peca por infração; só por desamor, e para essa falta não existe remédio. Quem só pensa em si mesmo – como o fariseu –, como Deus pode ser amigo dele?

É muito importante os pecadores manterem o costume de conversar com Deus na oração. E que saibam que Deus os escuta. Isso faz parte integrante da Boa-Nova de Cristo e da Igreja. A rejeição moralista aos pecadores é anticristã e contradiz o espírito da Igreja, que oferece o sacramento da penitência para marcar com sua garantia o pedido de reconciliação do pecador penitente. O sacramento da penitência é, jocosamente falando, um sinal de que se pode pecar, pois senão nem deveria existir!

Importa anunciar isso a quantos estão “afastados” por diversas razões (situação matrimonial irregular, vida sexual não conforme as normas, pertença à maçonaria, rejeição de alguns dogmas ou posicionamentos da Igreja etc.). Em alguns casos, essas pessoas poderiam, mediante devida informação e diálogo, ser plenamente reintegradas (declaração de nulidade de um casamento que na realidade não existiu etc.). Em outros casos, a plena vida sacramental continuará impossível, mas, mesmo assim, essas pesso-



as devem saber que Deus é maior que os sacramentos e presta ouvidos à oração de quem entrega sua vida quebrantada nas mãos dele.

Importa anunciar isso, sobretudo, ao povo simples, marcado por séculos de desprezo e discriminação, falta de instrução, missas ouvidas na porta do templo... Suas preces “a distância”, como a do publicano, serão certamente atendidas! Hoje, muitos deles já podem avançar até perto do altar; oxalá não se tornem fariseus!

31º DOMINGO DO TEMPO COMUM

30 de outubro

A misericórdia de Deus e a gratidão do pecador

I. Introdução geral

O tema principal deste domingo é o diálogo entre a graça e misericórdia de Deus e a gratidão do ser humano, a qual, por sua vez, se traduz em misericórdia para os filhos de Deus. “Um abismo clama ao outro”, diz o Salmo 42,8: a bondade insondável de Deus abre a misericórdia insondável do coração humano.

II. Comentário aos textos bíblicos

1. I leitura: Sb 11,23[22]-12,2

No tempo de Jesus, viviam em Alexandria do Egito muitos judeus, provavelmente a metade da população. A cidade era porto internacional, foi fundada por Alexandre Magno, e também era o maior centro da cultura grecófona daquele tempo (pense na famosa Biblioteca de Alexandria, a maior do

mundo, que pereceu junto com o Império Romano alguns séculos depois). Para a educação de seus filhos, e também para colocá-la na famosa biblioteca, a pedido do faraó, os judeus grecófonos de Alexandria haviam traduzido a Bíblia judaica para o grego (a “Septuaginta”), enriquecendo-a, inclusive, com alguns livros escritos originalmente em grego, os quais os rabinos de Jerusalém não assumiram na sua Bíblia canônica, com textos só em hebraico. Os cristãos de origem judaica eram geralmente grecófonos e assumiram mais tarde esses livros – são os “deuterocanônicos” de nossas Bíblias. Entre esses livros ocupa um lugar de destaque o livro da Sabedoria, dedicado a Salomão, “padroeiro” dos sábios, mas na realidade escrito por um sábio judeu alexandrino do tempo de Jesus.

Nesse livro encontra-se uma reflexão teológica sobre o Egito, o país que uma vez havia escravizado os hebreus e agora hospedava – com muita generosidade – os descendentes longínquos dos hebreus, os comerciantes e cientistas judeus de Alexandria. O sábio faz reflexões prudentes. O que os seus anfitriões egípcios continuam fazendo, adorando estátuas mudas, feitas por mãos humanas, é coisa abominável. Merece castigo de Deus. Aliás, Deus já os castigou no tempo de Moisés. Mas castigou-os com mansidão, com moderação, pedagogicamente. “Corrigiu-os” (Sb 12,1). Pois Deus ama a todas as suas criaturas. Senão, não as teria criado (Sb 11,24). Por isso, tem compaixão, fecha os olhos aos pecados dos humanos, para que se arrependam (v. 23). Os egípcios, Zaqueu, nós...

Deus é amigo dos humanos, “amigo da vida” (v. 26).

2. Evangelho: Lc 19,1-10

Não é preciso inventar uma “historinha” para captar a atenção do auditório. A própria narrativa do encontro de Jesus e Zaqueu capta plenamente a atenção do público, se lida com um pouco de sensibilidade dramatúrgi-



ca. É uma cena que pede representação, e se o grupo de jovens quiser fazer isso, num momento oportuno, será ótimo.

Há uma trama construída com diversos fios, que caem facilmente na vista. O primeiro é o fio da estatura, apresentado até com certo senso de humor. O grande chefe dos publicanos, Zaqueu, é fisicamente pequeno e se vê obrigado a subir – certamente pouco treinado – numa árvore para poder ver Jesus passar. Depois, Jesus o faz descer de sua “alta posição” para receber em sua casa o Messias que ele queria ver.

Exatamente o “ver” é outro fio da narrativa. Zaqueu quer ver Jesus e, para isso, eleva-se acima de sua própria estatura, mas o que acontece é que Jesus vê Zaqueu e lhe concede a graça de um “autoconvite” em sua casa.

O terceiro fio, o mais importante, é o da passagem de Jesus. Aparentemente, é a passagem de um peregrino que inicia, em Jericó, a subida de 1.200 metros de altura até Jerusalém, mas, de repente, essa passagem se transforma numa visita (ainda que autoconvidada) que cumpre a expectativa da “visitação” salvífica de Deus a seu povo (tema caro a Lucas: 1,68.78; 7,16; cf. 1,43; 19,44). “Hoje devo ficar na tua casa” (19,5); “Hoje a salvação entrou nesta casa, porque também este homem é um filho de Abraão” (19,9). Observe-se que Lucas, por enquanto, só enfoca o ambiente de Israel (“um filho de Abraão”, pois a plena universalidade da visita de Deus à humanidade só se dará depois da Páscoa-Pentecostes, quando Deus derramar seu Espírito universalmente – At 2,17-21, sentido pleno da profecia de Jl 2,28-3,2).

Nesta “visita” programática (pois deverá ser completada pela Páscoa, para a qual Jesus está subindo, e pelo Pentecostes), acontece o que deve acontecer: a salvação de Deus alcança seu povo, e isso se manifesta na transformação do rico baixinho em um homem humilde e de grande misericórdia: “O Filho do Homem veio procurar e salvar o que estava perdido” (19,10). O efeito da misericórdia que provoca

a misericórdia pode ser constatado matematicamente: “Senhor, eu dou a metade de meus bens aos pobres, e se defraudei alguém, vou devolver quatro vezes mais” (19,8). Mandou logo sacar da sua conta clandestina na Suíça...

3. Segunda leitura: 2Ts 1,11-2,2

A segunda leitura não foi escolhida em função das duas outras, mas em função da leitura contínua das cartas paulinas, no caso, as cartas aos Tessalonicenses. Estas tratam com atenção especial o tema da “parúsia” (= presença, vinda), a volta do Senhor Jesus para se reencontrar com seus fiéis, tema que combina muito bem com o fim do ano litúrgico que está para chegar. A segunda carta aos Tessalonicenses corrige alguns mal-entendidos que pessoas ingênuas andaram espalhando, a saber, notícias de uma “revelação” ou até carta de Paulo afirmando que “o dia do Senhor está próximo” (2Ts 2,2). Esse boato não era totalmente falso, pois, na sua primeira carta, Paulo havia escrito que, na vinda do Senhor, os que já faleceram iriam ao encontro do Senhor primeiro, antes daqueles que ainda estariam com vida, entre os quais Paulo se contava a si mesmo (1Ts 4,13-18).

Acontece que a 1 Tessalonicenses é o mais antigo escrito de Paulo e de todo o Novo Testamento. Foi escrita, estima-se, por volta de 50 d.C., quando os primeiros cristãos esperavam a volta do Senhor Jesus para bem em breve. Já a 2 Tessalonicenses, que ouvimos hoje, foi escrita bom tempo depois e procura acalmar a febre da parúsia, por exemplo, pela famosa exortação a fazer o trabalho de cada dia, pois “quem não trabalha também não deve comer” (2Ts 3,10). É neste sentido que o início da carta, que lemos hoje, exorta à fé viva, apoiada na oração, para que seja “glorificado o nome de nosso Senhor Jesus Cristo em vós, e vós nele, em virtude da graça de nosso Deus e do Senhor Jesus Cristo” (1,12) – o que é bem mais importante do que as especulações sobre o que não se pode saber (2,1-2).



III. Pistas para reflexão

O pecador encontrando-se com Jesus:

“Como eu não sei rezar, só queria mostrar meu olhar...”, diz o romeiro caipira de Pirapora... O Evangelho de hoje nos mostra assim uma pessoa que só quis encontrar, com seu olhar, o olhar de Jesus: Zaqueu, o chefe dos publicanos, aqueles corruptos que, por comissão, cobravam taxas para o imperialismo estrangeiro... Hoje em dia enfrentariam a operação Lava Jato.

Mas Zaqueu... Encontrando seu olhar, Jesus se convida a si mesmo para jantar em sua casa. A vida de Zaqueu se transforma. Converte-se, doa a metade de seus bens, restitui em quádruplo o que extorquiu (a lei romana obrigava a restituir o dobro).

Jesus veio para este encontro. Veio procurar o que estava perdido, e foi um grande dia para ele: Deus se revelou maior que o pecado.

Para nós, esse Evangelho traz muita esperança. Significa que *as pessoas não devem ser, sem mais, identificadas com seu pecado*, com o sistema injusto no qual estão funcionando, com o imperialismo romano cobrando im-

postos por franquia (os publicanos) ou com qualquer outro sistema. Sabemos hoje cientificamente o que sempre se soube intuitivamente: não basta converter as pessoas, é preciso transformar as estruturas. Mas o inverso é válido também. Jesus mostra que a conversão da pessoa abala também a estrutura iníqua, pois esta teve de largar sua presa! A conversão de um pecador significa que alguém escapou do sistema do mal; é sinal do novo céu e da nova terra que estão por vir.

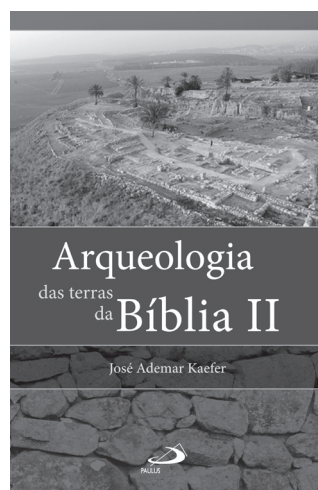
Em nossas comunidades, existem dois perigos opostos, ambos muito prejudiciais. Ou se condenam pura e simplesmente os ricos e burgueses como inúteis para a Igreja dos pobres, ou se coloca todo o peso nos problemas e nas conversões individuais, sem que isso chegue a atingir a realidade social. *Cada verdadeira conversão individual, tanto de um pobre como de um rico, mexe com as estruturas do mal e torna o reino de Deus mais próximo.*

E o papel da comunidade em tudo isso é: provocar o encontro do pecador com Jesus – ajudar Zaqueu a subir na árvore. E Jesus o fará descer para o encontro: “Hoje a salvação entrou nesta casa”.

Arqueologia das terras da Bíblia II Entrevista com os arqueólogos Israel Finkelstein e Amihai Mazar

José Ademar Kaefer

Este livro é a continuidade de *Arqueologia das terras da Bíblia I*, retomando alguns dos principais sítios arqueológicos ali tratados e apresenta outros novos. Na análise desses sítios, procura-se dar ênfase ao desenvolvimento de Israel Norte durante a Era do Ferro. O livro traz também entrevistas com dois importantes arqueólogos da atualidade: Israel Finkelstein e Amihai Mazar. Os dois apresentam um panorama geral dos principais avanços da arqueologia nas últimas décadas na região do Levante.



Imagens meramente ilustrativas.

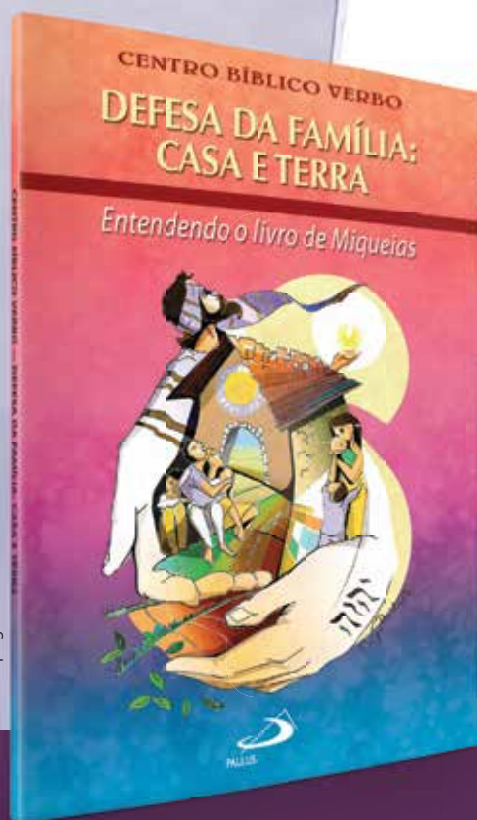
PAULUS,
dá gosto de ler!

paulus.com.br
11 3789-4000 | 0800-164011
vendas@paulus.com.br



Miqueias,

profeta da justiça
e da misericórdia



128 páginas

Defesa da família: casa e terra

Entendendo o livro de Miqueias

Centro Bíblico Verbo

No Ano Santo da Misericórdia, proclamado pelo Papa Francisco, o livro de Miqueias assume especial importância para os cristãos. Em *Defesa da família: casa e terra – Entendendo o livro de Miqueias* você encontra um guia para compreender profundamente a mensagem do profeta da justiça e da misericórdia, porta-voz do povo oprimido. A obra expressa o desejo da Igreja de que nos inspiremos para a construção do Reino da Vida: uma família em sua Casa Comum, a mãe Terra.

PAULUS,
dá gosto de ler!

paulus.com.br
11 3789-4000 | 0800-164011
vendas@paulus.com.br


PAULUS

vida pastoral *indica*

224 págs.



Introdução à Teologia Fundamental

J.B. Libanio, sj

Nesta introdução, João Batista Libanio aborda os elementos basilares dessa disciplina teológica, seu percurso histórico até a atualidade e suas perspectivas e desafios diante da evolução cultural e do quadro religioso contemporâneo.

328 págs.



A Igreja e seus ministros Uma teologia do ministério ordenado

Francisco Taborda, SJ

A Igreja não é um rebanho passivo, mas uma comunidade articulada em diferentes funções. A obra estabelece como a Escritura e a Tradição apresentam o ministério ordenado e analisa o sacramento da ordem e o valor nele expresso.

280 págs.



Igreja Comunhão viva

Paul Lakeland

Esta obra pode ser descrita como uma "eclesiologia desde baixo". Lakeland debruça-se sobre as marcas clássicas da Igreja, mas volta-se especialmente para o que podemos aprender sobre a Igreja como comunhão viva.

240 págs.



Mercado versus Direitos Humanos

Franz J. Hinkelammert

O livro versa sobre um tema fundamental dos dias de hoje: o conflito entre mercado e direitos humanos. Para Hinkelammert, o principal violador dos direitos humanos é esse mercado sacralizado, que nega aos excluídos a dignidade.

136 págs.



Questões contemporâneas de Teologia

Paulo Sérgio Lopes Gonçalves

Nesta obra, o autor intui que teologia é ciência que reflete criticamente a fé em consonância com o caráter contemporâneo da História. Para desenvolver essa intuição, aborda a hermenêutica, a teologia da libertação e o humanismo.

240 págs.



Teologia do processo Uma formação básica

C. Robert Mesle

A obra apresenta uma forma de pensar em Deus e em nosso mundo que explora questões profundas sem se afastar do senso comum. O resultado é uma cartilha sobre os fundamentos da Teologia do Processo.

PAULUS,
dá gosto de ler!

paulus.com.br
11 3789-4000 | 0800-164011
vendas@paulus.com.br

